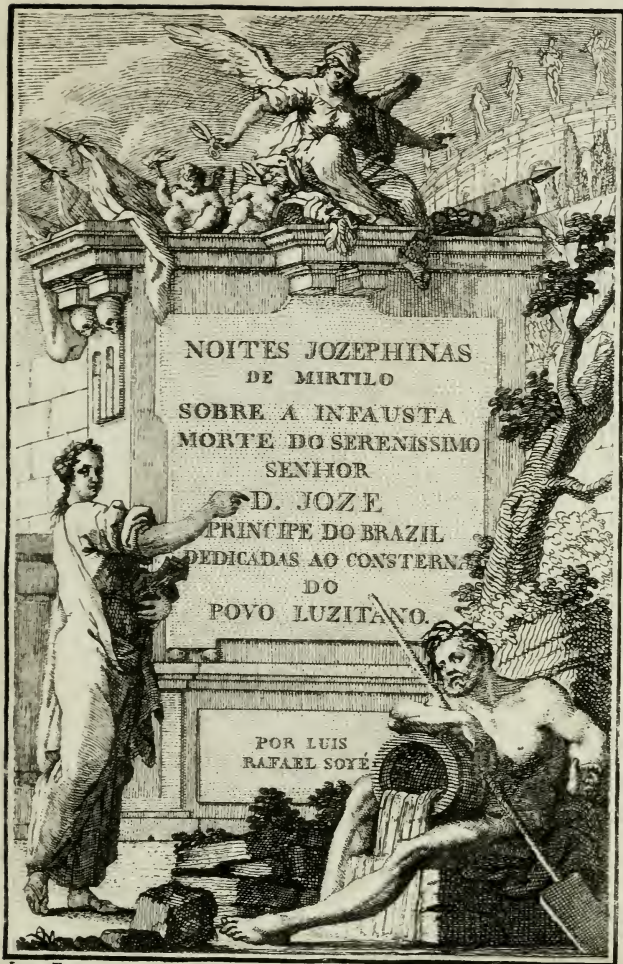
Silva sc. *Clavo imperii moderando eximiis dotibus*
*a Natura ditatus*

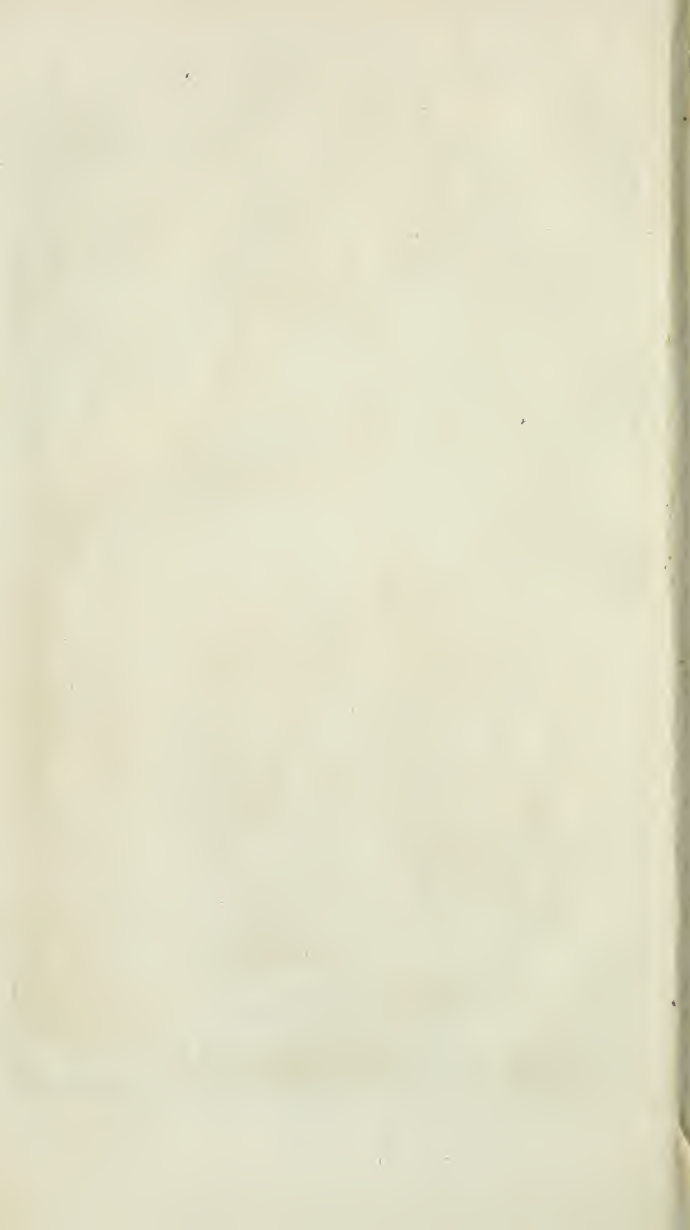
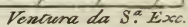
Joan. Berr: inv. — e sculp. Lx.

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA. ANNO M. DCC. LXXXX.

*Com Licença da Real Meza da Commissaõ Geral, sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

MUSA SUBLIMIOR
NATURÆ INTERPRES
LUIS RAFAEL
SOYÉ
Trou ef p. Ser. de Barr: inv.
G. Frois sc. Lx.a

L. R. Soyé inv, del, primo...... Sculp. Lx.ª

*Ioaó Tomas da Fon.ca Inv.* *Ventura da S.a Exc.*

# NOITE I.

I

SUSPENDE, Atropos fera. ai!. ai! não córtes
Vida tão precioza... Mas... que vejo?
Deſgraçados de nós!.. a Parca bruta
Os anneis da tizoura unio ſem pejo.

2

Ai!. ai!. eſtremeceo.. o ultimo arranco
O leito fez tremer;.. a morte dura,
Bafejou-lhe o ſemblante... ah já nos olhos
Apagou mortal ſopro a luz mais pura!

 Com-

3

Completou-ſe por fim o ſacrificio...
A victima eſpirou... a final pena
Executada eſtá... rompeo-ſe o laço...
Voou do corpo ao Ceo a alma ſerena.

4

Triſte coração meu.. em pranto, em queixas
Derrama o teu' pezar... os teus gemidos
Prendão os rios... e os ligeiros ventos;
Os penedos lamentem condoidos.

5

Troncos, já que abrandar-vos conſeguírão
Mil vezes dos amantes os queixumes,
Chorai o maior damno, que podião
Talhar da Parca os encruzados gumes.

6

Chorai montes, e valles: chorai prados..
Faunos dos noſſos boſques, e Napeias...
Chore todo o vivente, que reſpira
Do Minho, e Guadiana entre as areias.

7

Deſventura cruel, feroz deſgraça,
Porque offuſcas de Lizia a feliz ſorte?
Porque do Erébo na caverna eſcura
Affrouxaſte o grilhão á crua morte?

A

8

A deſcarnada mão a Parca fera
Sobre o peito lhe eſtende... Ah Luſitanos!
Com ella do calor lhe extingue o reſto...
Lamentai... lamentai da morte os damnos.

9

Dia o mais infeliz de quantos dias
A' coſta occidental o Sol tem dado:
Já que trouxeſte tão fatal ſucceſſo,
Foge, foge de nós arrebatado.

10

Entre affumada nevoa appareceſte
Sobre o noſſo Horizonte macilento;
Da tua commiſsão horrorizado
Nas grutas s' eſcondeo gemendo o vento.

11

Encubrindo co' as mãos o roſto eſquivo,
Deſce de Thetis ao Ceruleo ſeio;
Já que cheios nos deixas de amargura,
Vai teu leito buſcar de mágoas cheio.

12

Vai-te, e por noſſos ais quaſi obrigada
Venha a Noite mais ſedo aos noſſos montes:
Negra filha do Cahos... mãi do deſcanſo,
Vem de Lizia enlutar os horizontes.

13

Tudo fórra da cor, de que tingidos
Temos os corações amargurados...
Vem de negro vestir os nossos valles,
Outeiros, praias, mar, bosques, e prados.

14

Tagides lindas.. desgrenhai as tranças..
Dos ternos seios desterrai amores...
Nelles agazalhai de hoje em diante
Só tristes ansias, só pungentes dores.

15

Nadando ao cimo das ferventes aguas,
Ouvi a minha rouca voz confuza...
Chorai mais, que no placido Erymano
Entre as Irmans chorou triste Faetuza.

16

E vós, ó Luzos, que a pezar dos ventos,
Que sólta, e prende Adamastor ufano,
Sem de Juno temer impunes dólos,
Nem as vinganças d'Eolo deshumano.

17

Mais destemidos, que de Tyro os póvos
Em curvas pranchas por incerto rumo
Fostes de Calecut ferrar a areia,
Que primeiro sondou pezado prumo.

Vós,

18

Vós, que altivos pizando as meias Luas,
Rompendo armadas, barbaras falanges...
Levaſtes os grilhões, em que ficárão
Prezos os pés do embravecido Ganges.

19

Luſitanos! ...ouvi...ouvi tremendo...
Ah Mercurio! dos Deoſes menſageiro,
Tu que animas da fama as cem trombetas,
Conta o fatal ſucceſſo derradeiro.

20

Luſitanos,..ai!..ai!..o alento falta...
Luſitanos,..o pranto me ſuffoca...
Luſitanos,..ſoltar a voz não poſſo...
Luſitanos,.. a dor ſecca-me a bocca.

21

Luſitanos;..mas já o amargo pranto,
Tendo entre os roxos labios franca entrada,
A lingua humedeceo-me, que já ſecca
Eſtava ao paladar quaſi pegada.

22

Com lingua pois banhada em pranto triſte..
Coroado co' a rama do Cypreſte...
Com face macilenta, errantes olhos,
Envolto em ſepulcral, eſcura véſte.

Com

23

Com voz, que cortão ais.. queixas.. ſoluços,
Ao diſſonante ſom da negra Lyra...
Myrtillo te annuncia o maior golpe,
Que podia vibrar dos Ceos a ira.

24

O voſſo... ah crua Parca enfurecida!
Já que para o ferir tiveſte alento,
Ajuda-me a eſpalhar o doce nome,
Que objecto foi do teu rigor cruento.

25

Voſſo Principe amado... o virtuozo...
Jozé Auguſto... Mas perdeis as cores?..
Voſſos cabellos já o ſuſto eriça?..
Ah!. ſim!. morreo!. ſoltai triſtes clamores.

26

Já viſtes n'outro tempo a medo o Téjo
Erguer ſobre o ſeu leito cryſtallino
A cabeça croada d'eſpadana,
Para obſervar de Affonſo o máo deſtino.

27

Lembrai-vos do pavor arrebatado,
Com que deixando o Pai, as claras aguas
Para Affonſo eſtendeo, com são deſejo
De poupar-lhe co' a vida as voſſas mágoas.

Mas

28

Mas a pezar dos voſſos vãos gemidos,
Quando o Rio chegou já furiozo,
O indomito animal c'os pés ferrados
Terminára o ſeu fado deſditozo.

29

D' hum pobre peſcador na vil palhoça
O viſtes expirar acompanhado
Da carinhoza mãi, da eſpoza terna,
E do Rio, que a dor tinha eſpraiado.

30

Não he, Povo diſtinto, a vez primeira,
Que te rouba nos Principes a Morte
As tuas eſperanças, quantas vezes
O teu ſeio raſgou ſeu fatal córte?

31

Do terno Dom Miguel no peito brando
O punhal não cravou atraiçoada?
Sem reparar, que do Leão ao throno
Lhe dava a deſcendencia aberta entrada?

32

Do terceiro João o nono filho
Deſprezando ameaços do futuro,
A enfurecida Parca ſanguinoza
Não levou dos Irmãos ao fim eſcuro?

Lá

33

Lá de Alcacer Seguer, quando o terreno
Com o ſangue dos noſſos foi regado,
Amargurada por teu Rei a fama
Os pêzames não deo ao mar ſalgado?

34

Do amavel Theodoſio a gravidade,
O terno coração, ſaber prudente
Suſpendêrão-lhe o braço por ventura?
Não fez eſpadanar ſeu ſangue quente?

35

Mas tu, Povo fiel, já me reſpondes...
Noſſo Auguſto Jozé já promettia
Mais bens que Micerino, que Adriano
Derramárão no Povo, que os ſervia.

36

Ah Noite! que mais triſte hoje ennegreces
O carregado ar, que reſpiramos,
Das noſſas juſtas mágoas em obſequio,
Em attenção á dor, que ſupportamos.

37

Reprime hum pouco mais co' as fittas negras
O voo dos pardos mochos penugentos,
Que o teu carro conduzem denegrido
Sobre as eſpadoas dos canſados ventos.

Gy-

38

Gyra mais de vagar noſſo terreno...
E já que nos fugio toda a alegria,
Dos afflictos mortaes amiga Noite
Nunca chegar a nós deixes o dia.

39

Pára,..e eſcuta como ao ſom horrendo,
Com que raivozo o mar ſolto rebenta,
Nos cortados penedos eſcabrozos,
Que ſe cobrem de eſcuma macilenta.

40

Eſcuta as froxas vozes dolorozas,
Com que triſte Myrtillo ſuſpirando,
Da amortecida Luſitania buſca
A vida deſpertar no ſeio brando.

41

Inſpiraſte a Young, a Hervey dictaſte,
A Bertóla enſinaſte a dar gemidos
Pelo ſabio Clemente: a mim não deixes,
Jozé tambem merece os ais ſentidos.

42

Mãi fecunda de Heroes, ó Luſitania,
A quem hoje o deſtino mais perverſo
Que o louco Epymetêo, com mortal golpe
Sacrificar buſcou ao fado adverſo.

Di-

43

Ditoza Patria, a cujo illuſtre nome
Ainda ergue o Baxá o ſeu turbante,
A cujos eſtandartes reſpeitozo
Encolhe hum pouco os hombros Atlante.

44

Sentada neſta tua longa praia,
Que eſtás vendo deſerta, ſólta, ſólta
As redeas ao teu pranto, chora, chora,
Em quanto em noite aqui te vês envolta.

45

Porém, a fim que a dor te não ſuffoque
Myrtillo, que em teu ſeio tens creado
Entreter-te deſeja... Ouve-me attenta...
Por ora enxuga o pranto derramado.

46

Mas.. ai!. que inda de Phebo o gyro certo
Não perturbou a noſſa deſventura!
Ravaillaques, e Probos ſem abalo
Vê nas trévas entrar da ſepultura.

47

Ao dia mais fatal já vem ſeguindo
Outro dia mais claro, e tranſparente,
A mãi de Mémnon já por entre as nuvens
Sólta o cabello mais que o Sol luzente.

48

A Noite já ligeira vai fugindo...
Fujamos nós tambem... em cavas grutas
Vamos humedecer com trifte pranto
Faces, que nunca devem fer enxutas.

49

Vamos, afflicta Lizia, e em diante,
Quando virmos que o Sol já mergulhado
Deixa entregue ao filencio, á efcuridade
O noffo ameno Téjo amargurado.

50

Quando ás curvas fatexas amarrados
Deixarem os bateis os Pefcadores,
E levarem o peixe inda faltando
Para nutrir d'Amor ternos penhores.

51

Quando Glauco, e Palemo com as Ninfas
Defcendo ás fundas lapas cavernozas,
Cederem ao vapor das dormideiras
Sobre as moles efcumas falitrozas.

52

Quando todo o vivente adormecido
Adquirir novas forças para a vida,
A paz, que habita entre os já mortos homens,
Será c' os noffos ais interrompida.

Trif-

53

Triſtes ais enlutados ſoltaremos,
Que eſpalharáõ fieis os noſſos males:
Soaráõ noſſos fervidos gemidos
Nos altos montes, nos profundos valles.

54

Filha do coração noſſa triſteza
Rodeada de pávidos ſuſpiros
Por entre as ſombras, que de ſi bafeja
Da Noite ſeguirá errantes gyros.

55

Cedendo ao triſte ſom dos noſſos gritos
A pezada, voraz Melancolia
Solto o negro cabello, ſolto o manto
Fazer-nos-ha gemendo companhia.

56

Tantos ſerão os ais, tantas as queixas,
Que daremos ao ar entriſtecido,
Tantas as quentes lagrimas ſaudozas
Com que o chão ficará humedecido.

57

Tantos ſerão os intimos ſuſpiros,
Que dos Ceos ſubiráõ aos altos cumes,
Que os Divinos talvez compadecidos
Ouviráõ noſſos lugubres queixumes.

Os

58

Os Deoſes não são duros, nem tyrannos,
Não são barbaros, crus, não são perjuros;
São benignos, fieis, são piedozos,
Virtudes nutrem ſó nos ſeios puros.

59

Cedem á compaixão mui facilmente,
Achão doce prazer, doce alegria
Em reſgatar a pobre humanidade
Da eſcravidão, da dor, e d'agonia.

60

Mudos nem ſempre vem o innocente
Soffrer o pezo da injuſtiça infame,
A ambição dos Perſéos nem ſempre deixão
Que dos Demetrios as ruinas trame.

61

He verdade que vírão ſocegados
Nas praias de Corintho hum cazo infauſto;
O enteado de Fedra inceſtuoza
Vírão á Furias vís feito holocauſto.

62

A fatal onda vírão montuoza,
Que rebentando ſobre a ſolta areia,
Lançou do prenhe ſeio entre alva eſcuma
Monſtro de catadura horrenda, e feia.

Ví-

63

Vírão delle assustados os cavallos
Lançando fogo, e sangue pelas ventas,
Os duros freios com furor mordendo
Ceder do crime á imprecações cruentas.

64

Os pés nas redeas fluctuantes prezos,
Todo o corpo gentil ao chão cahido,
Vírão de rastos ir, em quanto o carro
O eixo não largou em dois partido.

65

O seu manto Real cortado vírão
Pelas rapidas rodas, que soavão,
E cubertas as silvas dos cabellos,
Que os agudos espinhos lhe arrancavão.

66

O carro vírão sobre agudas penhas,
Dos brutos c'o furor despedaçado,
Hippolyto infeliz vírão quietos
Da vingança ao rigor sacrificado.

67

Capacete, e broquel vírão quebrados,
As limpas armas com a quéda rotas,
Do seu vertido sangue sobre os seixos
Vírão fumar as encarnadas gotas.

Vi-

68

Vírão da Morte o nevoeiro efcuro
Nos olhos apagar-lhe a luz da vida,
Vírão nas azas d'um mortal fufpiro
Sua alma pura aos altos Ceos erguida.

69

Hippolyto gentil, modefto, e nobre
Vírão da vil paixão victima feito,
E a innocencia em Trezeno affim tratada
Deixaria de ter nos Ceos effeito?

70

Os Deozes juftos fem perder inftantes
Determinão croando o innocente,
E de Fedra punindo o brutal erro
Dar mais hũa lição á humana gente.

71

Talvez que ouvindo as triftes mágoas duras,
Que publicando vão noffos gemidos,
Affim como em Trezeno fe moftrárão,
Tambem por nós fe moftrem condoidos.

72

De Tefêo, affim como o filho augufto
Da Parca defpedaça o grilhão forte:
Talvez o noffo Principe adoravel
Poffa quebrar tambem laços da Morte.

Tal-

73

Talvez aos Póvos, que por elle gritão
Concedido outra vez Jozé se veja;
C'o Hippolyto porém julgo o divizo:
Entre os Astros no Ceo..ah..sim..chameja.

74

Arbitra opinião...tu que absoluta
Os homens levas sempre onde desejas,
Phocas, e Cromwels tu que enthronizas,
Menzikofs, e Colberts tu que apedrejas.

75

Em obsequio á verdade, e mais virtudes,
Do futuro bom Rei Jozé segundo,
Quanto nelle perdemos, vai ligeira
Com pranto publicar por todo o mundo.

76

Este espesso vapor, que em nossos peitos
A penetrante dor turbida infesta,
Seccará pelos valles, pelos prados
Papoila, Malmequer, Lirio, Giesta.

77

Da Murta a branca flor, a Madre-silva,
Alvos Jasmins, candidas Boninas,
Tintas por elle ficaráõ mais negras,
Que os Esacos nas aguas crystallinas.

En-

78

Entre os já deſcarnados eſqueletos
Na prezença do tumulo ſevero,
Que encerra dentro em ſi o varão juſto
Por quem entriſtecer as penhas quero.

79

Ao ſoar melancolico, e ſentido
Das cordas, que a triſteza dezafina,
Chorando eſpalharei quanto a Virtude
Dos homens a favor ſábia me enſina.

80

Por Myrtillo jámais ſerá cantado
O bruto frenezi, que a guerra inſpira;
Ferozes Kouli-Kans de louro eterno
De Myrtillo croar não ha de a Lyra.

81

Do Principe Jozé a ſaudade
Meu plectro move ſobre as negras cordas;
Da ſábia Natureza ſerei Vate:
Rabida Inveja, inda que os pulſos mordas.

82

Hoje em meu coração extinta fica
A lembrança dos danos já ſoffridos:
Das feias ſem-razões; tenções perverſas;
Dos males por deſvelos recebidos.

83

Os homens forão taes em todo o tempo,
Por elles nunca o bem foi premiado:
Servillos quero em fim para vingar-me,
Podellos emendar não me foi dado.

84

A ambição de ser util aos humanos:
De virtudes louvar o alto desejo:
E em fim por dar á gratidão tributo,
Ao som da Lyra erguer a voz forcejo.

85

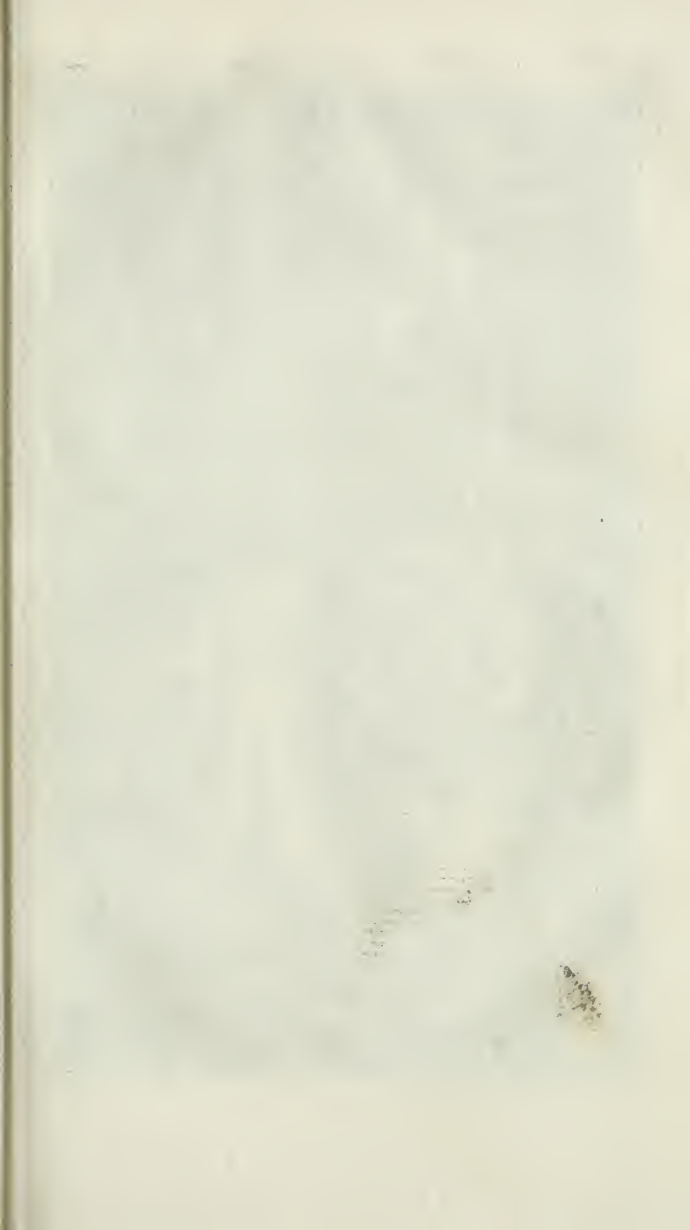
E como o extinto Humano, que choramos,
Além da distinção, que ao Throno o erguia:
Das Artes, e Sciencias no theatro
Só para o nosso bem se distinguia:

86

Das bellas Artes, das Sciencias claras
O importante favor invocaremos,
A fim de dignamente aos Póvos dar-mos
Versos com que seu Nome eternizemos.

87

Vamos, que já raiando vai o dia:
Adeos, Lizia fiel, a quem venero,
Na escura habitação dos mortos homens
Ao pôr do Sol para chorar te espero.

NOI-

*José Thomas da Fonca inv.* *Lucas sc. Lxª 1789*

# NOITE II.

I

POR entre o nevoeiro eſcuro, e denſo,
Que exhala eſte lugar ſem fazer pauza,
Fruſtrando a oppoſição eſpeſſa, e negra,
Que do Sol creador aos raios cauza.

2

De Heſperion já ſe vê o filho amado
Deſcer ás verdes ondas ſomnolento:
Já canſado ſuſter não póde os brutos,
Que vão ſorver do mar o freſco alento.

3

Pelo eſcuro Oriente vagaroza,
Já vem a triſte Noite ſacudindo
As errantes madexas deſgrenhadas,
Entre as quaes mil eſtrellas vem luzindo.

4

Com ella vem no tenebrozo carro
O timido Silencio penſativo...
Na mão eſquerda traz firmada a frente,
Onde as azas deſdobra hum genio eſquivo.

5

Aſſuſtado quanto he.. quanto he medrozo;
Tudo lhe faz pavor... treme com tudo;
Eſtremece ao ſentir do vento os ſopros..
Dos écos o intimida o ſom agudo.

6

Em fim, oh Luſitania, a ſaudade
Conduzio-me da morte ao triſte azylo:
Entre os mirrados, mudos eſqueletos
Teu Principe buſcar veio Myrtillo.

7

He poſſivel que hum Principe formado,
Capaz de leis dictar ao mundo todo,
Houveſſe de naſcer tambem ſujeito
A' lei fatal do organizado lodo!

Que-

8

Querida Luſitania, aqui fiquemos;
Deixar não poſſo eſte lugar eſcuro;
Que idéias não me inſpira quanto vejo;
Eſte dos homens he Lyceo ſeguro.

9

Empreguemos aqui o tempo todo,
Que for gaſtando a Noite ſomnolenta,
Em cercar noſſo lugubre horizonte
Apôs a triſte Lua macilenta.

10

Hum ſagrado temor deſconhecido
Prende meus curtos paſſos vacilantes:
Receio... e não ſei que... eu ſó divizo
Amontoados oſſos alvejantes.

11

Tu foſte, Lizia, quem me conduziſte
Para em tudo cumprir o meu deſejo,
Da Morte ao domicilio... alvas reliquias
Dos extintos mortaes ſómente vejo.

12

Que frio regelando vai meus nervos!..
O meu ſangue nas veias ſe congela...
Que eſpeſſa nevoa nos meus olhos pouza!
Faminta a Morte devorar-me anela...

13

Eſtes mortaes ſymptomas ſempre habitão
Eſta das Parcas lúgubre morada.:..
Onde dormem em paz.;.onde deſcansão
Aquelles, cuja vida foi cortada.

14

Por noſſa deſventura aqui rezide
O Principe, que foi dos Luzitanos...
Chorai frios Eſpectros; convencei-nos
De que inda mortos ſabeis ſer humanos.

15

Qual aſſanhada ſerpe venenoza,
No afflicto coração que mal palpita,
O cruento pezar todo enroſcado,
Seu venenozo humor quente vomita.

16

Supporto ſim da mágoa a raiva toda
Ao ver na flor da idade ſepultado
Noſſo Principe amavel...Deoſes juſtos,
Que goſto achais no pranto derramado?

17

Mas, Deoſes, perdoai, que no meu ſeio
O damnozo pezar, e a mágoa he tanta,
Que me faz delirar...toda minha alma
Com o pezo das anſias ſe quebranta....

Aqui

18

Aqui habita o placido ſocego;
Aqui os mudos oſſos alaſtrados
Enſinão aos mortaes a arte preciza,
De fugirem no mundo aos vãos cuidados.

19

Depois de ſe deſpirem da materia,
De que andárão na vida reveſtidos:
Depois que por fieis ſerem á terra,
Hoje ſobre ella pouzão já deſpidos.

20

Em paz durando vão.. e como entre elles
As poſſes são iguaes..da bruta inveja,
Não achando materia, em que ſe ceve,
O devorante ardor nunca chameja.

21

Eſſa nua caveira, que faminta,
A voraz podridão já deſcarnára,
Soffre em cima de ſi huns poucos de oſſos,
Que inadvertido acazo lhe lançára.

22

E não ſe queixa... nem ſequer ſe move,
Para moſtrar que o grave pezo ſente:
Se antes da oppreſsão calada eſtava,
Ao depois não murmura deſcontente.

23

E talvez dentro della já moraſſe
Alguma alma diſtinta, e ennobrecida;
E que os oſſos, que muda eſtá ſoffrendo,
Sejão de algum Tartufo Regicida.

24

Póde ſer; mas pacifica nos moſtra,
Que neſte ſitio eſcuro não dominão
Felizmente as riziveis differenças,
Com que os homens no mundo ſe arruinão.

25

A Coroa; a Tyara; o Elmo; a Toga
Tudo do Cemiterio á porta fica;
Aqui de todos he igual a ſorte,
Igual a Parca nunca eſpecifica.

26

Todos ſem diſtinção no mundo entrárão,
Natureza a nenhum deo veſtidura:
O Demonio do Sul, e ſeus eſcravos
Forão-ſe achar iguaes na ſepultura.

27

Mas de donde procede, que no inſtante
De eſpirar os malvados Torquemadas,
Deixão com os humanós, que offendêrão,
Eternas pazes ſem querer firmadas?

Don-

28

Donde vem que os Cartuxos, mais os Kirkes,
Ficão depois de mortos emendados?
E que de Ordonhos crus, ambiciozos
A Morte faz eſpectros moderados?

29

Eſſes já frios oſſos por ventura
Não são os meſmos aſſaſſinos braços,
De que o inhumano Nunhes ſe ſervia
Para eſtalar da Natureza os laços?

30

Pois de donde provêm, que em quanto vivos,
Sempre em ſangue banhados praticavão
Horrorozas cruezas, mil abſurdos,
Que a vingança dos Deoſes provocavão?

31

Se a identica materia ſeparada
Do eſpirito a ſeus crimes põe limite,
Logo das almas vem ſómente os erros,
Que viva a gente humana ſe permitte.

32

Convençamo-nos pois de que a materia
He para o bem, e o mal indifferente:
Os braços são huns mudos inſtrumentos,
De que as almas abuzão fatalmente.

Emen-

33

Emendai pois, humanos, a ſubſtancia,
Que as voſſas decizões livre dirige:
Corrigi voſſas almas; que a materia,
Tomando-lhes o exemplo, ſe corrige.

34

Do naſcer, e morrer nos dois extremos,
Não baſta Ceos a progreſsão conſtante,
Para que o homem já deſabuzado,
Se amolde á vida entre elles ſemelhante?

35

Se ao naſcer, e morrer ſomos os meſmos,
Por que, por que na vida o não ſeremos?
Já que em fortuna ſer iguaes repugna,
Ao menos nas tenções nos igualemos.

36

Aquelle, que embalou em berço de oiro
O Deos, que ás cegas repartio riqueza,
Não pize ao que naſceo em pobres palhas,
Alargue de ſeu circulo a eſtreiteza.

37

Nem o pobre infeliz, a quem ſem culpa,
Hum Cynico por Pai a ſorte dura,
Meſquinha concedêra por inveja,
Deſpreze ao que naſceo com mais ventura.

Os

38

Os olhos não fecheis, oh loucos homens
A' luz, que a sã verdade em vós derrama,
Lembrai-vos que he traidor á humanidade
Todo aquelle, que os outros bem não ama.

39

Imitai, homens, este Augusto humano
A cuja campa venho dar gemidos:
Morreo Jozé... mas entre nós ficárão
Seus exemplos assás bem conhecidos.

40

Em fim, justa huma vez do mar a filha,
Repartio com Jozé como devia...
Nasceo Jozé já destinado ao Throno...
Ninguem mostrou melhor que o merecia.

41

E quem vio deste Principe perfeito,
Em toda a aproveitada, curta vida,
Hũa acção.. quem lhe ouvio soltar hum termo,
Que sua alma nos mostre corrompida?

42

Falla sem susto torpe, vil calumnia...
Aguça a lingua rabida Impostura...
Falso Interesse solta a voz, se podes,
Livida Inveja teu veneno apura.

Quem

43

Quem o Principe vio hum ſó momento,
C'o reſplandor do Trono alucinado?
Qual foi o pobre humano deſvalido,
Que ſe viſſe por elle deſprezado?

44

Quem a ſeus pés chegou banhado em pranto,
Que o não viſſe tambem enternecer-ſe?
De ſer util aos homens no exercicio
Vacillante a Jozé, quem vio deter-ſe?

45

Em quanto de occupar o regio ſolio
O tempo não chegava... quantas vezes
Não deſcia ao ſeu povo, a quem alegre
Conſolava do fado entre os revézes?

46

D'Atys, e Endymião ás lindas graças,
De Platão ajuntava a gravidade,
De ter naſcido para Pai dos Póvos,
Ninguem deo mais ſinaes na tenra idade.

47

Emulava dos Deoſes a virtude:
Mais que Tito no bem ſe exercitava:
E quando contra o mal não tinha forças,
Os dois braços cruzando ſuſpirava.

Sem-

48

Sempre foi da virtude amigo certo,
Onde quer que a aviſtaſſe a protegia,
E como affeito a ella, ou na indigencia,
Ou reveſtida de oiro a conhecia.

49

Só delle ſe temia o vicio horrendo;
Quando o via paſſar tapava o roſto:
Barbaros Arrisões, falſarios Guizas,
Nunca nelle eſperárão ter encoſto.

50

Eſte he Carlos feroz o trilho certo
De aos vindouros deixar ſaudozo nome;
Pai da Patria não foi chamado nunca,
Quem nutrio ſó com ſangue bruta fome.

51

Alexandre, Selim, Cezar, Antonio,
Anibal, Tamerlão, Seſoſtris, Cyro,
Bajaceto, Sultão, Xerxes, Dionyzio,
Mitridates, Bazilio, Acmet, Buziro;

52

Em quanto infelizmente reſpirárão,
Seu raivozo furor os fez temidos;
Mas no ditozo fim d'ũa tal vida,
Gritos mil de prazer forão ouvidos.

Do

53

Do Livro, onde com ſangue a Humanidade
Chorando põe em rol ſeus aſſaſſinos,
Meu Principe imitando riſca o nome,
Como elle eſcreve-o apar dos Antoninos.

54

Jozé amava os homens, porque juſto,
Conhecia o valor de cada humano;
Por não lhes dar valor deſconhecido,
Buſcou Filippe ſer o ſeu tyranno.

55

Se á gloria felizmente acazo aſpiras,
Não deixes pela falſa a verdadeira:
A falſa das paixões foi ſempre alumna,
A outra he das virtudes companheira.

56

Se ateimas em ſeguir eſſe caminho,
Em que a ambição fatal teus paſſos guia,
Morrerás infeliz, e os teus vaſſallos
Cantando eſpalharáõ doce alegria.

57

Fazendo deſgraçados a fortuna
Não terás, que Jozé entre nós teve:
Amou ſeu Povo, promettia amallo;
Dos Luzos ao morrer mil ais obteve.

Quan-

58

Quando o ſeu corpo em fim deſanimado
Foi trazido com pranto á ſepultura,
Tal foi do grato povo a dor vehemente,
Qüe até á Providencia chamou dura.

59

Os Reis na terra são dos altos Deoſes
Delegados Miniſtros, são Juizes,
Que á imitação dos Deoſes ſoberanos,
Os ſeus póvos fazer devem felizes.

60

Oh dos inclytos Cezares herdeiros!
Voſſos póvos d'humanos são compoſtos,
Chorão quando ſe vem tyrannizados,
Quando em premio de amor colhem deſgoſtos.

61

Diſto meſmo vos dá hum novo exemplo
A Morte, que ſanguinea anda pouzando,
Dos Tronos ſobre as Cupulas doiradas,
Das Regias mãos os Sceptros arrancando.

62

Morreo Carlos Terceiro das Heſpanhas
O mais benigno Rei, o mais humano,
E o povo ao ſeu favor agradecido,
Chora a perda fatal d'hum Pai ſobrano.

Ma-

63

Manes, que n'outro tempo déſtes vida
Aos brancos oſſos, que eſpalhados vejo;
Reſpeitai o cadaver preciozo
Do Varão, por quem triſte os paſſos rejo.

64

E a fim de inteiramente perſuadir-vos
Da razão com que triſte entre vós gemo:
Da juſtiça, com que eu aos Deozes grito,
E entregue ao crú pezar vacilo, e tremo.

65

Do Principe, que morto em vão choramos,
A feliz producção foi tão illuſtre
Neſſe Coro Celeſte, que os decretos
Firma ſem ſuſto de que alguem lhos fruſtre.

66

Entre os Deoſes eternos, ſabios, juſtos
Era tão precioza, e importante
Do alto Jozé a geração preclara,
Que a dotavão, quando inda era diſtante.

67

O Omnipotente Pai das Divindades,
Jove ſupremo, que diſpõe de tudo:
Eſſe que do alto, pedregozo Orphino
A teſta quebra com o raio agudo.

De-

68

Decidindo-ſe a dar á Humanidade
Hum tão perfeito Rei, tão excellente;
Que depois de o criar delle encantado
O aſſentou junto a ſi no Ceo luzente.

69

Quando antes de illuſtrar com ſuas luzes
D'hum tão célebre humano o naſcimento
Aſtreia vizitar o Sol devia
Seſſenta e huma vez, mais cento, e cento.

70

O olympico Tonante meditava
Na eſcolha da nação nobre, e potente,
A quem c'huma tal dadiva fizeſſe
Sobre as outras erguer croada a frente.

71

Em attenção ao filho delirante,
Que armado de Leão co'a força brava
Zelozo o defendêra da cohorte
Dos monſtros, que abatello procurava.

72

Humas vezes de Bacco em juſto premio
Queria do Indoſtão ao vaſto Imperio,
Para honrar de Genghis-Kan o alto ſolio,
Em Jozé conceder hum Rei mais ſerio.

73

Da filha de Agenor doces lembranças
Outras vezes o inclinão aos Sydonios;
Que forão contra os mares mais forçozos
Que contra a Perſia altiva os Macedonios.

74

Cheio deſtas idéas; todo entregue
A' eſcolha que a attenção lhe poſſuia,
De Acrizio paſſeava os freſcos valles,
Que Danae carinhoza ennobrecia.

75

De occulta commiſsão com a reſpoſta
De Maya ſe aprezenta o filho alado:
Jove quanto em ſi volve lhe repete:
Hermes no Caduceo o ouve firmado.

76

Logo que expoz quanto no ſeio tinha
Encantado da nova creatura,
Que para ſer modélo dos Regentes
Jupiter conceder aos homens jura.

77

Dos Talares fechando as aureas penas,
E puchando o galero da cabeça;
Obtida de explicar-ſe a liberdade
Mercurio voador aſſim começa:

Omni-

78

Omnipotente Deos, tremendo Jove,
Que nos futuros lês com vista aguda:
Tu ante cujos olhos fulminantes
O mesmo claro Sol de face muda.

79

Já que irado dos Reis contra os excessos
Cincoenta, e mais dous lustros gastar queres,
Em dispôr hum varão tão sublimado,
Que exercite na terra os teus poderes.

80

De entre todos os Povos, que espalhados
As quatro partes cobrem desse globo:
Inda a pezar do impavido Leonidas,
E do outro, que nutrio femea de Lobo.

81

A pezar dos Egypcios, Persas, Gregos,
Carthaginezes, Scytas, e Romanos:
A pezar de Esclavonios, Parthos, Celtas,
Vandalos, Godos, Bulgaros, e Alanos.

82

A pezar dessas gentes portentozas
Por quem gritado tem a Fama tanto:
Esse preclaro humano, que preparas,
Deve entre os Luzos ser ao mundo espanto.

83

E a fim que, oh Deos, conheças quanto he justa
A dádiva, que dou ás Luzas gentes;
Quanto dellas são dignas para veres,
Basta que os fastos seus tenhas prezentes.

84

Nesses passados seculos escuros
Tão antigos, que já a Historia apenas
Os successos achar pode, que escondem
Nas encrespadas cans, alvas melenas:

85

Em todo o tempo vês os Lusitanos
Distinguir-se entre os povos que os rodeião;
Ornados de valor, e mais virtudes,
Com que os homens Divinos se nomeião.

86

Desde que Gerião delles na frente
Com sangue salpicou do Guadiana
A florida grinalda entretecida
Com juncos, roxos lyrios, e espadana:

87

Desde que elles de Osiris sustiverão
O invectivo furor, a sanha bruta;
Até que Ulysses levantou Lisboa
Sobre a grenha do Téjo mal enxuta.

No

88

No eſpaço deſtas ſetecentas voltas,
Que do Sol ao redor formou a terra,
Que eſtrondozas acções não praticárão
Tanto a favor da paz, como da guerra!

89

E deſde que Dyomedes do Minho
Cravou na areia branda a proa Grega;
Até que atraiçoando a cara patria
Sertorio aos Luzos ſem pavor ſe entrega.

90

Neſte eſpaço tão longo, tão extenſo,
Que o meſmo velho Tempo algumas vezes
Se quiz expreguiçar de fatigado,
Quão gloriozos não vês os Portuguezes!

91

Deſde que Afranio em fim ſem algum fruto
Prende entre os muros d'Oſma os Luſitanos,
Até eſte dia quão virentes palmas
Não tirárão dos punhos dos Romanos!

92

Do Conde Henrique deſtemido, e bravo
Pai dos Luzos por elle remoçados,
Quem póde ouvir os feitos gloriozos,
Sem deixar meus dezejos approvados?

Quem

93

Quem o primeiro Affonſo, o Rei primeiro
Pintar de Ourique pode na campina,
Que digna a gente Luza não declare
Do producto á que Jove ſe deſtina?

94

Quem o filho veria, Sancho forte
Nos campos de Axarrafe embravecido;
Ou ante Sylves com mingoada gente
O grão Miramolim deixar punido?

95

Quem do ſegundo Affonſo na regencia
O zelo admirará ſempre incanſavel;
E 'inda do quarto Rei a alta franqueza,
Que eſtragou Martim Gil abominavel?

96

D'outro por quem Briteiros, e Viegas,
O deſtino fizerão inconſtante;
Com mãos traidoras arraſtando ao trono
Quem naſcêra ſómente para Infante?

97

Eſſe a quem Innocencio entrega o Sceptro;
E Urbano reſtitue o alvedrio:
Quem do terceiro Affonſo tem lembrança,
Que lhe não dê do mundo o ſenhorio?

98

O ſexto Rei de Lizia, Deos ſupremo,
Para humanos reger apto creaſte;
Na ſciencia de reinar foi tão perito,
Que parece em teus braços o educaſte.

99

O honrado Dom Diniz deo ás ſciencias
Em ſeus Reinos magnifico apozento:
A' Coimbra as attrahio onde ficárão
Sendo dos Luzos lúcido ornamento.

100

Ao Lara premiar ſoube briozo;
Como juſto punir os de Leiria:
Cuidadozo animar a Agricultura:
E á sã Legislação dar mais valia.

101

Galiza, e Badajoz do quarto Affonſo
Dizei o que ſabeis: jura Salado,
Que por de Hiſpalo ver ſalvos os povos
Affonſo te deixou enſanguentado.

102

Entre os Miniſtros ſeus, Pedro ſevero
Suſtentando a balança da Juſtiça,
Era hum vivo modélo de Carondas,
Quando em Thurio ſubjuga a vil preguiça.

Tri-

103

Trisulco Deos! aos teus do Rei Fernando
Os erros forão muito parecidos,
Mil vezes por Amor te descuidaste;
Fernando por Amor teve descuidos.

104

Se comtigo porém partio dos erros,
Que por seus ennobrece a Natureza;
Tambem arremedou Jove Divino
Teu genio bemfeitor, tua grandeza.

105

De Barcelos o Conde, e João Affonso
Chamado o de Mexíca exprimentárão,
Se de Fernando as dádivas acazo
As dádivas de Jove arremedárão.

106

E quanto valem mais do que os thezoiros
As leis com que Fernando providente
Entre as leivas, nas Artes, no Commercio
Buscou favorecer a sua gente.

107

João das Regras, e o possante Nuno
Dão no Mestre de Aviz aos Lusitanos
Hum Rei, que o trono firma, doura, illustra
A' custa de Hespanhoes, e Mauritanos.

Duar-

108

Duarte em Ceuta manejando a eſpada
Moſtra tanto valor, e força tanta,
Que Arraquio o Atleta o não vencêra,
Inda quando o Alpheo de o ver ſe eſpanta.

109

A fim de ſe fazer inda mais digno
Do lugar que então ledo poſſuia,
Como Agricola ás ſciencias ſe entregava,
E como Octavio dellas eſcrevia.

110

As ameias de Alcacer, e de Arzila
Sejão do quinto Affonſo pregoeiras:
Rotos de Muley Xeque os eſtandartes
Reveſtio-as dos Luzos co' as bandeiras.

111

Ao ſegundo João invariavel,
Que á activa Decizão ſervio conſtante,
Sobre as ondas do Lethes ſomnolentas
A Fama levantou altar brilhante.

112

Do ſabio Manoel não digo nada:
Vês quanto vai por elle acontecendo;
Os eſtandartes ſeus do Oriente as ondas
Já meigas andão com prazer lambendo.

Dos

113

Dos Reis dos Luzos vês riſcado em breve
O valor, a conſtancia, e mais virtudes;
E quem melhor que tu Jupiter ſabe
Não terem ſido Reis de povos rudes?

114

Eſſes paſſados Seculos vaidozos,
Que as aras do Heroiſmo tanto alçárão;
Que aos rezolutos Iſcolas ſobre ellas
De reſplandor eterno coroárão.

115

Que Heroe, entre os Heroes póde louvar-ſe,
Que as palmas eſcureça gloriozas,
Com que a Memoria premiou dos Luzos
Nunca ouvidas acções; acções paſmozas.

116

Apimano; Apuleyo; Viriato;
Egas Monis; Mendes Gonçalo Amaya;
Sueiro; Pedro Paes; Fuas, que o Mouro
Na terra, e mar ſe o vê, frio deſmaia.

117

Os dous Martins, o Lopes, e o de Freitas;
Fernão Rodrigues; e o feroz Dom Payo;
Mem Tougues, João Pires Vaſconcellos;
Pedro Rodrigues de Mouriſcos rayo:

Mar-

118

Martim Vaſques da Cunha; Egas Coelho;
Dom Pedro de Menezes; e o grão Nuno;
Vaſque-Anes inſoffrido, a quem primeiro
De Ceuta no areal cro-ou Neptuno:

119.

Vês Fernando, e João ambos Menezes;
Vaſco Coutinho; Pedro de Mendanha:
Vês Diogo de Almeida valerozo
Entregue de Mavorte á crua ſanha.

120

Inda hia por diante; porém Jove,
Que o tinha té então ouvido mudo;
Tomando-lhe a palavra, principia
Taes coizas a dizer em tom ſezudo.

121

Baſta... não digas mais dos Luſitanos...
Todos os feitos ſeus tenho prezentes...
Quero com hum bom Rei em fim pagar-lhes
O esforço, que os eleva entre as mais gentes.

122

O Principe, que occupa o meu cuidado,
Será Principe em fim do Luzo Povo:
Aſſim deixo a Virtude premiada,
E de Lizia o explendor aſſim renovo.

Deſ-

123

Desde que o claro Sol com o seu fogo
Anima os muitos globos que o rodeião:
Vaidozos de seus povos c'os triunfos
O Téjo, e o Douro sobre o mar ondeião.

124

Venus, que gosta de louvar os dignos
Como provou assás com os Romanos,
Chorando o meu poder tem muitas vezes
Implorado á favor dos Lusitanos.

125

E eu sempre os protegi em todo o tempo,
Como filhos d'hum clima deleitozo,
Que nos seios que nutre influe tanto,
Que tem sido de Heroes Pai gloriozo.

126

Quem deo aos Luzos o illustrado Henrique,
Que cheio de fieis conhecimentos,
Desde Sagres mandou exploradores
Affoitos arrostar mares, e ventos?

127

Por quem, senão por Jove defendidos
Tristão Vas; e João Gonçales Zarco;
Gil-Yanes; e o ouzado Perestrelo
Tomárão do mar posse em curto barco?

Por

128

Por quem Nuno Triſtão; Antão Gonçales;
Dom Alvaro Fernandes; e Gonçalo
O de Cintra nas coſtas Africanas
Os cabos ſubjugárão ſem abalo?

129

Quem? ſenão meu favor foi conduzindo
Diniz Fernandes; e Vicente Lagos;
João de Santarem; João de Aveiro
De nunca arado mar entre os eſtragos?

130

A quem ſenão a mim devem os louros,
Que o Dias mereceo, quando animozo
Antes, que o Gama triunfou no Cabo
Do monſtro que abatí por orgulhozo?

131

Pedro da Covilhã; e Affonſo Paiva
Por mim levados para eſtranhas terras:
Hum da quente Ethiopia, outro do Indo
Vírão as gentes, montes, valles, ſerras.

132

E de favores taes o fim qual era?
Entre os viventes diſtinguillos tanto,
Que foſſem pelo Gama os que da Aurora
Viſſem primeiro o berço de Amarantho.

Sim,

133

Sim, Hermes; para em fim te convenceres
De quão propicio eſſa Nação protejo,
Nas areias que o Sol ao naſcer doura
Pouzão com meu favor quilhas do Téjo.

134

E agora para mais inda exaltallos
Por Colombo lhes fiz offrecimento
D' huma terra famoza, rica, e fertil,
Que do Oeſte entre os mares tem aſſento.

135

A deſtruidora Entriga fermentava
Do intrepido João então o eſtado:
Razão por que Colombo deſgoſtozo
O ſeu plano fiel vio deſprezado.

136

Na Corte ambicioza de Fernando
Sua propozição foi mais aceita;
E a inſtancia de João Peres a entrega
Ficou por Iſabel á Heſpanha feita.

137

Tres navios boiárão logo armados
No eſtreito porto da pequena Palos:
Colombo, e os dois Pinſons ſahem nelles,
De Amphitrite açaimar verdes cavallos.

Deſ-

138

Descubrírão em fim para desgraça
Da pobre, perseguida Humanidade
A espaçoza Atlantida, prevista
Pelo sabio Platão na antiga idade.

139

Terra já por Manilio annunciada,
E por Diodoro Siculo supposta:
Por Cethesias; Nearco; e Marco Paulo
Nesses mares Atlanticos exposta.

140

Porém desde que alegres derão fundo
Da fresca Guanahani na bahia,
Até este momento as gentes novas
Invocão meu poder de noite, e dia.

141

Já de Vega Real correr nos Campos
Vírão seu sangue estas coitadas gentes:
Vírão dos ternos Pais tremer as carnes
Despedaçadas por caninos dentes.

142

Tantas forão por fim as tristes queixas,
Que subírão chorozas ao meu trono,
Que a parte austral do descoberto mundo
Protestei conceder á melhor dono.

143

O Rei, que premedito para prova
De que o creei capaz de dar exemplos,
A' emulação, á Honra, e á Juſtiça
Ha de, e á sã razão dedicar Templos.

144

Deſtas virtudes ante os buſtos claros
Os povos s' irão pondo ao bem diſpoſtos:
E nellas por coſtume diſcorrendo
Deſterrarão de ſi vicios oppoſtos.

145

Vai Mercurio voando ſem tardança,
Vai do Oriente procurar o vento;
E a fim que attenda á commiſsão, que levas,
Dize te manda o Rei do firmamento.

146

Que os ventos que domina ajunte logo;
E quando o Euro entre os mais todos vires,
Firmado nas compridas, ſoltas azas,
Taes coizas mando, que do ſeio tires.

147

Por mandado de Jove eterno, e juſto,
A quem tens fiel ſempre obedecido,
A nova empreza que por mim te envia,
Vai logo executar dos teus ſeguido.

Na

148

Na foz antiga do efpraiado Téjo,
Erguendo o ferro eftá com lefte gente,
Pedro Alvares Cabral para de novo
Vir fulcar eftes mares do Oriente.

149

Logo que folta a cevadeira toda
Vires que fe enche de teus fopros frios,
Ajudado por effes, que te fervem
Dos Luzos proteger vai os Navios.

150

Dos lemes a pezar, fem fazer cazo
Da reziftencia, que farão briozos,
Por de Jove ignorantes não faberem
Os dezignios a elles proveitozos.

151

Da terra nova, que a Auftral Zona enfaxa,
Moftrai-lhe a cofta, que primeiro acclara
O Sol, quando fe eleva fobre as ondas,
Que para os Luzos Jupiter guardára:

152

Depois do Malabár ter-lhes entregue
O importante, e honrozo fenhorio;
Da America viçoza a melhor parte
Manda Jove lhes deis nefte defvió.

153

Efta porção de terra prolongada,
A quem rodeia lucido hemifpherio
Rezervo para erguer fobre ella o trono,
Em que fe ha de fentar o quinto Imperio.

154

O Brazil terra amena, e abundante
Seja dos Luzos Principes efpero
Patrimonio; e Jozé ferá chamado
Principe do Brazil, affim o quero.

155

Mercurio, ao fabio Deos fazendo venia,
Foi dar execução logo ao preceito,
E em prova de que a deo.. Jozé.. ah morre
Principe do Brazil jurado, e feito.

156

Lufitania, o vapor da noite efcura
Parece-me fe vai já diffipando:
Sobre a lagem que o Principe nos rouba
Vamos paffar o dia em vão chorando.

J. T. da Fon.ca inv. L.x.e Frois sculp.

III

Jeronimo de Barros inv. Ventura da S.ta sc. L.x.a

# NOITE III.

1

DESTERRAR desta praia os vãos prazeres
Ide meus tristes ais, ide voando
Aos troncos, ventos, plantas, aos rochedos
Ide a nossa desgraça publicando.

2

Inspirai nossa dor nas ondas quanto
Pede o cruel pezar, que nos consome;
E nos cavados seios dos penhascos
Do Principe fazei soar o nome.

3

E vós, miudas lagrimas, que a pares
Nos meus olhos eſtais ſempre naſcendo,
Molhai tambem os olhos, que ainda enxutos
A ignorancia tiver do cazo horrendo.

4

Mas ah!. bem vinda ſejas, Luſitania,
Deſde que aqui cheguei, meus triſtes olhos
Do coração cedendo aos movimentos,
Borrifárão com pranto eſſes eſcolhos.

5

A extensão, e o valor da noſſa perda,
Que tenho n'alma vivamente eſcrita,
Em pranto me converte o meſmo ſangue,
Faz-me eſpalhar com ais noſſa deſdita.

6

A enganoza eſperança nos pintava
Nos annaes do Univerſo os mais ditozos;
As promeſſas porém traçou no fumo,
Que diſſipárão furacões ruidozos.

7

A viſta deſſe rio, cujas ondas
Já nos ſoberbos colos ſuſtiverão
Quilhas, em que do mundo as quatro partes
Seus precíozos dons offerecêrão:

Do

8

Do noſſo Téjo a viſta deleitoza
De novo a alma canſada me atormenta,
Vejo a futura gloria diſſipada
Qual nevoa que desfez rude tormenta.

9

Amada Luſitania, não podia
Na caixa de Pandóra achar o fado
Deſgraça mais capaz de encher de mágoas
O teu povo fiel hoje enlutado.

10

Como deve abarcar o ſeu objecto,
Do ſucceſſo fatal o ſentimento,
Em quanto a muda Noite os mochos guia,
E nas cortadas róchas dorme o vento.

11

Agora, que nas lapas do Oceano
Dorme a mádida Corte de Neptuno;
Tanto que as limpas aguas não perturbão
Os Tritões ſervos do infiel Portuno.

12

Quero contar-te huma vizão eſtranha,
Com que Morfeo em ſonhos me entreteve;
Depois que te deixei n'huma caverna,
Brando ſono em meus olhos ſe deteve.

Lo-

13

Logo que o groſſo humor entorpecendo
Os meus já froxos, fatigados nervos;
Quando os chorozos olhos já não vião
Sénecas juſtos, Poliões protervos.

14

Deixando o pobre corpo entregue ao ſono,
Pelos Deoſes minha alma foi levada
A hum prado, onde a riqueza d'Amaltheia
Com grata profuzão vi derramada.

15

Logo por entre ramos, cujos pomos
Com ſeu cheiro diverſo, e varias cores,
A favor de Vertumno diſputavão
O premio da belleza dado ás flores.

16

Rodeado de Zéfiros que alegres
Brincavão entre as folhas ſonorozas,
E de Aves mil, que vagas revoando
Soltavão ternas vozes amorozas.

17

Pelo trilho da plácida alegria
Cheguei a hum freſco ſitio deſviado;
Onde huma Deoſa vi a mais galante,
Que Zeuxis pintaria delicado.

Ti-

18

Tinha ſciencia nas faces eſculpida:
Nos olhos reflexão myſterioza:
Em todo o corpo hum ar grave, e ſereno,
Nas acções liberdade gracioza.

19

Da ſua ſingeleza em teſtemunho
Seu bem formado corpo vi deſpido;
Livre da prevenção, com que a malicia
Capcioza nos tem já corrompido.

20

Fazião corte á Deoſa affavel, terna
Os quatro envelhecidos Elementos:
Fingião quatro humanos reſpeitaveis,
Que da morte vivêrão ſempre izentos.

21

Inflammado o ſemblante o Fogo tinha,
Seus abrazados olhos faiſcavão;
E as ſuas quentes mãos por paſſatempo
Vermelhas brazas, vivas manejavão.

22

Do Ar as faces erão macilentas;
E do ſeu deſaffogo ſempre amante
Soprava em liberdade, a alva madexa
Movia-ſe c' os ſopros ondeante.

So-

23

Sobre a miuda relva debruçado
Da Agua todo o corpo gotejava,
E no claro ribeiro, que naſcia,
O muſgozo cabello fluctuava.

24

De todos quatro a Terra era a mais grata,
Eſtava reveſtida de mil cores;
E o ſeio creador lhe guarnecião
Mimozas frutas, matizadas flores.

25

Cad' hum tinha a ſeu lado companheiro,
Com quem vinha a fallar de quando em quando;
Examinei-os bem, e pelos géſtos
Nelles as eſtações fui encontrando.

26

De eſpigas ſeccas o Verão croado
Eſtava junto ao tórrido elemento,
Que avivando-lhe mais a cor do roſto,
Lhe queimava a grinalda ſó co' alento.

27

O Outono eſtava ao pé do Ar delgado,
Cujos freſcos bafejos o animavão,
E as flores ſacudião, mais os pomos
Dos ramos, que viçozos o croavão.

Ao

28

Ao liquido cryſtal da Agua ſerena
Fazia corte o regelado Inverno,
Tinha de branca neve prenhe a barba,
E o rugozo ſemblante côr do averno.

29

A terra acompanhava a Primavera
Com faces mais do que as cerejas rubras:
Mais linda do que tu Lais caprichoza,
Quando de affectação teu roſto cubrás.

30

Vi tambem as mimozas Artes bellas
Tão cheias de prazer como coſtumão;
A' roda de Amphitrite as Ninfas lindas
Sobre as aguas brincar tanto que eſcumão.

31

A Deoza tinha em ſi por arte nova
Junta huma tal doçura á gravidade,
Que quando o ſeu reſpeito me affaſtava,
De fugir-lhe não tinha liberdade.

32

Sem eu ſaber porque, dentro em meu peito
Sentia o coração enternecido
Para a Deoza fugir, como querendo
Moſtrar-ſe a algum favor agradecido.

Eſ-

33

Eſtava toda abſorta modelando
D' um Cupidinho a eſtatua mais perfeita
Phidias na execução poſtos os olhos
Os raſgos de ſua arte attento eſpreita.

34

A Eſcultura d' hum lado reſpeitoza
Os cinceis delicados lhe offrecia:
D' outro lado a Pintura na palheta
As animadas cores revolvia.

35

Depois de modelada, tão ſublime
Ficou nas perfeições a eſtatua bella,
Que beijando da Deoſa as mãos divinas,
De Scopas quiz a arte agradecella.

36

Fez huma curta pauza... e obſervando
Seu trabalho por todos approvado:
Retocando de novo os olhos lindos,
E o cabello gentil todo anelado:

37

A carinhoza Irmã da Poezia
Pedio os çucos das mais brancas flores,
D' os jaſmins, das moſquetas, d' alvas rozas,
Que já mais colhem juvenis Amores.

De-

38

Depois de todo o corpo contornado
Ter coberto da neve com a alvura,
Pedio novos pinceis, palheta nova,
E dentro de ſi meſma a ſciencia apura.

39

Dos morangos, maçans, e dos medronhos
Com as cores pintou-lhe as faces bellas;
E vendo lhe luzião pouco os olhos
Para lhes dar tirou luz ás eſtrellas.

40

Das rozas que vermelhas fez o ſangue,
Que o filho de Cyniras derramára,
Com o çumo pintou bocca mais doce,
Que a bocca onde Ericina ſuſpirára.

41

Quando vio que acabada ſua eſtatua
Ao eſpozo de Cydipe excedia,
Na rara gentileza, que era tanta,
Que á meſma Anaxarete abrandaria.

42

Olhando para o Ceo.. gritou.. oh Jove,
Que ſabio reges meus fieis intentos:
Meu poder exhauri: formei-lhe o corpo:
Tu huma alma lhe dá rica em talentos.

Qual

43

Qual de Pigmalião a eſtatua morta
Eſta fermoza eſtatua ſe ficava:
Quando, eis-que de repente hum trovão sôa..
Julguei do Olympo o ſeio ſe raſgava.

44

Com effeito dos Ceos huma faiſca
Rápida o longo vacuo traſpaſſando,
No ſeio ſe introduz da eſtatua bella,
Que de vida ſinaes foi logo dando.

45

Niſto os olhos ergui cheio de paſmo:
Quando eis vejo huma nuvem, que deſcendo
Vinha tambem á terra ſobre as azas
De ventos, que fieis a vem ſuſtendo.

46

Tanto que o chão tocou, raſgou-ſe a nuvem,
E do ſeio dourado lhe ſahírão,
Não os ferozes, ardilozos Gregos,
Que o deſgraçado fim de Troia urdírão.

47

Palas, Mercurio, Marte, Apollo, Venus
Se prezentão da eſtatua á meiga Authora;
A rara producção cada hum admira,
Cada hum em contemplalla ſe demora.

Tu-

48

Tudo ſuſpenſo eſtava.. quando Apollo
Chegando-ſe da eſtatua ao lindo roſto,
Na bocca lhe baſeja gracioza,
Reſpirando prazer, ſuave goſto.

49

Venus lhe encheo de graças o ſemblante,
E obrigada c' o a tenra gentileza,
Nos encarnados labios amoroza
Alguns beijos ſoltou em fogo acceza.

50

Sobre a lingua Mercurio lhe reſpira:
Palas o alento lhe ſoltou na frente:
Marte porém no peito lhe derrama
Conſtancia, intrepidez, valor prudente.

51

O Deos Silenio, cuja viſta nunca
Ler pode os caracteres do futuro,
Admirando da Deoza disfarſada
O conſtante ſaber, o ar maduro.

52

Gritou-lhe.. Quem es tu, ſabia Matrona,
Que pudeſte obrigar a Jove eterno
A ſoltar do ſeu ſeio huma faiſca?
A moſtrar-ſe comtigo affavel, terno?

Quem

53

Quem es tu, cujo grito pode tanto,
Que obriga a cinco Deoſes ſoberanos
A deixarem dos Ceos a alta morada
Para virem honrar pobres humanos?

54

Logo a Deoſa ſem muito ſoçobrar-ſe,
Reſpirando brandura, e gravidade,
Reſpondeo com voz doce, e ſocegada
Nos ſeus olhos brilhando a sã verdade.

55

Eu ſou loquaz Mercurio aquella meſma,
A quem deve o ſeu ſer tudo o que exiſte;
Por quem tudo exiſtio antigamente,
Em quem todo o futuro são conſiſte.

56

Eu ſou aquella, cujo ſeio immenſo
Calígulas produz, e Caracálas;
Ariſtípos fieis; Marcos Aurelios;
Socrates rectos; barbaros Abdálas.

57

Damiens porém de mim não teve queixa,
Não fui mais liberal com Belizario;
Com o meſmo cuidado exiſtir faſſo
O Efemero, o Pulgão, o Dromedario.

Eu

58

Eu ſou benignas, Celeſtiaes Deidades,
A antiga, providente Natureza...
Logo os quatro Elementos reſpeitozos
Encurvárão ſeus colos com preſteza.

59

A pezar do inconſtante, vil capricho,
E do rigor cruel do Fanatiſmo,
A pezar das paixões ſanguinolentas,
Que vomita ſem pauza o negro abyſmo:

60

Sempre no globo conſervei dominio,
Sempre fui dos mortaes conſervadora,
Tanto, que inda nos campos dou remedios,
Que o homem por inerte alegre ignora.

61

A humana geração de mim depende,
Cantar ſem mim não póde Anacreonte:
Eu movi de Arquimedes o compaſſo:
E os paſſos dirigi de Xenophonte.

62

Huma nação protejo cuidadoza,
He deſſas, que o Sol vê quando ſe deita,
Fecunda mãi de creadora gente,
Da gente ſó para prodigios feita.

Mer-

63

Mercurio accrefcentou: Julgo nos fallas
Da nobre Lufitania, por quem Marte
Tantas vezes defceo do Olympo á terra
Com quem Apollo feu faber reparte.

64

Tornou-lhe o Deos guerreiro: Não, Mercurio,
Auxilio nunca dei aos Portuguezes:
Os Albuquerques, Caftros, os Sampaios
Honrárão por fi mefmos feus Pavezes.

65

Pois eu, gritou Apollo, não me atrevo
A roubar-te o louvor, ó Natureza;
Os Lobos, os Camões, Garção, Bernardes
A ti devêrão tão gentil deftreza.

66

Continuou do mundo a Productora
Da Lufitania os Povos são-me acceitos;
Não por louca paixão das mãis tão propria,
Mas por feus raros, celebrados feitos.

67

Logo que Adamaftor vi fufpirando
Chegar-fe trifte a mim co' as mãos alçadas
Gritando: Terna mãi, as minhas ondas
São por foberbas quilhas retalhadas.

Hum

68

Hum novo Deucalião lançou no mundo
Gentes, do que as antigas menos cautas;
Muito mais atrevidas que os Phenicios,
Mais destras sobre o mar, que os Argo-Nautas.

69

Por defender-me em vão hoje soprárão
Os soltos Aquilões embravecidos:
Em vão para se oppôr os meus rochedos
Sobre o raivozo mar mostrão-se erguidos.

70

Mil precipicios lhe prezento ás proas,
Todos porém desprezão valerozos:
Por entre as penhas, a pezar dos ventos,
Surgem pelo golfão victoriozos.

71

Confesso, que fiquei hum pouco absorta
Co' a estranha narração d'um tal successo;
E pela intrepidez extraordinaria,
Louvei dos Luzos o sublime excesso.

72

Fiquei-lhes desde então affeiçoada:
Jurei-lhes em diante protegellos,
Ou das Zonas nos torridos dezertos;
Ou do Septentrião por entre os gelos.

73

Tu, ó Venus gentil, que hoje me eſcutas,
Deſceſte a agradecer o meu proteſto;
E em ſinal grato por teus fortes povos,
De rozas me offreceſte cheio hum ceſto.

74

Deſde então protegi os Luzos ſempre;
E ſe acazo os deixei ſoffrer ás vezes,
Foi por firmallos mais na experiencia,
Que ſó enſinão bem fataes revezes.

75

Vendo agora, que os fados me auguravão
Tambem auxiliar os meus intentos;
Juntando de Jozé, e de Carvalho
Dos Luzos a favor claros talentos.

76

A fim que tal ventura lhes duraſſe,
Jupiter dar-lhes quiz hum Rei perfeito:
Ahi o tendes por vós enriquecido
D'Acys a cara tem, de Henrique o peito.

77

No Principe feliz os olhos logo
Com ſuſpenſa attenção mudos fictárão:
E entretido co' as Artes, e Sciencias,
Não ſem geral prazer todos o achárão.

De

78

De Maria ſerá chamado filho:
( A ſabia Natureza inda proſegue)
D' Ariſtomenos sãos co' as vivas luzes,
Fará com que a ignorancia nunca o cegue.

79

Ella a gloria terá de dar á Lizia
D' entre todos os Reis o mais completo:
No repartir dos premios Alexandre;
No caſtigar mais que Licurgo reto.

80

Eu, e Venus com Jove de mãos dadas
Jurámos exaltar os Luſitanos,
Sobre a gloria de Memphis, de Carthago,
Sobre as façanhas dos fieis Romanos.

81

Aſſim continuava.. quando hum Fauno
Da caverna Senhor, onde eu dormia,
O ſeu caprino pé firmando grita,
Myrtillo, vai-te, que acabou o dia.

82

Logo que abri meus olhos, triſte pranto
Burbulhou nelles mais que nunca ardente:
Os Ceos mais nos convencem com meu ſonho
Da razão com que chora a noſſa gente.

83

Hum Principe, a quem derão os Divinos,
Quanto dar lhe podião: reveſtido
De luzentes virtudes, de talentos:
Para o noſſo prazer ſó produzido.

84

Foi Patria inconſolavel o tezouro,
Que a pezar de Polybio, e Tourneforte
A moleſtia cruel roubou-nos fera
Em cumprimento da malvada ſorte.

85

O dia vai naſcendo chorar vamos:
Vamos derramar ais, triſtes ſuſpiros:
Adeos té á manhã... aqui de novo
Ouvir-nos-hão gemer eſtes retiros.

NOI-

*Joaõ Thomas da Fon.ca inv.* *Lucius sc.*

# NOITE IV.

I

NESSE azulado Ceo eſcurecido
Como as eſtrellas tremulas ſcintilão:
Como por entre as ramas denegridas
Triſtes os ventos com pavor ſibilão.

2

Neſte ſitio de paz, que hum futil medo
Aos mortaes horrorozo reprezenta;
Minha canſada voz ergo de novo,
Queixoza Luſitania, eſcuta attenta.

Tan-

3

Tanto que hoje fugindo á luz do dia,
Dos ſepulcros buſquei a eſcuridade;
Quando abraçado com a muda campa,
Lhe dava amargo pranto a Saudade.

4

Hum Genio dos que os Deoſes deſtinárão
Para ſer tua guarda, e tua guia,
Pouzou na fria terra tão canſado,
Que nem quaſi ſuſter-ſe conſeguia.

5

Depois de deſcanſar alguns momentos,
Gritou com triſte voz, froxa, e doente..
Em fim achei-te, Principe querido,
Morta eſperança da Ulyſſeia gente.

6

Achei-te; e antes de contar o muito
Que para te encontrar corrido tenho,
Chorar quero, e gemer em liberdade
De minha commiſsão em deſempenho.

7

E voltando-ſe a mim, diſſe.. Myrtillo..
Que choras ſem canſar dos Ceos a ira,
Eſcuta-me, e verás horrorizado,
Quem cego buſca o mal, o bem que tira.

No

8

No funesto momento, em que seus olhos
Mortos já não pudérão ver o dia:
Quando nas praças repartido em bandos
O povo lamentava o que perdia.

9

Quando ricos, e pobres, sabios, rudes,
Lamentavão da Parca o rigor bruto:
No momento, em que a dor se espalhou tanto,
Que nos rostos se via da alma o luto.

10

Eu, infeliz de mim! que encarregado
Da sua precioza vida estava;
Eu que banhado em lagrimas absorto,
Seu rosto amortecido contemplava.

11

Tornei a mim do pasmo em que me via,
Obrigado de Lizia c'os gemidos;
Chegou a mim banhada em pranto amargo,
E os dourados cabellos esparzidos.

12

E gritando me disse entre soluços...
Oh Genio vigilante, a quem as Parcas
O mais perfeito Principe roubárão,
Já que com o teu voo o mundo abarcas.

Vai

13

Vai a alma bufcar efclarecida
Defte corpo, que vês desfigurado:
Vai bufcalla entre os Deofes, e chorozo
Lhe conta o que entre nós tens obfervado.

14

Vai, e as mágoas lhe pinta em que deixafte
Efte meu coração que afflicto vifte;
Que envolta em negros lutos eu ficava;
Que minha alma tambem deixafte trifte.

15

Conta-lhe a confuzão, em que ficárão
Os feus affeiçoados, dóceis povos:
E que inftante não ha, em que não rafguem
Noffo horizonte mil gemidos novos.

16

Que as condenfadas nuvens não podendo
Com o pezo dos ais, que foltos voão,
Carregadas defcendo novamente
A noffa terra, e mar com ais povoão.

17

Que entre mortaes fufpiros dolorozos,
Que co'as languidas anfias fahem rotos,
Te mandei procurallo; que benigno
De fua amante Lizia aceite os votos.

Eu

18

Eu, que inda não podia por confuzo
A eſtrada diſtinguir, que aos Ceos ſubia
Do caminho fatal, que ao negro verno
As deſgraçadas almas conduzia.

19

Peneirando empinei-me o mais que pude
Sobre o foco mais alto do horizonte;
Tão erguido me vi, que debruçado
A meus pés julguei ver d'Atlas o monte.

20

Logo a viſta eſtendi toda em redondo,
E d'almas deſcubrindo hum grande bando,
O trilho que ſeguião fui ſeguindo,
Mares, e novas terras vizitando.

21

Volvendo os hombros para a foz do Tejo
O Promontorio Sacro atrás deixámos,
Depois por ſima dos azues Titanes,
As columnas de Alcides procurámos.

22

Livres de maſtareos, de remo, e vélas
Paſſámos todo o vaſto mar interno;
Onde vimos nadar guerreiras quilhas,
Soltos os pannos ao infiel galerno.

So-

23

Sobranceiros ás ondas do Tyrreno
Aviſtámos por fim o longo Epiro,
Onde todas as almas deſcanſárão
Do trabalho, que dá tão longo gyro.

24

Pouco tempo correo, e hum triſte Genio
De ſanhudo ſemblante carregado,
Levou-nos por hum árido deſerto
De penhaſcos, e ſilvas alaſtrado.

25

Paſſámos revoando hum largo eſpaço..
Quando eis-que nos ſuſpende, e abſortos vimos
Couza, que éſtremecer nos fez a todos,
Tanto, que compaixão ao Ceo pedimos.

26

A' borda nos achámos d'hum abyſmo
Tão horrido, tão vaſto, e tão profundo,
Que por mais que alongámos noſſa viſta,
Não pudemos fitar o eſcuro fundo.

27

Que tal ſeria o noſſo ſuſto ao vermos
Que o dezabrido Guia deſcer manda
Ao negro precipicio cavernozo...
Cada qual olha para a oppoſta banda.

Mas

28

Mas o groſſo vapor, que o fundo valle
Exhalava de ſi, era tão denſo,
Tão eſcuro, e pezado, que impedia
Vermos do largo vacuo o vão extenſo.

29

Obrigados em fim nas azas firmes,
Fomos cortando a nevoa denegrida:
Sulfureo cheiro o ar eſpeſſo infeſta;
A luz já ſe nos moſtra amortecida.

30

Por entre o cego fumo já tão quente,
Que inda nem reſpirar ſe póde apenas;
De eſpaço a eſpaço ſoltão guincho agudo
Tétricas aves de enlutadas penas.

31

Em fim cercados de pavor chegámos
Ao vaſto fundo do medonho valle;
Em todo o noſſo globo achar não poſſo
Nada que a quanto vi de longe iguale.

32

No mais profundo ſitio preguiçozo
Deſcia entre penhaſcos retalhados
Hum rio de tão feia catadura,
Que ficámos de medo traſpaſſados.

33

Das retrocidas margens as areias
Erão efcuras mais que o efcuro lodo;
Mais do que os corvos, era a veia negra,
Que murmurava por eftranho modo.

34

Pelas fombrias praias horrorozas
Arvores obfervámos desfolhadas,
Em cujos pardos ramos alternando
Guinchavão negras aves magoadas.

35

Sobre as defpidas pontas dos rochedos,
Que efcurecião mais a praia oppofta,
Algumas almas vi, que blasfemavão
Da inalteravel lei aos homens pofta.

36

Entre ellas defcubri algumas deffas,
Cuja lembrança o mundo inda abomina:
Vi o fordido, e vil Sardanapalo,
Vi a bárbara, e torpe Meffalina.

37

Vi outras muitas mais, que não declaro
Por ferem entre nós mais conhecidas;
E logo diffe em mim.. Ah certamente!
As horas, que empreguei, forão perdidas.

En-

38

Enganei-me no trilho; agora vejo
A razão com que todo o mundo grita:
Quem dos malvados vai apôs o bando,
Enganado tambem ſe precipita.

39

As almas, cuja eſteira vim ſeguindo,
São almas criminozas certamente,
Que deixando os vís corpos nos ſupplicios,
Vem no Averno chorar eternamente.

40

São almas deſgraçadas, que abuzando
Dos bens que os Deoſes juſtos offrecêrão,
Antes penar aqui, do que no Olympo
Eternos bens gozar cegas quizerão.

41

Logo não póde ſer eſta a morada
Que eu vinha procurar com tanto cuſto;
Gemer não póde no profundo Averno
O eſpirito d'hum Principe tão juſto.

42

Pelo que eu vejo agora, o turvo rio
He o ſulfureo, lugubre Acheronte:
Niſto os olhos voltei, e vi na praia
Varar a barca rigido Charonte.

Aos

43

Aos toletes deixando os remos prezos,
Manejava robuſto a longa vara,
Que cravando já d'hum, já d'outro lado,
A barca para nós encaminhára.

44

Seu rugozo ſemblante o moſtra velho:
Tem hedionda, negra, e hirſuta a grenha;
Eſpeſſa a barba, e o gretado corpo
Na ſolidez, e côr parece penha.

45

Hum pouco em nós fitando os turvos olhos
Com imperio gritou: Então que eſperão?
Eu não poſſo perder aqui mais tempo..
Todas no meſmo inſtante eſmorecêrão.

46

Então o duro Genio, que trazido
Tinha das almas infieis o bando,
Por conta huma por huma ao vil barqueiro
As foi inda que triſtes entregando.

47

Vendo que já partia.. alto gritei-lhe..
Terás no teu batel paſſado acazo
O Principe dos Luzos? Reſpondeo-me:
Na minha Barca ſó tyrannos paſſo.

Tor-

48

Tornando então a mim arrependi-me,
De tal lhe perguntar; mas do receio
Não naſceo a pergunta.. em fim dictou-ma
A dor amarga, que me enchia o ſeio.

49

Firmando a longa vára ſobre a praia,
E encoſtando-lhe em ſima o corpo duro,
Da negra areia arranca a ferrea quilha,
Com o pezo a agua fez rouco murmuro.

50

E ſentindo que a nevoa carregada
Do vento revolvia hum bafo ardente;
Ambiciozo de largar as prezas,
Porque já neſta praia vê mais gente.

51

Bem no meio da barca hum groſſo maſtro
Com rara promptidão forçozo eſteia,
Logo huma grande véla ſuja, e rota
Entregue ao mole vento ſolta ondeia.

52

Sentando-ſe na poppa a eſcota firma,
A véla ſe embolſou ſem mais demora:
Já boia a negra eſcuma.. já das almas
Qual geme, e grita.. qual ſoluça, e chora.

To-

53

Tocão por fim na opposta, fatal margem;
Sem tardar logo o velho a praia ferra:
Eu que os tinha co' a vista ido seguindo,
Suspirei, quando os vi saltar em terra.

54

Saltárão do que vião assustadas,
Derramando sem fruto inutil pranto;
E apressado Charonte, huma por huma
Ao Ministro as largou de Rhadamanto.

55

Erão oito entre todas, dellas quatro
Tinhão-se neste mundo dado á uzura:
Huma á murmuração; com sangue as outras
Assinárão a sua desventura.

56

Cheio de humana dor as fui seguindo
Com os olhos, que o pranto humedecia,
E vi que a huma caverna escura, horrenda
O inexoravel Bronte as conduzia.

57

Dous colossaes penedos escabrozos
Os agudos cabeços ajuntando,
Formavão da caverna a porta horrivel,
Que está negro vapor sempre exhalando.

58

Chegão .. e parão .. porque o medo as prende,
Quando a morada triſte vem da Noite;
Mas o duro Miniſtro rigorozo
Sobre todas deſdobra hum longo açoite.

59

Sepultou-as por fim, e já meus olhos
Vellas não podem mais por entre o fumo..
Seus gemidos ouvi paſſado hum pouco,
E cheio de pavor voltei o rumo.

60

Com medo de perder de novo a eſtrada,
Vim buſcar com trabalho a ſepultura:
Aqui derramarei lagrimas triſtes
No regaço da Eſpoza terna, e pura.

61

Aqui, Myrtillo, decorando os verſos,
Que a tua Muza ao Principe offerece,
Na certeza feliz de que no Elyſio
Seu eſpirito claro reſplandece.

62

Paſſarei té chegar o ultimo inſtante,
Em que eu aqui de dor tambem expire:
Certo de que depois de minha morte
Não faltará quem triſte em vão ſuſpire.

63

Confeſſo, que fiquei horrorizado
C'huma tal narração; e exaggerando
As ſabias precauções, com que os Divinos
Os homens para o bem forão levando.

64

Não contentes de haver formado o mundo
De ſorte, que ſem delle ſahir fóra
Dos Eróſtratos vís ſe pune o crime,
E Plácido por fim c'o as Leis deſcóra.

65

Vendo que os corpos cá pagando ficão
A parte que tiverão nos delitos;
E que ſendo dos erros os authores,
Das penas fogem os ſubtís eſpritos.

66

Rezervárão a ſi dar-lhes caſtigos,
Que ás ſuas infracções preſcriptos erão,
Entre os homens as Leis cedem ás vezes,
Entre os Deoſes porém nunca ſe alterão.

67

As paixões entre os homens podem tanto,
Que a pezar da razão, que noite, e dia
A fim de os refrear lhes reprezenta
A eterna mágoa, com que o mal ſe expia.

A

68

A pezar do rigor com que ameação,
Com que eternas, e humanas Leis fulminão,
Fechando os olhos ſem receio os homens
Abandonando o bem, ao mal ſe inclinão.

69

Reſpeitavel Jozé.. Principe excelſo..
Exemplar dos varões aſſinalados,
Em teu ſeio a Virtude agazalhaſte,
Separárão-te os Deoſes dos culpados.

70

Vendo o Genio por fim determinado
A ficar entre nós tambem chorando,
Pedi-lhe não julgaſſe ſatisfeito,
Formoza Lizia, teu affavel mando.

71

Moſtrei-lhe que outra vez abrindo as azas
O Principe infeliz buſcar devia:
Que a não o achar da Confuzão no reino,
Foſſe aos campos buſcallo da Alegria.

72

Tornou-me, que ſer victima receia
Do engano em que o puzerão ſeus pezares:
Reſpondi, que ſeguiſſe as almas ledas,
Que entre os rizos cortando achaſſe os ares.

73

Que deſtas ſem temor os vôs ſeguiſſe,
Certo de em fim chegar ao campo ameno;
Onde de immortal luz ſendo croado
Triunfante ſe vê o homem terreno.

74

Fundado em que do impávido Pacheco,
Quando entrou por Lisboa triunfante:
Comparado a Gilfort indo ao ſupplicio,
Ver-ſe-hia differença no ſemblante.

75

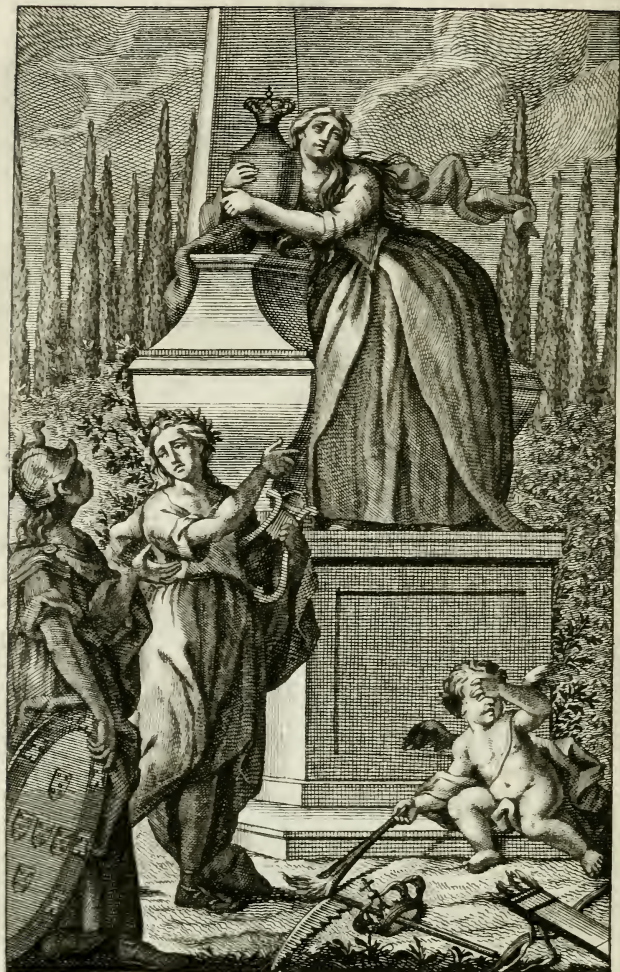
Convencido voou,... e por coſtume
Entre os mortos fiquei em vão chorando;
Co' a lembrança d' um bem que nos roubárão,
Minha voraz triſteza alimentando.

76

A eſcura Noite para oppôr-ſe ao dia
Envolveo-ſe em eſpeſſos nevoeiros;
Deſpindo-a vão, porém do Sol os raios
A nevoa ſe desfaz toda em chuveiros.

77

Mas ah! .. da Noite o fumo diſſipou-ſe;
E em quanto o Sol brilhando vai de manſo;
Encoſtado na campa fria, e dura,
Vou á dor procurar algum deſcanſo.

NOI-

*Joaõ Thomas da Fon.ca inv.* *Ventura da S.a exc.*

# NOITE V.

1

PAssei o dia todo, ó Lusitania,
Abraçado co' a pedra, que he tão dura,
Que não pude obrigalla a que cedesse
De meus negros gemidos á amargura.

2

Da Augusta Marcia em attenção ao pranto
Pedi-lhe, se voltasse hum pouco ao menos,
Para vermos chorando, quem jurava
Dar-nos com seu favor dias serenos.

El-

3

Ella banhada em lagrimas gritava,
Imitando a Isabel,..ó dura lagem,
Meu Espozo adorado ou ver me deixa,
Ou dá ás minhas lagrimas passagem.

4

De minha justa dor compadecida,
Deixa a elle chegar meu pranto ardente,
Talvez que alguma lagrima aquecendo
O seu peito de novo o avivente.

5

Ergue-te hum pouco só, para que eu caiba,
Com elle quero supportar teu pezo;
Quero animar seu seio amortecido
Com a chamma, em q̃ o meu tenho inda accezo.

6

Mas apenas me vires abraçada
Com elle estreitamente, sem demora
Occupa o teu lugar, fecha de novo,
Quero morrer com quem minha alma adora.

7

Quero que para os seculos futuros,
Quando nos encontrarem abraçados,
Conheção os vindouros a pureza
Do fogo, em que vivemos abrazados.

Su-

8

Supremos Deoſes, vós a cujo mando
Parão os rios: adormece o vento:
O colo pedregozo os montes dobrão:
E do Olympo eſtremece o fundamento.

9

A eſta impenetravel, crua lagem
Obrigai a ceder aos meus gemidos...
Já que Hymeneo nos fez reſpirar juntos,
Deixai-nos no ſepulcro eſtar unidos.

10

Elle amava-me tanto, que gemia
Sempre que não podia eſtar comigo:
Doce Eſpozo.. comigo em vida eſtavas..
Depois de morto eu quero eſtar comtigo.

11

Aſſim aos Ceos bradava em altos gritos,
Por abrandar da pedra a vil dureza;
Mas ella cada vez mais obſtinada,
Sem a eſcutar ſobre o cadaver peza.

12

Que reſpeito me inſpira, ó Luſitania,
Da Natureza a ſolidez conſtante..
Seus eternos Decretos não revoga,
Nem ſe moſtra ao paſſallos vacillante.

Ho-

13

Homem nas decizões arrebatado,
Eſta curta lição de novo aprende:
Antes de proceder ſerio examina;
Quem cégo corre, ao precipicio tende.

14

Quaſi ſem reparar, ó Patria amada,
Faz-me a dor do Epicteto a falla tome,
De Cenſor me arrebata c'o a mania;
Mas juro de Catão não quero o nome.

15

O Amor proprio, eſta occulta, activa mola,
Que ſobre ás almas tem maior dominio,
Que o fogo elementar tem na materia,
Inda que o não diſſeſſe Stal, ou Plinio.

16

Eſte Agente ſagaz, que entre os humanos
Mais fórmas, que Vertumno larga, e toma:
Que em Diógenes ora anda de raſtos,
Ora em Carlos ao mundo põe diploma.

17

Eſte eſtímulo, a quem Lucílio deve
Seus verſos, e os ſeus quadros Ticiáno;
Por quem Juméli atrás deixou Terpandros:
Por quem Nero foi monſtro, heroe Trajano.

Em-

18

Embrulhado no manto da bondade,
Quando os homens tirar buſca do abyſmo,
Da futil gloria no mais alto cume,
Firma o ſeu trono crédulo Egoiſmo.

19

De Sócrates, Solon, e Zoroáſtre,
Ao proprio amor devemos os conſelhos:
Todos da diſtinção á croa aſpirão,
Moços robuſtos, encurvados velhos.

20

Tu porém, Muza minha, que ferido
Vês o meu coração de aguda mágoa;
Tu que vês no meu roſto a dor pintada,
Entre os meus labios ais, nos olhos agoa.

21

A que fim adejando ſem ſocego,
Procuras diſtrahir meu penſamento?
Deixa os homens ſeguir ſeus varios rumos,
Deixa a cada hum morrer no ſeu intento.

22

Juvenal, e Boileau, Regnier, e Perſio,
Que aproveitárão com ſeus bellos ditos?
Nero, e Paris vivêrão como d'antes,
Zombou Cotin dos maldizentes gritos.

Deſ-

23

Deſſe alto tribunal, ó Muza, deſce:
Eſſe acre frenezim larga por ora:
Reconcéntra-te mais: na ſepultura
Do Principe querido chora, chora.

24

Chora o Principe.. chora a grande falta
D' hum Mancebo naſcido para Auguſto;
A quem juravão já dever favores
Os meſmos povos do terreno aduſto.

25

Livre da prevenção eſcandaloza,
Tão fatal á cortada Humanidade,
Largando Charlevoix amava os homens,
Que o clima reveſtio de eſcuridade.

26

Vendo-ſe humano, os homens reſpeitava:
Entre elles differenças não fazia:
Amava o Patagão agigantado,
E o pequeno Lapónio protegia.

27

Todos para Jozé erão os meſmos;
E do primeiro Par mui bem lembrado,
Da Groelandia, e Sandwich c' os frios povos
Se julgava igualmente aparentado.

Lo-

28

Logo ſe geralmente os homens todos,
Por Jozé tinhão ſido amados tanto:
Todos devem por elle dar gemidos,
Soltar amargos ais, derramar pranto.

29

Sim, minha terna Lizia, que ſuſpenſa
Eſtás por me eſcutar toda eſta noite:
Dezafio a chorar os homens todos,
E não paſmes que a tanto me eu affoite.

30

Como juſto varão a ſua morte
Deve pelos humanos ſer chorada:
Como Principe dado aos noſſos povos
Por elles com mais queixas tributada.

31

Mas vós, ó reſtos, já deſanimados
Dos mizeros mortaes, que vos nutrírão:
Vós que foſtes os mudos inſtrumentos,
De que as mortas vontades ſe ſervírão.

32

Hoje eſtais, frios oſſos, deſcançando
Das difficeis fadigas trabalhozas,
Que vos davão os futeis, vãos dezejos
Filhos de loucas almas caprichozas:

Ho-

33
Hoje eſtais deſcanſando, em quanto afflicto;
Inutil pranto ſobre vós derramo:
Eſtais emmudecidos, quando eu triſte
Por hum amavel Principe em vão chamo.

34
Sim, entre vós repouza tambem morto
O futuro Senhor do Trono Luzo,
Da Lei poſta aos viventes nelle a Parca
Fez ao noſſo pezar bárbaro abuzo.

35
Quantos homens occupão hoje as terras,
Que o balançozo mar, azul rodeia,
Certamente por elle ſaudozos
Soltão do acerbo pranto a quente veia.

36
Amar he proprio ao homem, quando certo
Eſtá de que por outro vive amado,
O homem natural nunca reziſte,
Ama quando ſe vê recompenſado.

37
Por iſſo Egito, e França moderai-vos,
O epítheto que dais, foi merecido;
Más voſſos Reis amados nunca forão
Como entre nós Jozé amado ha ſido.

Pto-

38

Ptolemeo, e Luiz forão amados
Dos povos, que prudentes governárão;
Porém por noſſo Principe excellente
Os mais eſtranhos povos ſuſpirárão.

39

Todos os dias em eſcuro bando
Para juſtificar noſſos gemidos,
A eſta habitação triſte da Morte,
Que occupão ſeccos oſſos deſunidos.

40

Chegão em buſca do ſepulcro avaro,
Que nos rouba a pezar do juſto pranto
Teu Eſpozo fiel, ſenſivel, terno,
Que adorando-te a ti, nos amou tanto.

41

Chegão em buſca do letal ſepulcro
Suſpiros, queixas, e ais deſentoados,
Que em prova de pezar tambem lhe envião
Os povos dos certões mais apartados.

42

Juntos pouzando vão na campa fria,
E com triſte rumor, e ſons agudos,
Sobre ella batem as eſcuras azas,
Até que em fim canſados ficão mudos.

Das

43

Das azas co' o bater na eſtreita pedra
Largando vão as lagrimas queixozas,
Com que ao naſcer as tinhão enſopado
Póvos diſtantes, gentes carinhozas.

44

O noſſo morto Principe gozava
De fazer-ſe adorar o privilegio;
Da Parte Nova os póvos mais ferozes
Gemião por beijar-lhe o Sceptro regio.

45

Não ſeguia o ſyſtema ruinozo
Com que os Mahomets alçárão ſeus Imperios:
Dos Calígulas tinha horror aos crimes,
As conquiſtas chorava dos Rogerios.

46

Ao rouco eſtrondo, com que ardendo o bronze,
Por entre o eſpeſſo fumo enovelado,
Solta as rápidas balas faiſcantes,
Ou duro ferro em laſcas retalhado.

47

Ao ſom dos arcabúzes, das bombardas,
Das ardentes panelas, ou petardos;
Ao vô incerto das agudas lanças,
Farpadas ſettas, ou buidos dardos.

Aos

48

Aos fataes inſtrumentos ſanguinozos
Do ſanguinozo, bárbaro Mavorte,
Não queria dever a ſua gloria,
Que he fatal ſempre, quando a croa a Morte.

49

Do illudido Sebaſto co' a imprudencia
Traçar não pertendia novos mappas:
Pacífico, bom Rei de paz queria
Té dos mares encher as fundas lapas.

50

A moleza porém, nem froxa inercia,
O panico temor, vil ſuſto, ou medo,
O apego á fertil Paz não lhe inſpiravão,
Ria-ſe da fraqueza de Sagredo.

51

Os preceitos fataes, porém precizos
D' eſta arte dos humanos deſtruidora,
Na memoria fiel tinha tão claros,
Como ſe a guerra ſeu prazer ſó fora.

52

Imitando de York ao grande Duque,
E da França ao Heroe ſabio Turena,
Sobre a arte pelos Dauns tambem traçada
Judiciozo moveo ſua habil penna.

Sa-

53

Sabia: mas ſeu fim era o mais juſto,
Certo de que a defeza he neceſſaria,
A quem forças não tem, com que ſubjugue
Huma força maior, que lhe he contraria.

54

Sabia a fim de defender ſeus povos;
A fim de os conſervar na paz ditoza
D'Eugenios, de Malbroughs já ſcintillava
Nelle a ſciencia, e conſtancia vigoroza.

55

Dezeja moſtrar que hum Rei podia
Verificar a antiga idade de oiro,
Que aos Italos Saturno prodigára,
Quando do filho ſupportou o deſdoiro.

56

A viſta da feliz grata abundancia,
Com que de Brandeburg o Chefe activo,
E outros Principes mais enriquecêrão
Seu já pingue terreno, antes eſquivo.

57

Dos noſſos ſexto, e nono Reis antigos
Ao exemplo cedendo protegia
As ſúpplicas dos próvidos Colonos,
Moſtrando quanto o ſeu valor bem via.

Jul-

58

Julgo mais, que Anco Marcio convencido
De que no ſeio ſó da Agricultura
As Sciencias, Artes, Armas, o Commercio
Achavão nutrição conſtante, e pura.

59

Mil ternos rizos no engraçado roſto
As azinhas batião prazenteiros,
Quando via raſgar o curvo arado,
Húmidos valles, áſperos oiteiros.

60

Vendo Tyro, Carthago, Sparta, Athenas;
E hoje Hollãda, Inglaterra, Heſpanha, e Frãça;
Nutrir co' os bens, que o pródigo Commercio
Sobre os ſeus póvos ás mãos cheias lança.

61

Do Minho, Douro, Téjo, e Guadiana
Por canaes dezejava miſturadas
As claras, freſcas, nítidas correntes,
Que os verdes mares buſcão deſprezadas.

62

Por eſtes novos rios das Provincias
Os generos depreſſa ſe trocárão,
E os póvos, que a diſtancia faz eſtranhos,
Felices pactos entre ſi firmárão.

G Den-

63

Dentro em ſeu coração conter não pode
O rizonho prazer, doce alegria,
Que o aſſaltou ao ver que a Mãi Auguſta
Largos caminhos ao ſeu povo abria.

64

Eſte exemplo feliz da Soberana
De todo o perſuadio, de que as eſtradas
A communicação facilitando,
As Provincias tem ſempre de mãos dadas.

65

Vendo, que a ſituação do ſeu terreno,
Seu curto comprimento, e eſtreiteza,
Já aos Luzos antigos obrigára
A dárem-ſe dos mares á aſpereza:

66

Vendo que, Luſitania, ao mar devias
As palmas, que arrancaſte aos Africanos:
De Cabral a importante deſcuberta:
E n' Azia os eſtandartes Mauritanos.

67

Vendo que ás bravas ondas eſtrondozas,
A pezar da cruel ferocidade,
Devíamos não ſó a gloria antiga,
Mas tambem a prezente utilidade.

Ven-

68

Vendo que neste estado indispensaveis
Erão essas boiantes Fortalezas,
Que os Nacionaes Direitos defendendo,
Conservão sempre as allianças prezas.

69

De Neptuno as espaduas quando via
Co' alguma nova quilha retalhadas,
Da carinhoza Mãi as mãos benignas
Com seus beijos dezejava mais coradas.

70

De tudo quanto concorrer podia,
Para hum bom Rei formar se tinha ornado:
Tudo o que o Povo enriquecer pudesse,
Tinha sido por elle dezejado.

71

Quanto o não mostrão seus desejos certo
Nesse Evangelho, que a razão descobre:
Servido em pratos de oiro Americano,
Não póde ser o Rei de gente pobre.

72

Luctuozos gemidos, tristes queixas,
Que voais entre os mortos esqueletos,
Pouzai: não perturbeis a paz escura
Com ruidozos voos inquietos.

73

Chegai do noſſo Principe ao Sepulcro,
E vereis encerrado em vão eſtreito
O famozo Varão, que os altos Deoſes
Para illuſtrar o mundo tinhão feito.

74

Aquelle, que aos prazeres verdadeiros
Dava ſeu coração, ſua alma pura;
Sempre que via ſobre algum humano
Bem-feitora voar, qualquer Ventura.

75

Vinde ver da ſublime Natureza,
E da noſſa Sobrana os sãos intentos
Convertidos em pó... fim lamentavel
Da belleza, das ſciencias, dos talentos.

76

Dos Cédros, e dos fúnebres Cypreſtes
Por entre os verde-negros, creſpos ramos,
Vejo a Noite fugir... ah mágoa minha!
Do novo dia á luz tambem fujamos.

NOI-

*Noite VI.*

*Joaõ Thomas da Fon.ca inv.* — *Lx.a Ventura da S.a esc.*

# NOITE VI.

1

ZEFIROS, que voais por entre os ramos
Dos altos, deſiguaes, verdes Pinheiros:
Torpes, longevos Faunos fugitivos:
Ninfas dos boſques, Ninfas dos ribeiros.

2

De roxas ſaudades coroados
Ao ar queixozos ais vinde eſpalhando..
Vinde aos meſmos ſilvados eſpinhozos
Noſſas pungentes mágoas inſpirando.

Vin-

3

Vinde comigo, vinde ás praias frefcas
Do noffo ameno Tejo entriftecido:
Vinde ajuntar ao meu o voffo pranto,
E mifturar co' os meus voffo gemido.

4

Cubri os roftos co' os fubtís cabellos,
A fim, que o rizo nunca nelles pouze:
Com pena de traidora fer chamada
Dár final de prazer nenhuma ouze.

5

Faunos, ventos, e Ninfas todos juntos
Deveis tambem chorar noffa defgraça:
A paz desfrutarieis deleitoza,
Que vos roubou tambem a forte efcaça.

6

Viçozas Primaveras vinte, e fete
Chegão feu rofto a ver de Primavera;
E em fans applicações gaftava o tempo,
Que outros Principes derão á Quimera.

7

Fugi de nós, ó prazenteiros goftos,
Doces fatisfações, meigos carinhos:
Batendo as pandas azas côr da noite,
Vinde a nós fuftos lúgubres, daninhos.

Já

8

Já benignos ſeus olhos derramavão
Doce conſolação em groſſa enchente..
Ante elles o pezar abrindo as garras
Soltava o coração da afflicta gente.

9

Broncos penedos, que já n' outro tempo
D' Ino a ſorte infeliz choraſtes tanto,
Por entre o freſco muſgo, que vos cobre,
Ah! deixai gotejar amargo pranto.

10

A ſua bem formada, rubra bocca
Feita Oráculo vivo derramava
Sentenças, com quem a cándida Verdade
Por ſua lingua aos homens ſe explicava.

11

Ligeiras nuvens, que eſcutais paradas
Os dolorozos ais, que ao ar ſoltamos...
Dos hórridos trovões ao ſom tremendo
Eſpalhai o pezar, que ſupportamos.

12

Jozé..Jozé..por nós Principe amado,
Onde eſtás?..Onde eſtás?..díze-nos onde..
Nós te iremos buſcar..mas chorai olhos,
Jozé deſcanſa..onde ninguem reſponde.

Com

13

Com a força da dor eſtalai penhas;
Abri os ſeios do meu pranto ás gotas;
Suſpire ſobre vós todo o vivente
Por hum Principe tal ao ver-vos rotas.

14

A vingativa Alteia ás chammas lança
O tição por punir a Meleágro;
Mas ſem crime a cruel Morte ſuffoca
Hum Principe, a quem lagrimas conſagro.

15

Mas Rómulo tambem antes de tempo
Por ſeus crimes não foi aos Ceos ſubido:
Tirando-lhe hum bom Rei, o Ceo mil vezes
Os erros do máo povo tem punido.

16

Quebrai-vos de chorar canſados olhos..
E as lagrimas que abſorbe o campo enxuto,
Convértão-ſe em viólas denegridas,
E outras flores da côr do triſte luto.

17

Oh mágica Medeia, que inſpirada
Pela triforme Hecáte ſubjugando
Os fogozos Dragões, que co' as farpadas
Azas forão por ti nuvens raſgando.

Tu,

18

Tu, que em volante carro ao ar ſubindo
Viſte das Tempeſtades a morada;
Os gemidos eſcuta deſditozos,
Da deſditoza gente magoada.

19

As ſaudaveis plantas, que arrancaſte
Ao ſom de imprecações myſteriozas,
Nos Montes d'Oſſa, Pélion, Othris, Pindo,
E do Enípeo na praia deleitoza:

20

Traze do Luzo aos deleitozos campos,
E com os ſeus activos, quentes ſuccos,
Em lugar de perder ſem fruto o tempo
Em remoçar de novo Eſsões caducos.

21

Vem-nos reſuſcitar o mais perfeito
Principe, que formárão mãos Divinas;
Mas coitados de nós.. hervas não podem
Os raios inverter, que, ó Ceo, fulminas.

22

Já vejo as altas Faias, verdes Chopos,
Em que as triſtes Helíadas chorozas
Se vírão convertidas: doirado ambar
Formão do pranto as gotas amargozas.

Tal

23

Tal foi a compaixão, que aos altos Deoſes
Merecêrão os ais, que ao ar ſoltárão:
D'outra maior são dignas certamente
Lagrimas, que entre nós ſe derramárão.

24

As Irmans de Phaetónte lamentavão
A morte d'hum Irmão deſvanecido,
Que pàra remover do mundo a ruina,
Foi pelo meſmo Jupiter ferido.

25

Se alcançou piedade a ſua mágoa,
Quanta a noſſa tambem obter não deve?
Quanta cauza maior de chorar temos,
Que nas margens do Pó Lampezia teve.

26

Nós choramos a morte ineſperada...
Ah Lizia, eſtimo bem a tua vinda;
Moſtrão bem teus cabellos deſgrenhados,
Que a tua alma o pezar devóra ainda.

27

A eſtas Ninfas, Zéfiros, e Faunos,
Que apôs mim conduzírão meus gemidos,
Convidava a chorar os noſſos males,
Males por noſſos erros merecidos.

28

E como algumas Náiades formozas
Formão o meu intristecido coro:
Por ellas terem sido as que enterrárão
Phaetónte infeliz com triste choro.

29

Convencéndo-as do excesso incomparavel
Da tua perda sobre a de Climéne,
Dezejei commovellas de maneira,
Que não fique nenhuma, que não pene.

30

Pintáva-lhes as raras qualidades
Com que te mereceo maior ternura,
Do que Julia Proscíla formentára
Por hum filho, que á gloria erguer procura.

31

Que escura nevoa hoje enegrece a praia
Do nosso triste rio adormentado...
Ficou de ouvir as nossas tristes queixas
Sobre a molhada areia debruçado.

32

Que sepulcral silencio dominando
Este lugar está triste, e medonho!...
Mas ai!.. que sinto?.. suo.. tremo .. eu morro
Acordado estarei?.. ou isto he sonho?

33

Isto he de minha dor hum novo effeito:
Chorai olhos.. chorai em liberdade..
Meu triste coração ah desaffoga!.
Soita gemidos.. solta á saudade.

34

Melancólica irmã do claro Phebo,
Que encostada em teu carro prateado
Pensativa caminhas, dirigindo
Teus alvos potros pelo ar delgado.

35

Desbruçándo-te vens por ver se acazo
Por entre as crespas nuvens que prateias
Vês teu Endymião.. tambem gememos
Por Jozé nestes campos, que allumeias.

36

Não te canses porém.. em vão a vista
Estendes pelo mar, valles, e prados:
Do teu Endymião Jove supremo
Os bellos dias quiz ver terminados.

37

Jove por terminar tua alegria
Do eterno sono o fez cahir nos braços:
Arimáno a Jozé para chorarmos
Duro abysmou nos sepulcraes espaços.

A

38

A fraudulenta Inveja deſtruidora
De tudo quanto he bom, já não podendo
Por mais tempo obſervar as eſperanças,
Que de Lizia no çolo hião creſcendo.

39

Cuſtándo-lhe a ſoffrer, que as alegrias
Herdeiras de eſperanças tão fecundas;
Encheſſem de prazer não ſó os prados,
Mas té dos montes as cavernas fundas.

40

Furioza de ver nos ſeios fortes,
Dos fortes, generozos Luſitanos
Co' a poſſe d'um tal Principe animados
Ledos pular os corações ufanos.

41

Os Povos de Mavorte protegidos
Vendo no mar, e terras mais diſtantes
Derramarem contentes meigos rizos
Inimigos das mágoas penetrantes.

42

Não podendo ſem dor ver tanta gente
Sorver do goſto a viração ſuave:
Para moſtrar melhor, que produzido
Bem não exiſte, que ella não deprave.

No

43

No ſeio de huma ſerpe enraivecida,
Chupando o ardente fel, que á raiva incita;
Ligeira deixa a gruta peſtilente,
E os feios monſtros, com que ſempre habita.

44

Por inhóſpitos campos ſolitarios:
Por deſpidos dezertos eſcabrozos,
Onde ventos não ha, que irados ſoprem,
Nem Zéphiros, que ſoprem carinhozos.

45

Por terrenos incultos, alaſtrados
De cadaveres tanto differentes,
Quanto o são as eſpecies variádas
Dos que para morrer naſcem viventes.

46

Por ſitios, onde a meſma agua encharcada
Exiſte morta, guarnecida á roda
De amarellados muſgos tambem mortos,
Que enfeſtão podres a atmoſphera toda.

47

Pelo reino da Morte pavorozo,
Onde tudo em letal abatimento
Deſcanſa: onde já tudo inanimado
Durava ſem vigor, ſem movimento.

Da

48

Da Parca buſca a habitação medonha
A que chega por fim, e nella entrando
Seu venenozo ſangue ſe congela;
Os oſſos o pavor lhe vai calando.

49

O dragão eſcamozo, que enroſcado
Lhe cinge quatro vezes a cintura,
E as víboras famintas, que aſſanhadas
Lhe mordião nos peitos a alma impura.

50

Apenas chegão á prezença horrivel
Da hórrida, tartárea Libetína,
Morrendo largão a malvada preza,
Que expirando tambem ao chão ſe inclina.

51

De ſua mortal viſta por hum pouco
A Parca ſuſpendendo o activo effeito:
Para lhe ouvir a voz á Furia manda
Suſtenha a vida, que inda tem no peito.

52

A Morte ſanguinoza deſcanſava
Sobre hum montão de esbranquiçados oſſos,
Que por terem formado homens inſignes
Inda mais illuſtravão ſeus deſtroços.

A

53

A Tyſica voraz, comprida, e magra:
A ſúbita, feroz Apoplexia:
As Febres aſſaſſinas, cuja ardencia
Nos roſtos abrazados, bem ſe via.

54

A empachada Soberba; a torpe, bruta,
Deſvelada Avareza; o enſanguentado,
Bárbaro Diſpotiſmo; a Hypocrizia;
E o Fanatiſmo vil atraiçoado.

55

Velhas Preoccupações; triſtes Moleſtias:
Simuladas Traições ſanguinolentas;
As malditas Paixões, que os vicios nutrem
Rodeavão a Parca ſomnolentas.

56

Mas a todos acorda o ſom agudo,
Que ao naſcer faz hum ai da bruta Inveja,
Fiɛta os olhos na Parca ſilencioza,
Olhos em que o furor livre chameja.

57

Co' alento, que lhe reſta forcejando
Taes palavras ſoltou a Furia enorme.
Funérea Libetína inexoravel
Por quem quanto exiſtio já morto dorme.

Tu

58

Tu, cujo defcarnado, erguido braço
Dos viventes jámais algum refpeita:
Tu, que matas os Reis tão focegada
Como as flores, que o prado ameno engeita.

59

Tu, Miniftro fiel, fempre incanfavel
Da fabia, productora Natureza:
Tu, cujo coração impedernido
Os clamores das víctimas defpreza.

60

Attende ás anfias, com que vim pizando
Teus fepulcraes domínios defabridos:
Já que eu tambem te firvo cuidadoza,
Dá por hum pouco á minha voz ouvidos.

61

Tu tens-me encommendado, que dos homens
Quanto poffivel for perturbe as ditas;
Em fervir-te leal gafto o alento,
Que de novo tu grata em mim excitas.

62

Eu fempre vigilante entre os humanos
Revoltozas difcordias vou nutrindo:
Falfas cavillações: entrigas feras,
Que os laços da amizade andão partindo.

63

Do velho Pai cansado o frio peito
Faço que o filho rasgue furiozo:
E a cruel Laodicéia a sua prole
Sepultou no teu seio tenebrozo.

64

D'Adriano queimei tanto as entranhas,
Que do Danúbio a ponte sumptuoza,
Desmantella, arruina unicamente
Por desfalcar do Author a fama idoza.

65

A pezar das virtudes que o ornavão
Sabes delle alcancei, que em triste choro;
Mostrando seu tenaz resentimento,
Delle víctima fosse Apolodoro.

66

Pacheco, Lopo Vaz, Bing, Albuquerque,
E o forte Belizario cuidadoza
Sacrificar-te pude; e inda me lembra
Que ufana os aceitaste mui gostoza.

67

Sabes que por te ser mais agradavel,
Illustrando inda mais os teus serviços;
Perverti corações ao bem propensos,
Os seios corrompi té dos Magriços.

Bem

68

Bem vês que para entrar por toda a parte,
Quaes em Miranda entrárão os Hyfpanos:
Mil fórmas largo, e tómo, com que abuzo
Da crédula fraqueza dos humanos.

69

Por ti de emulação, de ardente zelo
Da amizade, e carinho as fórmas vifto:
Entre os froxos de fraca o nome adquiro,
Manha com que ao depois fegura invifto.

70

De todos eftes trages reveftida
Sabes quanto por ti tenho fuado:
Quão foberbos troféos pofto por terra;
Quão inuteis muralhas levantado.

71

Quantos milhões de víctimas fem culpa
Aos magótes lancei nos teus altares;
Com feu fangue inundando a efteril terra,
Com feus últimos ais turvando os ares.

72

Sabes, que em toda a parte, em todo o tempo
A's Artes, e Sciencias fiz mil damnos;
Formando dos feus mais fieis alumnos,
Seus mais damnozos, pérfidos Tyrannos.

73

Em premio pois de quanto obrado tenho
Para dar cumprimento a teus preceitos,
Quero me ajudes, tétrica Deidade,
A ferir d'um ſó golpe muitos peitos.

74

Em fim não poſſo ſupportar, que vivo
O Principe dos Luzos mais reſpire:
Eu darei por bem pagos meus trabalhos,
Quando o ſabio Jozé morrendo expire.

75

Como da Furia o rogo por objecto
Entre as ruínas tinha a mais diſtincta:
A devorar de Lizia o Rei futuro
Das Febres todas manda a mais faminta.

76

Por teu Endymião em vão ſuſpiras..
Nós tambem por Jozé em vão gememos..
Mas já que em ſó chorar alivio achamos..
Triſte Diana, ſem canſar choremos.

77

Choremos noite, e dia pelos montes..
Com lagrimas reguemos noſſos prados..
Choremos o maior de quantos males
Sobre eſte globo devem ſer chorados.

Per-

78

Perdemos hum bom Principe, Juſtiça,
Induſtria, Sciencias, e Artes, que os Eſtados
Sabeis enobrecer, dizei ſe acazo
Póde vir maior mal aos povoados.

79

Hum bom Principe, ſim de cujo braço
Vem os Povos ſeu bem eſtar pendente
He a perda maior, que fazer póde
A já deſtribuída, culta gente.

80

Quando hum Principe bom occupa o trono
Em attenção a elle as Divindades,
Tudo proſperão: liberaes repartem
Com ſua alma das ſantas qualidades.

81

E quanto os povos vivem convencidos
Dos altos bens, que d'um bom Rei ſe eſperão,
João Auguſto, nos teus Luzos viſte
Quanto com o teu mal eſmorecêrão.

82

Quanto he noſſo pezar mais generozo,
Invicta Luſitania, do que o pranto
Que Roma derramou por ſeu Marcelo;
Que por Thoas verteo tambem Lepantho.

Seus

83

Seus queixumes.. ſeus triſtes ais queixozos
Forão paga dos bens já recebidos,
Gemêrão por ſeus Chefes Bem-feitores
A ſeu valor, e zelo agradecidos.

84

Ao Auguſto Jozé..ao Rei futuro
Lizia devia ſó zelo conſtante...
Hum tão ſólido amor, tão bem formado,
Que o invocava já ſeu Atlante.

85

Só mortas eſperanças lamentamos..
Mas ellas, juſtos Ceos, valião tanto;
Que deſde que ha mortaes entre os dois polos,
Nenhum mais digno foi de amargo pranto.

86

Ai..já não poſſo mais.. anſias, ſoluços..
Suffócão-me a voz debil na garganta..
Adeos, choroza Lizia..adeos, ó Ninfas,
Ah..íde-vos, que o Sol já ſe levanta.

NOI-

Joaõ. Thomas da Fon.ca inv.    Ventura da S.a

# NOITE VII.

I

COMO vem hoje a Noite carregada,
De tão eſpeſſa nevoa reveſtida,
Que nem de Syrio penetralla póde
A ſcintillante luz eſclarecida.

2

Nictiméne brutal, que por ſeu crime
Convertido ſe vio em ave negra,
Geme no Cedro, em quanto Filomela,
Cantando da vingança vil ſe alegra:

Mi-

3

Mízera condição da humana gente..
Teſtemunho fatal da variedade..
Prova conſtante do chorado abuzo,
Que o homem faz da grata liberdade.

4

De pranto em gotas mil vertendo as mágoas
Heráclito lamenta noite, e dia;
Em tanto o Abderitáno ás gargalhadas
Zombava ſem ceſſar de quanto via.

5

Dos homens a acanhada intelligencia,
Em nada mais ſe vê, que na incerteza,
Com que cegos diſcorrem muitas vezes
Do meſmo objecto ſobre a Natureza.

6

Huns a Juliano dão fumantes piras;
Veſtem-lhe a frente c' o enroſcado loiro;
Ornão-lhe a bellicoza, forte dextra
Co' cravejado, nobre Sceptro d' oiro.

7

Outros delle formando outras idéias,
O deſpem do imperial, pompozo manto;
Huns chamão-lhe infiel, perverſo, duro,
Outros chamão-lhe juſto, humano, ſanto.

8

A geração de Pyrrha vicioza
Em tudo bufca defiguaes extremos:
Ou a Jove arrancar intenta os raios,
Ou ao velho Charonte os duros remos.

9

As pedras do Thezálio organizadas,
Difcordando entre fi dois bandos feguem,
Huns d'Ephezo fufpirão com o trifte,
Os outros com o Trácio a rir profeguem.

10

Do mundo o deftruidor, bárbaro abuzo
Das Sciencias e Artes bellas o Tyranno,
Sobre a mízera, pobre Humanidade;
Domínio o mais cruel, pratíca ufano.

11

Os homens são os mefmos, que antes erão:
Sempre por não parar nos termos dados
Do Abuzo vil, fatal no abyfmo efcuro
Vão ás tontas cahir precipitados.

12

Todos ao cego Abuzo são propenfos;
Todos fem o cuidar no mundo abuzão;
E depois ao pagar tributo ao erro,
Com os acazos tímidos fe efcuzão.

Té

13

Té Newton dedicou á este Numen
Seu Paraphrazeado Apocalypse:
Pelo mesmo furor arrebatado
Tosca da Lua, e Sol mede o Eclipse.

14

Das mais sagradas, importantes luzes
Os homens desleaes abuzão cegos;
Da sã Religião o Abuzo em Cusco,
Fez com sangue fumar leivas, e regos.

15

Perrault sem se lembrar quanto aos humanos
He mais preciza a arte soberana,
Que a dezejada vida prolongando
As víctimas arranca á Morte insana.

16

De Galéno, e Hyppócrates a Sciencia,
Sem ver quanto foi sempre mais precioza,
Que de empinar soberbos obeliscos,
Essa Arte sempre altiva, e caprichoza.

17

Perrault atraiçoando a Humanidade,
Em obsequio ao feroz, cruento Abuzo,
Abandona de Celso as descubertas;
Por traduzir Vitrúvio vão, diffuzo.

Oh

18

Oh vós de Musa dignos succeſſores!
Vós, Miniſtros da ſabia Natureza!
Vós, ſobre cujos hombros a exiſtencia
Da humana Geração buſca firmeza.

19

Certos do curto vão, que hoje medeia,
Entre os limítes da esfalcada vida,
E da extensão immenſa da Sciencia
Por Eſculapio aos homens offrecida.

20

Vendo que de cem annos os inſtantes
Não podem ſobejar a quem ſe entrega,
Dos Théſalos, Menécratos, Dracónios,
A' Sciencia, que a moleza faz mais cega.

21

Da importancia por fim do voſſo cargo,
Suppóndo-vos hum pouco hoje advertidos:
Obrigado das queixas innocentes,
Dos orfáos que deixaſtes deſvalidos.

22

Da parte da offendida Natureza,
E da eſterilizada Humanidade,
Vos rogo não façais malvado abuzo,
Da Sciencia que eſtender conſegue a idade.

De

23

De Petrárca deixai os doces cantos;
Nem o pincel d'Apélles vos diſtraia;
Prender-vos não conſiga Pergolézo,
Nem a voſſa attenção Lizípo attraia.

24

De quantas ſciencias entretem dos homens
A curta reflexão ſempre alienada,
Nenhuma deve ſer mais ſeriamente
Pelos hábeis humanos eſtudada.

25

De nenhuma o errar he mais ſenſivel,
Do amante Gabriel arranca aos braços
A internecida Eſpoza, e ſem tardança
Nelle meſmo da vida ſolta os laços.

26

Bem ſei que o Creador firmou limites
A' noſſa duração; mas he coherente:
Elle não, mas dos Cráteros a inercia
Mata na mocidade a mais da gente.

27

Não queirais por deſcuido reſponſaveis
Ficar das deſventuras laſtimozas,
Em que Pylades ficão ſem amigos,
Em que ficão Acróncios ſem Eſpozas.

Com

28

Com Lemério, Diſcórides, e Albíno
Adornai voſſos lúcidos talentos:
Gaſtai em converſallos toda a vida,
Da qual ſobejos não vereis momentos.

29

Ditoza Arte feliz, Arte Divina,
Que a vida prolongando os Heroes fórma;
As Sciencias enriquece, apura as Artes,
E os ſuſtos em prazeres mil transfórma.

30

Ah não vos admireis de que zelozo
Hum pouco além paſſaſſe da baliza,
Revoltou-ſe em meu ſeio a viva mágoa
Com a viſta d'aquella pedra liza.

31

Debaixo della eſtá!..ah chorai olhos,..
Meu triſte peito geme..geme..geme..
Eſtão mortos os pulſos deſtinados
Para de Lizia manejar o Leme.

32

Eſtá o Auguſto Principe formado..
Ah Deoſes ſoberanos!. confortai-me..
Eſtá Jozé..ſim..Jozé..Jozé deſcanſa,
Negras filhas do abyſmo a voz ſoltai-me.

Eſ-

33

Eſtá.. mortos Eſpectros.. da Virtude,
Hoje eſcudado com a voz ſuprema,
Mando-vos, que o ſilencio interrompendo,
Cad' um por elle ſurdamente gema.

34

Se os Deoſes a Jozé capaz fizerão,
De produzir Phenómenos preclaros,
A favor dos humanos venturozos,
Que ainda por fieis ſe moſtrão raros.

35

Que muito d' hum tal Principe em memoria
Hum Phenómeno outorgue á Natureza,
Pelo morto Jozé.. mortos humanos,
Soltai a voz ha tantos annos preza.

36

Aquelles de entre vós, que entre os viventes
Ficárão ſendo Pais reproduzidos:
Lamentem mais, que os outros os proveitos,
Que lamentão ſeus filhos por perdidos.

37

Oh cultores das Sciencias, e Artes bellas!
Voſſo exemplar chorai.. chorai ſaudozos
A morte d' um mancebo infatigavel,
N' ambição de fazer-vos mais ditozos.

38

A' importante, e ſublime arte ſobrana
De nutrir dos humanos a ventura,
Foi Jozé pelos Ceos já dedicado,
Tanto nelle a aptidão brilhava pura.

39

Porém nunca abuzou.. prevendo ás claras,
Que a ignorancia dos Reis he a tyranna;
Que nelles á ambição víctimas dando,
Do povo humilde as eſperanças dana.

40

Védo que mais aos Reis que aos outros homens
Precíza ſerá ſempre a immenſidade;
E que ella concedida nunca fora
A's pobres mãos da pobre Humanidade.

41

Sabendo mais, que os Deozes providentes,
Para ſupprirem eſta grande falta,
As Sciencias deſde os Ceos nos enviárão,
Com que dos homens o valor ſe exalta.

42

Vendo que de reger os outros homens,
He das Artes a mais difficultoza;
E que ſó das Sciencias a luz clara
A faz nas mãos d'hum Rei ſer proveitoza.

De

43

De noite, e dia ſempre diligente
Em ſaber conſumia ſeus alentos:
De ſer util a fome o obrigava
A enriquecer ſem tregoas ſeus talentos.

44

Ah! dos homens cad' um dentro em ſua arte,
Tome do noſſo Principe o exemplo;
Jozé nunca abuzou, ſempre conſtante,
Só na Arte dada aos Reis vos-lo contemplo.

45

E aſſim como Jozé dos mais Auguſtos
Na turba já ſe via aſſinalado:
Cad' hum de vós tambem em juſto premio
Em ſua arte virá a ſer croado.

46

Meu illuſtre Mecenas!.. que chorozo
Junto a eſſa lagem fria eſtás ouvindo
Os verſos ſepulcraes, que entre ſoluços
Do meu canſado peito vão ſahindo:

47

Chorar, e rir da gente humana extremos
São já deſde que dura conhecidos;
Porém ſe Young, e Hervey nada fizerão,
Que eſpero eu fação meus mortaes gemidos.

Ah

48

Ah ſenſivel Humano, nada eſpero!
Os meus queixozos ais não darão fruto!
Reconhecido a ſer tu me enſinaſte,
Meu roſto a Gratidão não quer enxuto.

49

A calúmnia offuſcar não póde nunca
As Virtudes que n' alma recebeſte;
Nos teus já rubros olhos não ſe veda
Pranto de Epheſtião, pranto de Oreſte.

50

Do alto Carvalho herdaſte claro Henrique
A conſtante effeição aos Luſitanos:
O apego ás Sciencias, ás fecundas Artes
O reſpeito, e amor aos Soberanos.

51

Por iſſo em attenção ao ſacro Trono,
Que com pranto de mãi a pia Auguſta,
Sem ceſſar humedece ſaudoza,
D' um Filho, que lhe rouba a Sorte injuſta.

52

Em attenção ao Trono entriſtecido,
E á perda, que ninguem melhor conhece,
Lamentas em Jozé morta a eſperança,
A que o povo fiel mil ais offrece.

53

Eu, que desde os primeiros, tenros annos
Sou alumno feliz dos teus exemplos;
Eu, que aprendi de ti a amar os homens,
E a obedecer á voz, que sahe dos Templos.

54

Eu, que gózo a fortuna incomparavel
De me chamares teu, eu que respiro
Ao teu lado tão junto, que se choras,
Chóro; e se gemes, eu tambem suspiro.

55

Aproveito os instantes preciozos,
Em que possa servir á Humanidade;
Convencido por ti, de que os talentos
São crédores da humana utilidade.

56

Sei que o tempo, em que geme triste a gente
He de todos o mais proporcionado,
Para dictar-lhe máximas sinceras,
Que possão melhorar seu triste estado.

57

Tuas lagrimas tristes co' as de Lizia,
Meu triste coração tanto enlutárão,
Que a minha Muza ha muito adormentada,
Com seus ais dolorozos despertárão.

De

58

De tua companhia inſeparavel,
Os teus ſeguros paſſos vim ſeguindo,
Na companha de Lizia conſternada
Aqui ficamos noſſo mal carpindo.

59

Mas qual foi noſſo paſmo, quando vimos
Da Auguſta Marcia, da gentil Eſpoza,
Poſto ao lado João.. o Rei futuro,
Do ſeu Irmão chorando a morte iroza.

60

Luiz Treze deſde o Trono derribado
Se vio na ſepultura, e com mil vivas
Ao ſolio dirigio ſeu filho os paſſos,
Soltando poucas lagrimas eſquivas.

61

A experiencia convence a cada inſtante,
Que entre os humanos d'uns as deſventuras,
São mãis fecundas das doiradas ſortes,
Com que outros ſobem d'Ancion ás alturas.

62

E vendo que elles ao julgar-ſe erguidos
Se eſquecem da deſgraça que os levanta,
Generózo João... teu ſentimento
He tão raro entre os homens, que me eſpanta.

63

Sim, Rei futuro, pelos Ceos deixado
Por columna do Reino Luſitano,
No cume erguido do partido monte
Te inaugura Mirtylo ſobre humano.

64

Da corrompida, humana, triſte prole
He proprio ſe eſquecer do mal alheio;
Tu porém invertendo, oppões-te ao vicio;
A deſgraça do Irmão fere o teu ſeio.

65

Ah! permittão os Ceos, os Ceos concedão
Que vejamos em nós verificados
Os bens, que pelo teu ſublime pranto
Por teu Povo fiel são eſperados.

66

Cheio pois, bom Henrique, da amargura
Que inſpira dentro d'alma huma deſgraça,
Que não cinge ſómente os luzos Povos,
Que a humana prole geralmente abraça.

67

A minha terna Muza ao ver choroza
Prompta a inſpirar-me ſepulcraes conceitos,
Com que chorar fizeſſe enxutos olhos,
Com que ais tiraſſe dos mais duros peitos.

Em

68

Em obzequio leal á Patria Luza,
A quem devo agazalho, e favor tanto;
Entre os já defcarnados efqueletos
A enfraquecida voz aos Ceos levanto.

69

Levanto minha voz..oh Humanidade..
Em attenção tambem ao teu defgofto:
Em Jozé, com quem já te recreavas,
Tinhas benigna Mãi teus olhos pofto.

70

Tu cheia de prazer á Natureza..
Davas os parabens internecida,
Por não veres ha muito os loucos homens
No enfanguentado chão perder a vida.

71

Hoje porém eu creio eftar-te vendo
Outra vez defgrenhada com teu pranto
As feridas molhar dos mizeraveis,
Que mata a Guerra, quando a voz levanto.

72

Colhendo que da paz o bem provinha
Dos corações dos Reis humanizados,
Do Principe applaudindo as qualidades,
Querias dar exemplo aos entronados.

Ven-

73

Vendo que dos bons Reis unicamente
Da humana Geração a paz depende,
Em Jozé dar modélo dezejavas..
Mas a morte voraz a nada attende.

74

A nada attende a Parca inalteravel..
Dos preceitos fieis da Natureza
Fiel Executora o braço erguendo
Mata ſem diſtinção Plebe, e Nobreza.

75

Tu de novo ſoluças, Luſitania,
Do novo mal ferida co'a lembrança;
E eu triſte de mim tambem comtigo,
Contra a Parca feroz grito vingança.

76

Mas a luz tranſparente, que bafeja
Sobre o noſſo horizonte o claro dia,
Diſſipando já vai da Noite as ſombras,
Co'a madrugada vem doce alegria.

77

Meu triſte coração prende por ora
Os dolorozos ais; os teus gemidos:
A' noite os ſoltarás em liberdade
Entre eſtes frios oſſos carcomidos.

NOI-

*Joaõ. Thomas inv.* *Lx.ª Ventura da S.ª esc.*

# NOITE VIII.

I

FOGE, Sono, de mim .. buſca os ditozos :
Que ſeus Principes gozão inda vivos . .
Foge . . foge de nós, a quem as Furias
Da deſgraça cruel querem cativos.

2

Voando vem a Noite luctuoza,
Medonha, triſte, feia, e carrancuda;
Todo o noſſo horizonte ennegreſcendo,
Em negra côr todas as cores muda.

Pe-

3

Pela fria eſtação já protegida,
Muito mais cedo vem aos noſſos prados,
Onde a deſenfreiar começa o Inverno
Os Auſtros, que do mar vem enſopados.

4

De eſpaço a eſpaço das pezadas nuvens
Raſgar-ſe vejo os abrazados ſeios;
E acclararem de ſorte a nevoa eſcura,
Que até ſe vem de luz os valles cheios.

5

Para moſtrar-nos, que do Averno he filha
Do Averno traz a Noite hoje os horrores?
Eſtrondozos trovões retumbão roucos;
Soão nas grutas écos rugidores.

6

Que quadro tão pompozo á Natureza
Delineando eſtá nos fuſcos ares:
Como bramão os ventos furiozos,
Como as vagas aos ceos lanção os Mares.

7

Não te aſſuſtes, humilde, pobre humano,
Quando ouvires o hórrido eſtampido
Do trovão eſtalar; eſſe teu ſuſto
N' algum crime te moſtra comprehendido.

Apro-

8

Aproveita o teu tempo em ſaber quanto
Nos deixa inveſtigar a Natureza:
Folheia bem ſeu volumozo livro,
E entrarás dos myſterios na inteireza.

9

De Franklin obſerva as experiencias,
E verás, que o eſtrondo, que te aſſuſta,
He hum deſſes phenómenos precizos,
Suppoſta da Materia a força aduſta.

10

Muſſembroek eſtuda, Wals procura..
E a Garrafa de Leyden obſervando
A viſta da geral força do Eléctro
Teu pueril temor ſerá mais brando.

11

Não dos trovões ruidozos, mas do crime
Vendo o ſemblante acautelado treme:
Eſtuda, e cede ás Leis tua vontade:
Quem tem Virtude, e Sciencia, nada teme.

12

Eſſe teu futil medo nos convence
De que inda quando tremes és ſoberbo:
Como tu nas vinganças és ferino,
Nas vinganças teu Deos julgas acerbo.

Mas

13

Mas olha para ti, e vê ſe acazo
O teu cego amor proprio te ennobrece
A ponto de julgares com verdade,
Que o Ceo ſó por punir-te ſe embravece.

14

Homem degenerado.. Ente indomavel,
Da tua vaidade olha o extremo..
Tal he o precipicio em que te lança,
Que vendo-te cahir, tambem eu tremo.

15

Frenético emulando a authoridade
Que vês teu Creador goza ſem ſuſto;
Intentas ſeus fazer os teus exceſſos;
Por te juſtificar chamas-lhe injuſto.

16

Invejas tanto do ſeu ſer a gloria,
Que eſquecendo o reſpeito, que lhe deves,
Sacrílego querendo envileſcello
Tuas paixões lhe dás, quando o deſcreves.

17

Se tão franco ao crear-te houvera ſido,
Como com elle es tu ſempre, que o pintas
Na eſpecie reſpiráras dos inſectos,
Que as forças ao naſcer ſentem extinctas.

Ah

18

Ah desprezivel homem, cego, e louco!
Pelo teu frenezim arrebatado..
Julgas que ao teu Author tanto entimidas,
Que de hórridos trovões te busca armado.

19

Que conceito farias da formiga,
A quem ouvisses proferir ufana;
Só por me anniquilarem tres Imperios,
Hoje seguem da guerra a furia insana?

20

Púnhas-te logo a rir do louco insecto:
E eu me riria então de ti sómente,
Vendo o mal que medias as distancias
Do insecto a ti, de ti ao summo Ente.

21

Se dá tua locura ver quizeres
Quão distantes estão os dois extremos,
Examína-te bem.. dá de barato..
Ergue os olhos aos Ceos, e contemplemos.

22

O Omnipotente Ser, a quem ingrato,
Sacrílego disputas a grandeza;
He o Ente eterno, de quem só depende
Para as suas funções a Natureza.

23

A ſua mão direita póde tanto,
Que formando eſſes globos ſcintillantes,
Deo-lhes c' um leve aceno movimentos
Com que ſempre gyrar hão-de conſtantes.

24

Argos do que elle tinha menos viſta,
O futuro, e paſſado vê prezentes;
Em fim he Deos Omnipotente, Immenſo,
A quem devem ſeu ſer todos os Entes.

25

Mede agora, coitado, as tuas forças,
A tua comprehensão olha bem, olha:
A formar não te atreves hum moſquito;
A eſſencia ignoras da mais ſimples folha.

26

No ver te excede o mais canſado Lince:
No ouvir o Javalí; no tacto a Aranha;
O Bugío no goſto; e que no olfacto
Te vence, moſtra o Cão pela montanha.

27

O incorpado Elefante he mais forçozo,
Que hum cento dos antigos athletas;
E na induſtria eſcurecem mil Philónios
As Abelhas, que voão inquietas.

Do

28

Do paſſado colher podes apenas
O pouco, que permitte a curta vida;
E como Leibnitz vio, e Fontenélle
Té iſſo rouba a idade encaneſcida.

29

A política ver não póde nada
Do futuro, por mais que a viſta esfregue:
Lord Chatan ſe acertou, foi hum acazo,
Como os mais, com que cega nos alegue.

30

De Raméses Miámo o Obeliſco
Não concorra a nutrir tua vaidade,
De vinte mil eſcravos foi trabalho
Producto de huma bárbara vontade.

31

As Egypcias Pyrámides ſe juſto
Quizeres reflectir, nada concorrem
A fomentar a tua vã ſoberba,
Tambem de durar cansão, tambem morrem.

32

De Nino os monſtruozos Baluartes:
A torre de Babel, que aos Ceos ſubia;
De Semíramis vã os largos muros;
O Colóſſo, que o Sol ao naſcer via.

O

33

O Depózito immenſo, em que do Nilo,
Meris ſoube encerrar as aguas claras:
O confuzo, e extenſo labyrintho,
Que em Arſinoe croava emprezas raras.

34

São monumentos, que nos põe aos olhos
Não dos homens Divina prepotencia:
Os reſtos, que durar deixa ainda o Tempo,
Moſtrão dos pobres homens a demencia.

35

O bem maior, que dá a Natureza
He hum bom coração; organizado
Com docil propensão para a Virtude,
Do Vicio contra os golpes ſempre armado.

36

Eſte em Caio corrompe, e adultéra
A alteração moleſta dos humores;
Nelle moſtra que póde a enfermidade
Voltar em máos os corações melhores.

37

Quanto do coração, e da alma o preço
He inſtantaneo, e fragil, nos convence
Hoje o Terceiro Jorge, o Rei amado
De ſezuda Nação que os mares vence.

Deos

38

Deos tem por duração a eternidade,
E a tua, inda a pezar de ser tão curta,
Vê-se sujeita a cinco mil molestias,
E quantas vezes hum insecto a encurta.

39

Basta huma gota d'agua; a mais pequena
Porção desse alimento teu conforto,
A pezar da Epiglóta introduzido
Na Trache-Arteria para ver-te morto.

40

Se os acazos contares infinitos,
Porque podes do Erébo ver a filha:
Tão fragil acharás da vida o fio,
Que terás teu viver por maravilha.

41

Homem! tu não es nada, que mereças
A mínima attenção, da extensa terra
Hum ponto occupas; para anniquilar-te
Teu Author não preciza armar-se em guerra.

42

Quero em fim acclarar tua cegueira
Co' as luzes, que derrama a sã Verdade:
D' huma vez morra . . morra suffocada
Dentro em teu coração tua vaidade.

Lem-

43

Lembrado de que ao mundo já mais torna
Aquelle, que huma vez delle ſahíra;
E que não dos já mortos, mas dos vivos
A fereza cruel pavor inſpira.

44

Deſtemido encaminha os largos paſſos
Por eſte tribunal incontraſtavel:
Tudo o que nelle vês são monumentos,
Que te moſtrão quanto és pouco duravel.

45

Vem, e logo prendendo os teus ſentidos,
Com ſezuda attenção, ſeria, e madura;
Deixando as ſepulturas, que nos cércão,
Fita os teus olhos neſta ſepultura.

46

Aqui ſupporta o pezo rigorozo
Deſta lavrada pedra endurecida,
Encerrada em eſpaço eſtreito, e curto,
Sem por lado nenhum achar ſahida.

47

A Terra, que ha mui pouco organizada
Formava hum gentil corpo, tão perfeito,
Que dos mais duros corações obtinha
Não ſó provas d'amor, mas de reſpeito.

A

48

A vívida materia, que animava
O melhor coração, mais bem formado
De quantos tem as mãos da Natureza
Té o inſtante, em que eu chóro aos homẽs dado.

49

O já exangue, pálido cadáver,
A quem a melhor alma dava alento:
De viveza, e ſciencia alma tão rica,
Que era já dos eſpíritos portento.

50

Huma alma de potencias tão ſublimes,
Que em memoria aos Cynéias excedia;
Aos Germánicos são no entendimento;
Mais que Luiz doze, ao bem ſe dirigia.

51

Jozé.. hum novo Príncipe creado
Para fazer feliz o Reino Luzo:
Cuja vida tão cedo foi cortada,
Que á Parca de cruel chorando accuzo.

52

Do vaidozo Necáo fofo imperante
A monſtruoza, agigantada empreza,
Moſtra, que quanto mais do mundo á origem,
Mais vigor inſpirava a Natureza.

53

O Novo Heroe, que canto, conhecendo
Que nafcêra n'um tempo, em que canfada
A terra de foffrer do arado os córtes
Produzia já muito violentada.

54

Vendo dos differentes alimentos,
Que a fubftancia por muito enfraquecida,
Debilitando o Phyzico nos homens,
Lhes tira a força, lhes encurta a vida.

55

Nefte tempo, em que o fucco nutritivo
Por froxo diminue toda a energia:
Invocava da induftria o pingue auxilio,
E a influencia da sã economia.

56

E vendo que hum Rei fó por fi não póde
A fortuna fazer dos feus Eftados:
Que preciza tirar todo o proveito,
De quantos ao feu grito vê proftrados.

57

Da activa Emulação, da Honra, e Brio
Se propunha avivar a extincta chama;
A fim de desfazer os vãos efpeques,
Com que edificios vãos fuftenta a Fama.

De-

58

Desejava animar os seus vassallos
A quererem por si valer no mundo,
E não á sombra dos trofeos, e escudos,
Cujos donos sorveo, o Erébo fundo.

59

Seu cuidado, e estudo nos convence,
Que ninguem mais do que elle conhecia
Valer mais Rafael com os seus quadros,
Que o inerte successor da Fidalguia.

60

Sabía, que a ambição funesta, e louca
De não ceder aos annos a victoria:
De deixar entre os homens successivos
Eterna, sempre sólida memoria.

61

Que o dezejo irrizorio, de constante
Ficar depois de morto ainda vivendo,
Fabricou o Guindaste, a mola activa,
Que as Pyrámides foi aos Ceos erguendo.

62

Cavilozas idéias, de que os tempos
Os fins pouco sinceros pervertêrão:
Das Pyrámides durão as reliquias,
Os nomes dos Autores perecêrão.

63

Jozé menos altivo, e mais prudente
Não queria paſſar além do ponto,
Que marcar-lhe devia o fim da vida:
Do Ceo ás decizões ninguem mais pronto.

64

A' viſta da conſtancia inalteravel,
Com que via a Materia obediente,
Seguir da Natureza as Leis eternas,
Cedia ás Leis tambem do Omnipotente.

65

Ambicionava ſó gaſtar o alento
Em nutrir dos ſeus Povos a ventura,
Para da Humanidade no aúreo Templo
Deixar erguida duração ſegura.

66

Pois ſe hum Principe tál obter não póde
Nem por ſua figura, nem talentos:
Nem pelos rogos de ſeus triſtes povos:
Da vida dilatados os momentos:

67

Se o Auguſto Jozé obter não póde
O Decreto dos Deoſes revogado?
Se inda a pezar da meſma Humanidade
Jozé neſte ſepulcro eſtá fechado:

Em

68

Em que fundas, mortal desvanecido,
Essa aérea grandeza, que levantas?
Desenvolve tua alma.. abre esses cofres,
Vejamos esses bens, com que te encantas.

69

Por mais que acautelado, e cavilozo
Todos os teus defeitos escureças;
Inda que em cima de globozos fumos
As tuas perfeições nos ennobreças.

70

Se fictares os olhos nos semblantes
Dos ínclytos, invíctos Portuguezes,
Que aos Deoses por seu Principe offerecem
Quanto póde formar seus interesses:

71

Ao ver nos mesmos olhos dos meninos
Lágrimas innocentes burbulhando:
Ao ver os ternos Pais com ais queixozos
O seu pezar nos filhos inspirando:

72

Ao ver toda a Nação ao Ceo pedindo
Seu Principe outra vez lhe restitua:
Ao veres que não há quem suspirando
A fereza da Morte não argua:

Ao

73

Ao ver o meſmo Tejo andar varrendo
Com as barbas muſgozas, e enſopadas;
Na força do pezar as longas praias,
Praias co' as noſſas lágrimas banhadas.

74

As úteis Artes, reſpeitaveis Sciencias
Deſgrenhadas ao ver ſahir aos prados,
E coroadas de eſpinhozas ſilvas,
Tornarem outra vez aos povoados:

75

Podes com taes ſinaes bem convencer-te
De não teres huma alma tão ſubida,
Que poſſa ao menos igualar os dotes
Da que deixar-nos quiz por melhor vida.

76

Porque a maiores coizas o chamava
Mais liberal com elle, que comtigo
Tinha ſido a prudente Natureza,
Entregando-lhe bens, que inda não digo.

77

Tu de noite, e de dia ao ſer Supremo
Perguntas a razão do que executa,
Quando ás eternas Leis obediente
Mudo o golpe ſoffreo da Parca bruta.

Se

78

Se o Augusto Jozé com seus talentos
A' soberba dar pareas nunca pode:
Homem desvanecido, o vôo suspende,
Essa nevoa fatal de ti sacode.

79

Se ao Augusto Jozé tantas virtudes
Não puderão livrar da injusta morte,
Tu que vales do que elle muito menos,
Não esperes, mortal, mais feliz sorte.

80

Enrola as vélas desse curto barco,
Em que sulcas o mar das incertezas;
Este porto demanda, lança ferro,
Aqui darás valor ao que desprezas.

81

Aqui aprenderás a ser humilde:
Da Morte o rosto fúnebre, sanhúdo
He o açaimo, que só consegue ás vezes,
Que Campanélla os Ceos adore mudo.

82

Estuda nas funéreas, negras folhas
Deste livro, que triste te aprezento,
A obedecer ás Leis, que do Ceo descem:
A amar os homens sem nenhum izento.

Apren-

83

Aprende a ser feliz quanto o permittem
As sans dispozições da Natureza:
Té chegar sem trovões a hora, em que o sangue
Te congele tambem mortal frieza.

84

Já cantão sem pezar as tenras aves;
Já se vão subtís nevoas desfazendo;
Já se vestem de luz valles, e montes;
Já vai o claro Sol resplandescendo.

85

Já vejo, Marcia Augusta, com o dia
As lágrimas brilharem no teu rosto:
Quanto, Marcia fiel, tua constancia
Não concorre a nutrir o meu desgosto.

86

Santa Religião! as brancas azas
Desprega sobre nós...ah! tu sómente
Podes como dos Ceos filha Divina
As mágoas moderar da triste gente.

87

Vamos, ó Lusitania, já he dia,
Solta o teu luctuozo, escuro manto:
Vamos seguindo as sombras, que se escondem,
Suspendamos por ora o nosso pranto.

Joaõ. Thomas inv. Ventura da S.ª esc.

Fer. de Barros inv. G. F. de Queirós f.

# NOITE IX.

1

QUE pezo o coração me eſtá quebrando..
Morto Jozé .. ah ! quantos ais me cuſtas
Ah Deoſes! quãtas mágoas dão aos homẽs
As voſſas decizões, inda que juſtas!

2

Mas agora que os olhos por acazo
Ergui aos Ceos, que eſtão eſclareſcidos..
Ah meu Principe!. ſim.. por tua gloria
Vou aos homens ſervir inda illudidos.

Quan-

3

Quanto abateo a guerra d'onte os ventos!
Quanto as nuvens ficárão fatigadas,
Bem ſe vê no ſocêgo, com que limpas
As eſtrellas ſcintillão prateadas.

4

Agora ſim, que eſtão livres de nuvens
Aos homens dando huma lição bem clara,
D'harmonia, de paz, de obediencia,
Ergue, humano, teus olhos, e repara.

5

Vês eſſes deziguaes, luzentes globos
Que o azul, etéreo campo marchetando
Da Noite entre as eſpeſſas, negras ſombras
Em deſiguaes alturas vão brilhando.

6

Nelles tens hum fiel, vivo modélo,
Que a todos nós d'útil exemplo ſerve:
Elles moſtrando eſtão o facil modo,
Por que a ordem no mundo ſe conſerve.

7

Eſſes erguidos corpos luminozos,
De que ſempre nos vemos rodeados,
Em deſiguaes porções diſtribuidos
Arremédão dos homens os eſtados.

Huns

8

Huns chamão-ſe entre nós eſtrellas fixas,
De que os Reis vivas cópias ſer devião;
Tem propria luz, que liberaes derramão,
E já mais dos ſeus tronos ſe deſvião.

9

Cad' hum deſtes, que Soes chamar devemos,
Tem em torno de ſi número certo
D'outros aſtros eſcuros, que illuminão
A huns de longe, a outros de mais perto.

10

D'eſtrellas, e Planetas povoado
Se vê o immenſo vacuo immenſuravel:
De Vaſſallos, e Reis compõe-ſe os Povos,
Que povoão noſſo aſtro variavel.

11

As luzentes eſtrellas deſde o centro
Dos ſeus extenſos, ſólidos ſyſtemas,
Influindo nos aſtros, que as rodeião,
As diſtancias acclarão mais extremas.

12

Os Planetas em premio da clareza,
E attracção que recebem ſem mudança,
Cad'um reconhecido o mais que póde
Ao ſeio bem-feitor grato ſe lança.

Deſ-

13

Deſtas duas recíprocas tendencias
Tão igual, e conſtante he a harmonia,
Que produz o ſocego, a paz ditoza,
Que entre os aſtros domina noite, e dia.

14

Agora vós, humanos, conhecendo
Que não há bem, que ao bem da Paz exceda,
Dos Aſtros aprendei ſobre eſte globo
A nutrir entre vós a paz mais leda.

15

A humana gente, que povóa o mundo
Dividida reſpira em ſeus eſtados,
Em cujos centros, como em ſeus ſyſtémas,
Os eſcolhidos Reis são adorados.

16

Elles como as eſtrellas radiantes
Sobre os povos humildes, que os rodeião
Devem com igual mão derramar ſempre
A luz, com que os exemplos alumeião.

17

Os Sóes attrahem benignos, carinhozos
Seus aſtros, e ſobre elles diffundindo
Fértil, vital calor, nova exiſtencia
Vão ſempre nos ſeus ſeios produzindo.

Aſ-

18

Aſſim os Reis tambem entre os ſeus povos
A Induſtria fomentando, e a Cultura:
Devião influir, facilitando
Os meios do prazer, e da ventura.

19

Com alguns dos Planétas as eſtrellas
Repartírão da ſua autoridade;
Dos Satélites derão-lhe a regencia,
Que exercitão com plácida igualdade.

20

Do meſmo modo os Reis dos apartados
Povos, a quem por ſi dar luz não podem;
A regencia entregar devem á aquelles,
Que c'o as cegas paixões menos ſe engodem.

21

As eſtrellas porém com ſeus Planétas
A influencia conſervão mais eſtreita;
Ellas lhes dão a luz, a actividade,
Que diſtribue cad' um, tal qual a acceita.

22

Iſto moſtra aos bons Reis, que perſuadidos
De que os regentes são os ſeus retratos
Com tenção de influir ſobre elles ſempre,
Devem ſempre eſcolher os mais cordatos.

Nos

23

Nos immenſos eſpaços, em que gyrão
Sem nunca deſcanſar globos luzentes,
Nunca rodou da vil diſcordia o pomo;
Nunca a intriga eſpalhou negras ſementes.

24

E quereis a razão da paz ditoza,
Que entre os Aſtros conſtante ſempre habita?
A' vil, torpe ambição não dão ouvidos,
Só em ſe conſervar cad'um medita.

25

Entre as vívidas, lúcidas eſtrellas
Nunca diſputas houve em harmonia:
Cada qual com a luz no ſeu ſyſtema
Derrama com prazer doce alegria.

26

Com ſeus ſete Planêtas progreſſivos,
E com ſeus dez Satéllites contente,
E ſatisfeita brilha a noſſa eſtrella
De vaſſallos não quer número ingente.

27

Por ſer de Sírio o mundo mais extenſo
Nunca Procion ſe vio menos brilhante:
Aldebarán ſem mágoas de Canópo
Vê a Corte maior, mais ſcintillante.

Aſ-

28

Aſſim, ó Reis, do noſſo fertil globo
Suffocando a ambição voſſos Eſtados,
Podião ſer de paz favorecidos,
De rizonhos prazeres habitados.

29

E vós, humanos, que os celeſtes Deoſes
Nos dominios dos Reis naſcer fizerão,
Imitai dos Planetas a candura,
Com que a paz entre ſi guardar ſouberão.

30

Herſchel ſua orbita não deixa,
Porque Venus mais perto ao Sol circule,
Nem Marte ſe embravece por Mercurio:
Não verão que Saturno á algum emúle.

31

Cada qual gyra manſo, e ſocegado
Naquelle trilho, em que o firmou a ſorte;
Felizmente aſſim vão durando ſempre
Livres de que o ſeu fio a guerra córte.

32

E ſe deſtas eſtrellas deſtinadas
Para acclarar os aſtros apagados,
Alguma ſe extinguiſſe, ſeus Planetas
Ficarião de toda a luz privados.

Apa-

33

Apagai pois, ó Luzos generozos,
Nos ſemblantes as luzes da alegria:
Deixai, que as voſſas faces eſcureção
As ſombras da letál melancolia.

34

A atraiçoada Morte rigoroza
Apagar conſeguio o Aſtro luzente,
Que os Deoſes tinhão próvidos creado
Para illuſtrar o noſſo Continente.

35

De todos os mortaes, que hoje reſpirão,
Certamente nenhum tinha mais lido
Neſte importante livro, cujas folhas
Tenho por bem dos homens revolvido.

36

Jozé Auguſto: Principe dos Luzos,
Como para reinar ſe vio no mundo,
De merecer o trono a feliz arte
Aprendeo com cuidado o mais profundo.

37

E achou tão importante, e proveitoza
A lição, com que os Ceos ao mundo enſinão,
Que á ſua comprehensão não eſcapavão
Eſſes globos, que os Orbes illuminão.

Co-

38

Como os Deoses o tinhão produzido
Para espalhar no mundo luzes bellas,
Só a fim de aclarar os obsecados
A brilhar se ensaiava co' as estrellas.

39

Vio pela reflexão, com que dos Astros
Calculava os constantes movimentos,
Que d' attracção, e repulsão provinha
O equilibrio em que girão luculentos.

40

Destas duas oppostas, vivas forças
O admiravel effeito conhecendo:
E outra tanta igualdade dos seus povos
No cálculo moral apetecendo.

41

Das suas sempre lúcidas idéias
Nutridas da lição c' o firme esteio,
Com a combinação clara, e sublime,
Que entre os mais dotes do alto Ceo lhe veio.

42

Comprehendeo, que o Amor a par do Odio
Só do reino moral erão agentes;
Que ambos pela razão avassallados,
Erão capazes de reger as gentes.

43

Reflectio, que o Amor entre os humanos
Faz quanto na materia a Affinidade,
Que une, aquenta, produz, e corrobora,
E ás moléculas marca identidade:

44

Que o Amor leva o homem ſempre a tudo
Quanto a ſua exiſtencia guarda viva:
E que o Odio o affaſta da vereda,
Que á ſua duração foſſe noſciva.

45

Com eſtas convicções fortalecido
De ſeu povo em ſi vendo os olhos fitos,
Vendo-ſe produzido para exemplo
De alçar virtudes, de proſtrar delitos:

46

Deſde os ſeus tenros annos cuidadozo
Moſtrou ceder tambem ás duas molas,
Que no reino moral influem tanto,
Que de temprallas já traçava eſcolas.

47

Entre as ſuas acções ſizudas ſempre
O ſeu amor ao bem reſplandecia:
E do ſeu odio ao mal qualquer que foſſe,
Tambem o feio roſto deſcubria.

Os

48

Os ſeus puros coſtumes bem moſtravão,
Que ſe eſtes dous principios nos humanos
A energia tiveſſem neceſſaria
Para fomentar bens, e evitar danos.

49

Dos Burlemaques, mais dos Pufendorfios
Guardára as reflexões menos volume,
E da sã Natureza os sãos direitos
Os homens zelarião por coſtume.

50

Infelizes de nós, já que bens tantos
Da Morte nos roubou a crueldade:
Do exemplo, que nos deo em quanto vivo,
Procuremos tirar utilidade.

51

Sobre os montes, e valles inda a Noite
Em liberdade vagaroza gira:
Canſados olhos meus.. chorai ſem ſuſto..
E tu, meu peito.. ſem pavor ſuſpira.

52

Perdêmos-te, Jozé.. Principe excelſo..
Vaga ſem ſuſto pérfida Liſonja..
Tu que abſorves dos povos a ſubſtancia,
Como o húmido licor abſorve a eſponja.

53

Torna a ti dos ataques convulſivos
Que as entranhas crueis te devoravão,
Ao veres que os teus ſórdidos Miniſtros
Indecizos ante elle ſe ficavão.

54

Mais que Jozé ninguem em tal idade
O humano coração conheceo nunca:
Nem o Sueco affectado, que do Narva
As campinas com Ruſſos mortos junca.

55

Que os homens todos á Ambição tributão,
O noſſo affavel Principe ſabia:
E que huns no templo a buſcão da memoria,
Outros do Potosí na cava fria.

56

Conhecia que a hum Rei indiſpenſavel
O tino he ſempre quando faz eſcolha:
Para os Octávios diſtinguir dos Jóyces,
Quando com attenção para elles olha.

57

Depois de findo eſte importante eſtudo,
E os homens conhecer pelos ſemblantes:
Depois de neſte livro, quaſi immenſo
Ter feito as reflexões mais importantes.

O

58

O Caſtigo, e o Premio o convencêrão
Do alto poder, que nos humanos tinhão:
Que os Hélvios eſperanças arraſtavão,
E os Duríngs ſó com penas ſe continhão.

59

Achou que de pagar nobres exceſſos
Não contenta a meſma arte os homens todos:
Que differindo ſempre nas idéias,
De premialos ha diverſos modos.

60

O' Longa Eſpada, ſó de Affonſo Henrique
Se dá por pago com os sãos louvores:
E Heliodóro dos Cofres chapeados
Aſpira ſó aos lúcidos favores.

61

Da Zenóbia do Norte, da Heroina,
Que dos antigos Scytas valerozos,
Os robuſtos, activos deſcendentes
Hoje buſca fazer povos ditozos:

62

Dos felizes effeitos, que produzem
Nas gentes, que Rourík tyrannizára;
E que Pedro por fim depois de ſabio
De ſua alma illuſtrou com a luz clara.

Da

63

Da Varonil Mulher.. de Catharina..
A's mãos, e ao rosto conheceo devião;
Armas, Artes, Sciencias, e Commercio,
Os altares, que em Rússia se lhe erguião.

64

Já tambem nosso Principe avizado
Com estas reflexões, bem convencido
Dos meios todos, que domina o trono,
Prudente desejou tirar partido.

65

A' maneira do Sol, que com seus raios
Nos entes produzidos vida augmenta,
Que os pássaros canoros despertando
Da Noite as negras aves affugenta.

66

Do rosto os attractivos judiciozo,
E cordato de sorte moderava,
Que os culpados co' os olhos reprehendia,
E os justos com sorrizos premiava.

67

Assim o nosso Principe já tinha
Nas feições de seu rosto tal concerto,
Tão justa economía entre os agrados,
E o ar de gravidade real, aberto.

Que

68

Que dirigido já de ler nos homens
Pela facilidade extraordinaria:
Senhor das propensões, que a cad'um delles
Dicta a organização, que os rege varia.

69

Do ſemblante c'hum leve movimento
Nos tímidos valor introduzia,
Os já deſeſperados animava,
E as eſperanças de cad'um nutria.

70

Dos agrados d'hum Rei ſabia tanto,
Quanta foi, e ſerá a força ſempre:
Conhecia tambem não haver peito,
Que com favores hum bom Rei não temp're.

71

Com ſeus ternos affagos carinhozos,
Do ſeu bom coração annunciadores,
Fez-ſe tanto adorar entre os ſeus povos,
Que ao ſeu ſepulcro vem ſoltar clamores.

72

Enviados por elle erão capazes
De obrarem mais por mar do que Néarco:
De ſe expôrem a mais que Públio Décio,
De praticarem mais do que eu abarco.

Além

73

Além do facil, importante modo
De animar os ſenſiveis com affagos,
Fraze com que os bons Reis podem mil vezes
Felizmente evitar crueis eſtragos.

74

Sabendo ſer maior em toda a parte
O número dos animos raſteiros,
Que aſpirão mais á Prata, do que ás glorias:
Mais ao Oiro, que aos bronzes verdadeiros.

75

Inda que a condição deſtes mais baxa,
Era por elle aſſás bem conhecida:
A poſſivel, maior utilidade
Ambicionava delles extrahida.

76

Sempre de cada qual ſabio eſtudando
O modo de penſar já contemplava;
Em dos genios tirar utilidades,
Aſſim a reger homens ſe enſaiava.

77

Eſta ſérie de idéias attendiveis
Com ſeus finos anneis encadeadas,
O forão conduzindo ao vaſto Imperio,
Onde o Oiro dicta aos homens leis doiradas.

He

78

He ſubterraneo, e fundo o Templo eſcuro,
Em que de torpes, vís ambiciozos
Se compõe a cohórte deſprezivel
Dos Miniſtros do Oiro ſequiozos.

79

Com medo de perder ſeu trono antigo
Já mais da terra larga o vaſto ſeio:
Do naſcimento ſeu no frio leito
Rege o mundo, fingindo eſtar alheio.

80

De todos quantos Reis no mundo imperão
Emiſſarios recebe de contino:
Em muitas mil porções diſtribuido
Vai dominallos com rigor ferino.

81

As porções, que de ſi aos Reis envia
Os ſeus agentes são mais cavilozos,
Que Tiſaphérno, Aráſpe, Ariaméno
Nas ſuas commiſsões aſtuciozos.

82

Dos Reis apenas á prezença chegão,
Com o pezo ſe moſtrão debruçados;
Mas em breves inſtantes muda a ſorte,
Paſsão nos tronos logo a ſer croados.

Com

83

Com o ſeu reſplandor tanto os Reis cegão,
Que o filho Prúſias vil lhes ſacrifica,
Antípatros a Mãi, o Pai Phráates,
Philopátor a Eſpoſa, e irmã dedica.

84

E para os convencer da affeição terna,
Que ao tyranno do mundo guardão cegos,
Os alumnos de Marte põe no campo,
Lizandro lhe reſgata os meſmos Gregos.

85

Em ſacrificio ao Oiro arrebatados
Dos Deoſes deſpojar vão os altares
Nabucodónozor, Cambízes, Pháylio;
Co' roubo ſe enchem de terror os mares.

86

Attentado não ha.. vil, feio crime,
Que por meio dos Dóricos doirados,
Em honra do metal que o mundo rege
Se não tenhão já viſto entronizados.

87

Ao virtuozo, puro Philopémen
Com oiro corromper buſcou Sparta:
E Dario conſegue que Udiaſte,
Com o ſangue do amigo a ambição farta.

Ju-

88

Jugurta deſtemido com o oiro
Os chefes perverteo da altiva Roma,
E pérfidos depois comprão a Boco
O ſeu genro infeliz com menor ſoma.

89

Do oiro á inſaciavel ſede quantas
Cidades forão já ſacrificadas,
Atila ſó por oiro o Tibre aſſuſta;
Syla as gregas muralhas vê proſtradas.

90

Do ardente ſeio de encarnadas chammas
Por entre erguido fumo eſpeſſo, eſcuro
Em faiſcas desfeita a antiga Sardes
A's nuvens ſóbe ſem valer-lhe o muro.

91

Com ſangue humano o Oiro as ondas cora
A' viſta da aſſuſtada Salamina,
Tanto, que a eſpuma, que guarnece as vagas,
Já ſahe vermelha, quando o mar ſe inclina.

92

Xerxes por oiro vai dos Jónios mares
Raſgar os hombros com dez centas quilhas,
E faz com tres milhões de armados Perſas
De Achelo-o fugir as lindas filhas.

Não

93

Não he sómente não dos Imperantes
De quem recebe o Oiro ſacrificios:
Os Pródicos tambem ſabem ás vezes
Seus direitos munir, ſer-lhe propicios.

94

Timágoro venal na illuſtre Athenas,
De que a virtude ſó pura conſiſte,
No são deſintereſſe teve exemplos;
Mas de Artaxerxe ao oiro não reſiſte.

95

De Sóphocles os filhos vís, ingratos
O Pai ſacrificar buſcão ao Oiro:
Ceráuno o Bemfeitor; Scáuro á Patria;
Táurion o amigo com brutal deſdoiro.

96

A opinião fatal, que os homens liga,
He quem lhe guarda ſó o preço inteiro,
Tanto, que o ferro já Lacedemonia
Lhe antepóz, ſendo muito mais raſteiro.

97

Mas a pezar das raras qualidades,
Com que o meſmo Eſtrabão o Oiro exaltá:
A pezar da voraz, acre ferrugem,
Nunca poder no Oiro induzir falta.

A'

98

A' eterna duração, inda que altivo,
Sempre intacta defcobre a aurea frente:
Do áccido nitrozo na agua forte
O effeito inda que em fi já mais confente.

99

Ainda que dos géneros preciozos,
Que formou defvelada a Natureza,
Seja o loiro metal o mais perfeito,
O bufcado com mais crua avareza.

100

Tanto que o mizeravel Píthio avaro
Por amor do feu oiro não dormia:
E Perugíno fem feu oiro ao lado
Já mais de hum fitio ao outro fe movia.

101

Inda que já de Pydna á aurea caverna
Pagar-lhe forão annual tributo
As pérolas, que o Sol ao nafcer cria;
E do Búcino antigo o rubro fruto.

102

Com os cinco metaes feus inferiores,
Inda que a Prata o faça feu Sobrano;
A adoração fervil da pedra limpa,
Que Rúffia guarda, inda que aceite ufano.

Pof-

103

Posto que do aureo Sol vendo-se filho
Seu aureo Sceptro sobre o mundo estenda:
Inda que aos Reis da terra, ao Rei d'Olympo
Vassallos defraudar cégo pertenda:

104

Assim como dos Lízias, dos Libanios,
Dos Múmios, Scypiões, dos Aristídos
Adorações já mais lhe conseguírão
Seus Ministros por vís aborrecidos:

105

Assim como vencer não póde nunca
Do áccido marino a força activa,
Assim do meu gentil Principe amado
A grande alma encontrou avessa, esquiva.

106

A Hidra, o Javali, o Leão fero
Não venceo mais robusto Alcides forte,
Que o Principe Jozé venceo do Oiro
A intrigante, sagaz, bruta cohorte.

107

Persuadido que dos quatro Imperios
Ouvida a historia, unicamente o Oiro
Fora como do luxo Pai corrupto
Quem os Sceptros quebrou, murchára o loiro.

A'

108

A' viſta do horrorozo quadro, aonde
Os exceſſos do Oiro vê com pranto
Mais vivos do que a ſórte de Ephigenia
Com o brando pincel expoz Timanto.

109

Vendo do mundo todo, em todo o clima
Da Natureza Mãi rotos os laços;
Vendo do pejo, e honra, da decencia
As miudas cadeias em pedaços.

110

A fim de libertar ſeu povo amado
De tão péſſima, e dura tyrannia,
Reduzir conſeguio o invicto monſtro
Ao poder, que a Razão nelle infundia.

111

Já como ao virtuozo ſabio Gélias
A influencia do Oiro avaſſallava:
Só para reſgatar das mãos do Fado
Aquelles, que a deſgraça ſubjugava.

112

Com o exemplo de Auguſto, conhecendo
Que ſem homens não ha ditozo eſtado,
Na educação feliz de homens perfeitos
O oiro, que era ſeu, tinha empregado.

Em

113

Em attenção ás Artes, e ás Sciencias,
Se acazo algum mancebo defcubria
Capaz de fer Euménio, Théfpis, Xanto,
Timócraro, ou Silánio, o protegia.

114

Co' Oiro a emulação nutria entre elles
Como fecunda Mãi, a quem as Artes
De Píndaro devião as eftrofes,
De Pharrázio os trofeos, luz de Defcartes.

115

Em ferrolhar o Oiro entre os limites
Da utilidade pública eftudava,
Para tello por fim domado, e manfo,
Quando chegaffe a fer o que efperava.

116

Do Oiro tinha tanto calculado
O dominio geral, que fe propunha
Com elle a praticar ditozos planos,
Que com altas idéias já compunha.

117

De Hypéridas no vil procedimento
Vio os damnos da fórdida avareza,
E affentou em que hum Rei já mais he digno
Se em premios repartir não tem grandeza.

Em

118

Em paga de tão sólida conſtancia
Conheceo ſer depóſito o tezoiro,
Onde como no mar a agua ſe ajunta
Dos eſtados ſe vai juntar o Oiro.

119

E que aſſim como a ſabia Natureza
As aguas de tal ſorte economiza,
Que depois de regar valles, e montes,
Os mares outra vez grata indemniza:

120

Aſſim hum ſabio Rei ſe quer fecundos,
E ditozos fazer ſeus pátrios Lares,
Tão franco deve abrir os ſeus tezoiros,
Como francos ſeu ſeio abrem os mares.

121

Fazendo circular aſſim ſeu ſangue
Do Eſtado os membros Bemfeitor anima,
E depois de já bem fortalecidos,
Grato cad'um tambem o reanima.

122

Deſta circulação do Oiro lavrado
Quanto he preciza a sã economia,
Da prodigalidade nos effeitos
Com madura attenção prudente via.

123

Via que dos Erários a ſubſtancia
Devia ſó nutrir utilidades,
E não projectos vãos, aéreos planos,
Dedicados a vans identidades.

124

Por fim tinha Jozé prudente, e ſabio
Sujeitado á razão do Oiro o uzo:
Tinha podido ſubjugar o monſtro,
Que tantos males fez com ſeu abuzo.

125

A' gloria caminhava, quando a Morte
O punhal lhe cravou... ah triſtes gentes!
Voſſos roſtos feri.. mandai aos Deoſes,
Por ver ſe os abrandais, vozes doentes.

126

Morreo o Bemfeitor.. tão exceſſivo,
Que pode mais vencer, ſendo mancebo,
Do que Mínos vencêra, quando velho
Foi as ſombras reger do fundo Erébo.

127

Ah Lizia! triſte Lizia..já não vive..
Vamo-nos abraçar co' a pedra fria..
Vamos chorar ſobre ella, em quanto os prados
Encher de nova luz o novo dia.

NOI-

João Thomas da Fon.ca inv. Ventura da S.a exc.

# NOITE X.

I

VAMOS, coração meu.. vamos gemendo
Ver convertido em mar o noſſo Tejo:
Eton, e Flégon já desfalecidos
Sobre as ondas pouzar ſeu carro vejo.

2

O Sol já terminou mais eſte dia,
A quem ſegue de perto Noite eſcura:
Eſta reproducção de luz, e trévas,
Moſtra de tudo o fim, a pouca dura.

3

D' Auſtral Zona gelada os moradores,
Que de Argos vem os olhos ſcintillantes,
Preparão-ſe a gozar hum longo dia
Coroado de lúcidos inſtantes.

4

Não vos cegueis porém do Auſtro, ó viventes,
Não vos cegueis do tempo co' a mudança..
Olhai, que ha-de roubar-vos Velocino
As luzes, que vos deo hoje a Balança.

5

Tambem rizonha a ſorte aos noſſos campos
Tinha hum Principe dado, em cujo roſto
Brincando mil nutridas eſperanças
No ſeio do prazer nos tinhão poſto.

6

Mas a Morte feroz.. a Morte avara
Matando-o ſuffocou noſſa alegria..
Poz-ſe o Sol, que alegrava os noſſos campos:
Fugio de nós o mais ſereno dia.

7

Hoje choramos mais amargamente,
Que do Septentrião as frias gentes:
Aſſim he que os enluta a eſcura Noite;
Mas eſperão gozar dias luzentes.

Nós

8

Nós porém..de Jozé..já renaſcidas..
Não veremos já mais as eſperanças..
Chorai..Luzos fieis..ſoltai gemidos
Caſtas donzellas..arrancai as tranças.

9

Em todas eſſas terras, que encruzados
Abrangem ao redor os dois Coluros;
Principe mais chorado inda não virão,
Paſſados annos, nem verão futuros.

10

Mas.. ai..Patria adorada..ah Luſitania,
Supponho ha pouco tempo aqui chegaſte;
Tranſportou-me o pezar, como provárão
As vozes, que admirada inda eſcutaſte.

11

Sim..o pezar em mim produz effeitos,
Que nunca produzio paixão alguma:
Ora me eleva aos deſiguaes Cometas,
Ora me abate d'Aquerónte á eſcuma.

12

Que autómato infeliz não he o homem
De mil contradicções raro compoſto:
Dando os ſeus intereſſes por quimeras,
Parece que a ſi meſmo naſce oppoſto.

Va-

13

Vario por natureza, por capricho,
Por froxa educação, por vil coſtume:
Nunca eſtá ſatisfeito; ſempre geme,
Envolto de mil ſuſtos no negrume.

14

Se ſe vê de Sultão alçado á gloria,
Qual Carlos deixa o trono aborrecido..
Se desfruta ignorado a liberdade,
Qual Xiſto buſca ver-ſe aos Ceos erguido.

15

Se paſſeia do Ménalo nos boſques,
Pelos jardins ſuſpira de Corcyro..
Se de Páphos ſe vê entre as rozeiras,
Lembrão-lhe os cardos da dezerta Scyro.

16

Da fertil Cerazónta inadvertido
Deixa as rubras cerejas ſaborozas;
Pelas bolotas, que no Epyro engordão
Da Arcadia as feras, ríſpidas, cerdozas.

17

Fecundo Pai de eſtéreis, vãos dezejos,
Que de Saturno co'a brutal fereza
Elle meſmo devora, raras vezes
Se encoſta do ſeu bem ſobre a certeza.

Trás

18

Trás d'huma gloria vã arrebatado,
Cego ſe lança aos enublados ares:
Piza ſem precizão ardentes Líbyas,
Por capricho ſe lança aos bravos mares.

19

Feliz conſervação, doce ſocego
São os bens de que o homem mais preciza;
Porém de Jano, e d'Eſculápio os Templos
São os que louco menos vezes piza.

20

De ſi meſmo inimigo ás paixões cegas
Larga ſeu corpo, e alma inteiramente:
Sua ruina deſde logo forjão,
Illudido porém nella conſente.

21

Quanta razão não temos de gritarmos
Dos humanos mortaes contra a loucura?
Quão caro nos ſahio o fútil cazo,
Que o homem faz da Sciencia a mais madura!

22

Mil vezes vendo a ſabia Natureza
O deſgarrado homem eſquecido,
Do que mais o intereſſa, de ſi meſmo
Para as fúteis quimíras diſtrahido:

Ven-

23

Vendo, que quando ſó devia attento,
Conſultalla fiel contra os ſeus males;
Aproveitando os bens, que lhe offerece
Nos verdes prados, nos ſombrios vales:

24

Vendo, que em conſequencia do deſcuido
Morre antes de chegar ſeu termo dado,
Delle compadecida lhe prezenta
Hypócrates, que excitem ſeu cuidado.

25

Mas elle que em errar tem ſó firmeza,
Aproveita o favor ſubindo aos montes:
Sobre elle Tiko-Bráhe perde o ſeu tempo
Em os paſſos contar dos quatro Ethontes.

26

Errou Ptoleméo; mas logo veio
Da Prúſſia, quem mais ſabio o erro emenda:
Copérnico raſgou em fim de todo
Da ignorancia fatal mais eſta venda.

27

Em fim ſabemos, que nos leva a Terra
Em torno do abrazado Sol brilhante:
Elíptico fez Kepler noſſo rumo,
Newthon delle nos deo prova baſtante.

Já

28

Já vemos ſem receio o vagarozo
Aſtro, que a cauda ante o ſeu Sol deſdobra:
E o ígneo Meteóro, que da Noite
Corre entre as ſombras qual aceza cobra.

29

Os ângulos reflexos, e incidentes
Da Luz tem ſido tanto combinados,
Que o Teleſcópio achou mais hum Planeta
Nos eſpaços talvez nunca ſonhados.

30

Accreſcentando a pequenhez eſtranha
O Microſcópio já fez conhecidos,
Os Mites té agora imperceptiveis
Por falta de Drobéles inſtruidos.

31

Em levés tafetás já reprezado
O gaz ás nuvens levantando a gente,
Verefica de Dédalo os deſejos,
E a aſtúcia de Simão deixa patente.

32

Alegre triunfou o homem ſoberbo..
Já trilha os ventos; ſobre os ſoltos ares
Já firma o ſeu docel: achando eſtreitos
Sua louca ambição os longos mares.

No-

33

Novas combinações, e as infinitas
Mil modificações, qu'a ágil Materia
Sem nunca defcançar ata, e defata,
Mais varia, que entre as flores foi Gliceria.

34

Para eterno efplendor da Italia toda
Maféi o fabio defcubrio ás gentes,
Hum Phenómeno eléctrico ignorado,
Os inflammados raios afcendentes.

35

O Abbade Chápe, laureado Membro
Deffa Congregação de homens preclaros:
Deffa illuftre Académia Parifienfe,
Fecunda Mãi de Heroes nas Sciencias raros.

36

O Abbade Chápe, que nos deo Cafino
Por mais recommendar os conductores;
Eléctrica tambem nos moftra a terra,
Lançando ás nuvens raios deftruidores.

37

Repartidos fe vem já nos tres Reinos
Os trages, que a Materia larga, e toma:
N'um exifte quanto he informe, e rude,
Nos dois quanto vegéta, e idéias foma.

Da

38

Da retalhada terra nas entranhas
Póde a ambição abrir tão funda mina,
Que do affectado luxo os vís altares
Já matiza tambem a alva Platina.

39

O aureo filho do Sol, o aureo topazio,
A azul zafira, a esmeralda verde,
Que produz vagaroza a Natureza
A Química em formar já não se perde.

40

O célebre Adansón expondo ás claras
Dos vegetaes a geração pasmoza:
Declarando uniséxas as Palmeiras,
Hermaphrodíta a Túlipa, e a Roza.

41

Já nos descobre mais este segredo
Dos muitos, que em seu seio inda encubria
De fingidos absurdos entre as sombras
A engenhoza, sagaz Mythología.

42

Já sabemos, que Dáphne no momento,
Em que os despidos pés sentio desfeitos
Em torcidas raizes, e os dois braços
Viçozos ramos de loireiro feitos:

Que

43

Que de Pyramo, e Tysbe o quente ſangue,
Quando da ſua cor deo ás Amoras:
Jacinto, e Lotho, Dríope, e Narcizo
As forças conſervárão productoras.

44

Júſio das Plantas indagando o reino:
Bérgman ſuando na fornalha aceza:
E Mónro co' ſcalpelo enriquecêrão
A arte de guardar a vida illeza.

45

As bellas Artes, Artes carinhozas,
Que são das Sciencias juvenil ornato,
Tambem do noſſo ſéculo doirado
Embelecem o lúcido retrato.

46

Garção, e Kléiſt, Metaſtázio, e Pópe
Com tantos frutos, e viçozas flores
Das nove Irmans ornárão as grinaldas,
Que já ſe eſquecem de anciãos Cantores.

47

Aiden, e Nicolai, Rameau, e Soiza
A arte de abrandar os troncos duros
Tanto exaltárão, que tambem abrandão
Feras, e penhas, bronzeados muros.

48

Da creadora, ſabia Natureza
As gentís producções tão variadas
Em cores, geitos, fórmas, caracteres,
Com que todas ſe moſtrão decoradas.

49

Da inimitavel Natureza n'Arte,
Que os raſgos com pinceis ao vivo imita,
Diſtinguírãc-ſe Smit, Arlaud, Vieira,
Barros, e os mais que a noſſa Hiſtoria cita.

50

Eſſe fecundo Pai das incertezas
O Acazo Padroeiro dos humanos,
Inda, que ás cegas ſobre os entes lança
Muitas vezes cruel, ſúbitos danos:

51

Por mãos de Finiguerra na Toſcana
Aos homens deo à liberal Gravura:
Arte, com que os burís em cobre lizo
Os raſgos multiplicão da Pintura.

52

Neſta Arte delicada, e portentoza
Tem eternos louvores merecido,
Bovarlé, e Edelinck, Audran, Carmona
Silva, e Frois noſſa Croa hão guarnecido.

Neſ-

53

Neſſa de Policléto arte divina,
Que de mármore, e bronze alçando vultos,
Obteve para Lízipo, e Machado
Seus alumnos fieis eternos cultos.

54

Neſſa arte que o ſincel ou move aſtuta
Tanto, que anima a pedra, ſe fabrica;
Ou lança em receptáculos cavados
Metal fundido, que ao depois ſe explica.

55

De Luiz Quatorze Girardón co'a eſtatua,
E do ſabio Jozé, Jozé Primeiro
O Coloſſo tirando d'hum ſó jacto,
Noſſo Coſta aturdio o mundo inteiro.

56

De São Sulpício os alicerces fundos:
São Paulo em Londres templo mageſtozo:
De Mafra o edificio, e de Lisboa
O aqueducto magnífico, e pompozo.

57

Eſta eſpaçoza praça deleitavel,
A quem deo liberal Commercio o nome:
A quem paga tributo o Indo, o Ganges,
Temendo, que outra vez o Luzo os dome.

To-

58

Toda eſta Cidade, que das cinzas
Qual outra Fénis renaſceo mais linda,
Erguida por hum Rei, por hum Miniſtro,
Que a ter mais tempo a ennobrecêra ainda.

59

Os outros ſumptuozos edificios,
Que eſte ſéculo deo ás Catharinas,
Aos Carlos, Jorges, Frederícos, Luizes,
E aos ſenhores das cinco Luzas Quinas.

60

Eſſa arte, que até os Ceos torres levanta,
Quando á ſoberba caprichoza ſerve:
Neſte ſéculo obteve monumentos,
Que Saturno voraz jura conſerve.

61

Os novos Reis porém já mais prudentes
Em lugar de Pyrámides erguidas,
De Obelíſcos inúteis, curvos arcos,
De circos, de muralhas deſmedidas.

62

Em lugar de nutrir de ſeus vaſſallos
Co' importante ſuor fofa vaidade,
Abrem fundos canaes, eſtradas novas,
E alicerces, que dão á utilidade.

Da

63

Da Natureza o proceder conſtante
Nos ſeus principios ſempre invariaveis:
E a coheréncia, com que ella da Materia
Os elementos volve inalteraveis.

64

Por effeito da ſólida certeza,
Com que nas ſuas leis ſempre conſente:
Em louvor da immutavel conſiſtencia,
Com que nunca a ſi meſma ſe deſmente.

65

A Aguia de Alexandre; do grão Numa
A Ninfa; de Sertorio a Corça amada;
E do falſo Mafoma a Pomba terna
Talvez foſſe entre nós hoje apupada.

66

Os pobres, perſeguidos moradores
Deſſa a mais infeliz das novas Ilhas;
Da rica São Domingos, que medroza
A verde frente inda ergue entre as Antilhas:

67

Os povos por Colombo intimidados
Com o roſto da Lua eſcurecido,
Da ſua deſculpavel ignorancia
Tirar não deixarião já partido.

In-

68

Inda que hoje eclipſado o Sol fugiſſe
Romanzóf, e o Vizír não tremerião:
Como Alyates Lydio, e Ciaxáres,
Que armados vendo tal eſmorecião.

69

Becaría, Briſót, e de São Pedro
O Abbade dos humanos Protectores;
A campo deſtemidos já ſahírão,
Dos homens arroſtar os deſtruidores.

70

Os Chefes da Nação, á cujas proas
Se não querem oppôr com medo as vagas;
Que amontoas cruel Sul, quando irado
De Jove o trono co'a verde onda alagas.

71

Os Britanos Catões compadecidos
A favor dos humanos mais eſcuros:
Já buſcão ſem temor deſpedaçar-lhes
Da vil eſcravidão os ferros duros.

72.

O habitador dos montes abrazados,
Que a ígnea Zona com ſeu fogo toſta:
Tanto que fatigado o turvo Zairo
Do quente Congo no areal ſe encoſta.

73

O inculto Orang-Outano té agora
Pela altiva Soberba despedido,
Da classe dos humanos reclamado
Já por Lineo se vê ao bem perdido.

74

As Górgonas medonhas, os Centauros:
Horrorozos Pitões tambem fingidos:
E os mais espectros, com que os seus direitos
A Ignorancia alcançou ver protegidos.

75

De Bodíno as idéias monstruozas,
Que o Reino da Impostura alçárão tanto,
Nem aos que ainda entre as faxas balbucião
Ministrar pódem já convulso espanto.

76

De Laudun as manhozas vizionarias
Nem Leonor Gangé com os seus sonhos;
A pública attenção conseguirião,
Não soão já nos templos ais medonhos.

77

Concíno o infeliz, nem Grandiéro
Não se verião já sacrificados
De absurdos feminís aos desvarios
Tão fataes nesses séculos passados.

Theo-

78

Theophraftos, Catões, os Epictetos
Hoje tem na Moral atrás deixado,
Os Philósofos são noffos coevos,
Que tem á Humanidade trono alçado.

79

O tempo gaftador tem finalmente
Defpedaçado os vís, os ferros duros,
Com que a torpe Ignorancia aferrolhava
O trifte humano em feus covís efcuros.

80

O bárbaro, cruel, pérfido Engano
Larga o fceptro de ferro violento:
Das Preoccupações acompanhado
Vai no Averno occupar negro apozento.

81

Da Santa Paz feguindo o aureo trilho
Da Sciencia a nós chegou a luz preclara:
Diffipou da Ignorancia a fombra efpeffa
Como as nevoas do Sol a face clara.

82

O pobre Humano, que gemia atado
De fataes illuzões ao duro cepo,
Já quafi folto lança fogo ao tronco,
Cujas vergontas por feu bem decepo.

83

Em fim chegando vai o feliz tempo
De respirar a Illustre Humanidade:
Os Deoses queirão cure bem as chagas,.
Que da oppressão lhe abrio a crueldade.

84

Os homens felizmente já cordatos
O mal, só porque he mal, de si alheião:
Desabuzados já a Deos só temem,
E os Reis, que em nome delle as Leis esteião.

85

Da Moral nos recónditos arcanos
Os homens da razão favorecidos,
Mil preoccupações tem debellado,
E abuzos, que as Sphinges mais temidos.

86

Bouffón, e d'Upsal o avizado Mestre
A Química; e Botánica illustrando
Da Natureza achárão nos tezoiros
Riquezas, com que os Halers vão brilhando.

87

A Fama grita parabens aos Deoses,
Os homens já suppõe illuminados;
Cegos co' a falsa luz, té os Lapónios
A ignorancia lamentão dos passados.

No

88

No vasto, erguido Templo de Saturno,
Onde em fundos sepulcros cavernozos,
Os séculos, que passão vão ficando,
Da Morte entre os horrores pavorozos.

89

Onde os mortos instantes, mortas horas,
Onde os mortos cadáveres dos annos,
Em subterraneos ámbitos escuros
Participão da sorte dos humanos.

90

Diz a Fama... que as Artes, e as Sciencias
Hum túmulo soberbo tem formado,
Para eterna fazer a gloria illustre,
Que tem o nosso século croado.

91

Embora o Mauzoleo aos Ceos se eleve:
Peónio os seus rivaes embora dome;
Tanto, que lá no Templo da Memoria
Da leal Arthemiza risque o nome.

92

Bem sei o condecorão mais os bustos
Dos dois Jozés, do grande Frederico:
De Carvalho, de Pitt, Kaunitz, Vergennes,
E muitos outros, com que o julgo rico.

Con-

93

Confeſſo que ha de ſer para o futuro
Dos ſéculos o mais ennobrecido;
A's Artes bellas, as profundas Sciencias
Poz degráos, com que ao ſummo as tem ſubido.

94

Entre os ſeus ſetecentos mil volumes,
Que Brúchion não guardava concedamos
Tão sãos conhecimentos, como aquelles,
A cuja luz em fim já reſpiramos.

95

Porém o noſſo Principe adoravel..
Neſte tempo feliz, e illuminado..
Na flor da ſua idade.. ah Ceos.. expira
D'Oſmans, e Boheráves rodeado.

96

Amiga Luzitania.. a Noite negra
Foge do roſto da gentil Aurora:
Os ſeus membros no carro eſpreguiçando
Deſce á Caverna, onde Euridíce chora.

97

Vai o dia acclarando os noſſos campos;
Mas noſſos corações já nada acclara,
Tanto, que a ter mais boccas mais gemêra;
E a ter mais olhos, muito mais choràra.

NOI-

*Joaõ Thomas da Fon.ca inv.* *God.o sc. Lx.a*

# NOITE XI.

1

HOJE mais cedo vim do que devia
A' longa praia, que inda eſtá com gente:
Onde me eſcõderei? .. mas todo o mũdo
He dezerto, ao que vive deſcontente.

2

Que agradavel painel para os ditozos,
Que de magoas tiverem a alma izenta..
Com que doçura encreſpa o vento as agoas..
Com que doçura o mar brando rebenta.

Co-

3

Como as boiantes Náos prezas aos ferros
Eſtão ſobre a corrente deſcanſando..
Como cheias de Zéfiros as vélas,
Os barcos devagar ſe vem chegando.

4

O doirado reflexo do Occidente,
Que viſta offrece aos olhos bem enxutos:
Meu triſte coração, não te diſtraias;
Não involvas prazer em negros lutos.

5

Phebo ao Eſcorpião já deo ſeus raios,
E os merecidos ais medrozos voão..
Ah quanto creſce, ó Ceos, minha amargura
Ao ver que o mundo as prevençóes povoão.

6

Depois dos elementos homogéneos,
E heterogéneos pôr em movimento:
Depois de dar acção ás limpas aguas,
Luz ao eſpeſſo ar, azas ao vento:

7

Depois do elementar calor interno
Dar aos montes de ramos verde grenha:
Depois de ornar com flores as campinas,
E os valles reveſtir de eſpeſſa brenha:

De-

8

Depois de povoar a Atmoſphera
De matizadas, voadoras aves,
Que harmoniozas vozes eſpalhando,
Fazião reſoar éccos ſuaves:

9

Quando já deſpontava as freſcas ervas
A ſeu ſabor entregue o manſo gado:
Quando as doiradas nuvens ſalpicava
O Golfinho ſoprando o mar ſalgado:

10

Quando os flóridos ramos ſe dobravão
Com o pezo dos pomos ſaborozos;
E os rudes animaes livres corrião
Pelos prados, e valles deleitozos:

11

Deo a tudo o creado a Natureza
Hum Rei, que no ſeu Orbe dominaſſe:
Vio-ſe o homem no trono collocado
Dos Entes ſuperior a qualquer claſſe.

12

Logo deſde o principio as creaturas
A's ſuperiores Leis obedientes,
Pagárão-lhe rendidas vaſſallagem,
Como ao Ente maior entre os mais Entes.

O

13

O ſoberbo Leão humilde, e manſo
Ledo açoitando com a cauda as ancas;
E o moſqueado Tigre carinhozos,
Vierão-lhe lamber logo as mãos brancas.

14

O ſeu triunfo as Aves com doçura
Nos ares, e nos boſques feſtejárão;
E por dar-lhe prazer em torno delle,
Os Zéfiros alegres ſuſurrárão.

15

Qual povo agricultor, que a vez primeira
Em tropel ſe aprezenta ao Rei, que o rege,
Do qual hum ſó não ha que impaciente,
Ser entre os mais fitado não dezeje:

16

Aſſim cada huma das viçozas flores
Dezejava pelo homem ſer colhida:
Das frutas cada qual ambicionava
Entre todas as mais ver-ſe eſcolhida.

17

Eis-aqui como o homem deſde logo
Proſtrado a ſeus pés vio todo o Univerſo;
A formar ſeu prazer concorreo tudo,
Nada achou repugnante, nada adverſo.

Po-

18

Porém este feliz, ditozo estado
Em breve terminou sua loucura,
Abuzando da doce liberdade,
Sua sorte ampliar cego procura.

19

Destes vís, desleaes, fúteis dezejos,
No coração humano concebidos,
Nascêrão as paixões, nasceo o Capricho,
E outros monstros fataes aborrecidos.

20

Da pérfida Ambição logo esta prole
Fermentou dos humanos a desgraça;
Elegêrão por Chefe o vil Capricho,
Que fero a perdição dos homens traça.

21

Enlaçando principios, fez systema,
Cujo cruel objecto só consiste;
Em converter hum Ente venturozo,
De entre todos os Entes no mais triste.

22

No espírito, que livre já domina,
Do bem real apaga toda a idéia:
E á vista dos seus já impuros olhos,
O livro das Quimeras só folheia.

23

E para o indiſpôr co' a Natureza,
Grita-lhe, que com elle foi meſquinha;
Que aos outros Entes dera armas, e forças,
Que unicamente ao homem dar convinha.

24

Que o fizera pizar a dura terra,
Deixando ás aves remontar-ſe aos ares;
Que entre eſtreitas balizas o encerrára,
Sonegando-lhe avara os longos mares.

25

Cahio infelizmente o homem cego
Neſtas de vil Capricho, vís ciladas,
E cheio de ſi meſmo furiozo,
Rompeo da Natureza as Leis ſagradas.

26

Traidor, qual foi depois na Azia Artabano,
Levantar-ſe intentou co' o Imperio alheio:
Quiz nadar.. quiz voar.. quiz em Deoſar-ſe,
E acabou por morrer de mágoas cheio.

27

Naſceo livre, e depois correndo o tempo,
Elle meſmo prendeo ſeus pés em ferros:
Naſceo puro, innocente, naſceo juſto;
Mas perverteo-ſe em fim cedendo aos erros.

Co-

28

Coarctou ſua doce liberdade
A ponto de encubrir tudo o que ſente;
No principio a Verdade lhe inſpirava,
Hoje he louco chamado, ſe não mente.

29

Em fim por cume da cruel deſgraça,
Que elle por ſuas mãos proprias forjára,
Se víctima não quer ſer da franqueza,
Do peito ſentimentos não declara.

30

Seu círculo he poſſivel, que pudeſſe
O homem reduzir a tão eſtreito,
Que não poſſa explicar d'alma as idéias,
Sem da Verdade víctima ſer feito?

31

Ente o mais infeliz por tua culpa,
De quantos fez viver a Natureza;
Deixa-te confundir, penſando hum pouco
Do teu prezente eſtado na eſtreiteza.

32

Clara Verdade! a quem os Deoſes juſtos
Inſpirar-me talvez hoje mandárão..
Ah! dictame a favor dos cegos homens
Verſos, que n'outro tempo os illuſtrárão.

D'

33

D'hum Principe fiel, que de Congfuzio
Já tinha a rectidão na mocidade:
A lembrança me encheo de altas idéias..
Ah! dícta-me verdades, sã Verdade.

34

A dor he de Ariadna o certo fio,
Que me guia no escuro labyrintho,
Tanto da sã Moral, como no estreito
Atalho da razão, que hoje vos pinto.

35

O destino cruel roubou-nos fero
Hum Principe entre os mais tão excellente,
Que a lembrança das suas qualidades
De Phebo excita em mim a chamma ardente.

36

A pura Gratidão faz que interpréte
Do Principe melhor os sentimentos,
De sua alma fiel as sans idéias,
Do terno coração os movimentos.

37

Sendo pois minha Guia hum sabio Augusto,
Que de aos homens ser útil, foi morrendo
Entre os fieis dezejos, nada admira,
Que eu lhes queira ser útil escrevendo.

Des-

38

Desde que os homens açaimar quizerão
Suas boccas, e ás mãos lançar algemas;
E das rans ao exemplo, Reis pedírão
Do Ceo ás Divindades mais supremas:

39

Desde que elles se vírão obrigados
A pedirem aos Ceos Pompílios justos,
Que defendendo as Leis á sua sombra
Os deixassem dormir livres de sustos:

40

Desde que para o bem das Sociedades
Entre os homens ha Reis, cujo cuidado
Sciencia, zelo, e valor á seu proveito
Se veja unicamente destinado:

41

Desde que o Mundo Principes obteve,
Nenhum com tantos rogos foi pedido:
Dos Antíochos, Cyros, nem Seléucos
Nenhum foi por seu povo tão seguido.

42

De quantos no áureo Templo da Memoria
Vem cercados de luz seus limpos bustos
Em premio do cuidado, que empregárão
Pelo nome alcançar de bons Augustos.

43

Dos bens, que póde dar a Natureza,
Mais ornado nenhum ao mundo veio;
Trouxe do grande Avô as qualidades,
Benigna a Mãi lhas deo dentro em ſeu ſeio.

44

O Primeiro Jozé, o forte Alcides,
Que Lizia te livrou de crus abuzos,
De vís ſuperſtições, brutos coſtumes,
De vans inclinações, bárbaros uzos:

45

O amigo dos Solões, dos Philoſtratos;
O Protector das Sciencias, e Artes bellas:
Que em terra fez temer teus eſtandartes;
E reſpeitar no mar as tuas vélas.

46

Por hum ſeu Fenelón ſabio, e ſezudo
O coração pulio do lindo Neto:
Das puras mãos deſte avizado Meſtre
Sahe Jozé inſtruido, ſerio, e reto.

47

A cuidadoza Mãi, que vigilante
Nelle hum completo Rei formar dezeja,
Mais a hum novo Ariſtóteles o entrega,
Que da ſua inſtrucção os paſſos reja.

Eſ-

48

Eſtes dois ſabios Meſtres cuidadozos
Tanto por noſſo bem ſe deſvelárão,
Que em quatro Luſtros inda não inteiros
Dois Principes perfeitos nos formárão.

49

Hum o vivo João, que o Ceo nos guarde:
Outro o morto Jozé..que em vão choramos,
Por quem..triſtes de nós..em vão gememos,
Por quem..em vão as tranças arrancamos.

50

Trinta vezes o Sol não tinha entrado
Do redondo Zodíaco nas cazas,
Deſde que por Jozé naſcer aos Luzos
Vio ternos Vivas ſacudir as azas.

51

Já tinha de Sabíno as juſtas luzes,
A arte de Pergéo rival do engano:
D'Artémon as idéias engenhozas,
E o tezoiro immortal de Pediano.

52

Entre os alumnos do fatal Mavorte,
Mas neceſſario por fatal deſgraça:
Era ſabio Turéna, Címon juſto,
E até já de Proxénes tinha a graça.

O Eis

53

Eis huma copia breve do vivente,
Que no tempo mais crítico o deſtino
Nos roubou a pezar dos triſtes gritos,
Com que aos Ceos nos queixamos de contino.

54

Ah! triſte condição da pobre gente,
Variedade fatal nas creaturas!
O Principe ao naſcer trouſe alegrias,
O Principe ao morrer deixa amarguras.

55

Os goſtos, e afflicções encadeados
Enchem dos pobres homens ſempre a vida;
D' uns n' outros vai ſaltando involuntario,
Té o inſtante chegar ſeu homicida.

56

Nos braços tenros d' huma terna eſpoza,
Croão a Carlos mil gentis Amores,
Na praça de Whitchal ſeu regio ſangue
Sem pejo vertem rábidos traidores.

57

Da humilde Cunerſdorf nos arrabaldes
Frederico.. Victoria.. ás tropas grita..
Eis chega Láudon, que lhe arranca a palma,
E o põe na confuzão do triſte Arſita.

Híe-

58

Híeron troca pelo arado o ſceptro,
Pelo alto ſolio deixa o campo Numa:
Vio-ſe Icaro em eſcuma convertido,
E Ericina naſceo da mole eſcuma.

59

Eſte certo cahir do ſummo ao nada,
O poſſivel voar do nada ao ſummo:
A paſſagem da dôr ás alegrias,
O ver o goſto convertido em fumo.

60

A alternada mudança neceſſaria,
Se quizermos ſuppôr do homem o eſtado,
Faz com que o variar, tendo por uzo,
Voluvel nunca firma o ſeu cuidado.

61

Diſtrahido mortal, tu que inſenſato
Tua conſtituição cego examinas:
Tu que em chão plano a medo os paſſos moves,
Tu, que outras ſem penſar te determinas.

62

Tu, que ſabio te julgas, e infallivel
Sobre os outros viventes eſparzidos,
Olha que ſem ſentidos não és nada,
E que elles já te excedem nos ſentidos.

63

O alto eſtado te expuz, em que eſtiveſte;
Pintei-te o precipicio em que cahiſte;
Quero pois conduzir-te enternecido
Com os chorozos ais, que eſpalhas triſte.

64

Da tua ſituação tira partido,
Faze nella por ſer o mais ditozo,
Que as várias circumſtancias permittirem,
Forceja por viver menos queixozo.

65

Quando a louca Fortuna entre ſorrizos
Derramar ſobre ti os ſeus tezoiros:
Se as pedras do Oriente em ti luzirem,
Quando te coroarem creſpos loiros.

66

Não te deixes cegar pelos reflexos
Das luzes, que ao redor de ti brilharem:
Nem illudir tambem pelos louvores,
Com que os falſos Filócres te incenſarem.

67

Olha que a Sorte vária he mais conſtante
Em Cézares proſtrar nos Capitólios:
Do que pobres Ventídios ignorados
Aos cómmodos erguer dos altos ſólios.

Quan-

68

Quando erguido te vires, treme, treme,
A quaſi certa quéda já prevendo:
Olha, que o homem louco fez-ſe eſtranho
A tudo o que não he viver gemendo.

69

Do que mais te convem perſuadido,
Buſca a ſanta Virtude carinhoza;
Nos ſeus braços te deita ſem receio,
Nella a mãi acharás mais extremoza.

70

Ella moderará tua inconſtancia,
Nutrirá tua paz, o teu ſocego;
Contra as cegas paixões ha de eſcudar-te,
Ha de vingar-te do Capricho cego.

71

Ella te enſinará a ſer benigno
Com aquelles, que vires abatidos;
Sezudo, ſerviçal, e verdadeiro
Com os outros, que aos Ceos vires erguidos.

72

Ella meſma a teus olhos dará pranto
Na falta dos Varões aſſinalados:
Lágrimas te fará verter ſem ſuſto,
Por quantos merecerem ſer chorados.

El-

73

Ella te animará a dar gemidos
Dos Atalos, e Joães ás triſtes mortes;
Só dos Neros, e Phálares nas vidas
Se não devem ſentir da Fúria os cortes.

74

Homens, chorai em fim para moſtrardes
Que não eſtais de todo pervertidos:
Que inda nos corações guardais apego
Aos bens da alta Virtude eſclarecidos.

75

Quanto he vario o Deſtino! quão voluvel
Dos homens diſtribue as varias ſortes!
A huns caſtiga com eternos loiros,
Premeia a outros com infauſtas mortes.

76

Do ſegundo Jozé, que a Fama eleva
A vida conſervou, vida importante,
Para ver a ſeus pés hoje lançado
D'Oſman Baxá o marciál turbante.

77

O alento lhe guardou, para que alegre
Nas triunfantes mãos de Láudon ſerio
Viſſe reverdecer de novo a palma,
Com que Eugénio illuſtrou Aguias do Imperio.

Pre-

78

Prevendo a gloria, com que heroicamente
De premiar exemplo aos Reis daria
Croando a frente impávida, que em breve
O plano de vencer formar devia.

79

Permittio que Jozé, Jozé Segundo
Fosse vendo croados os seus planos:
Porém do nosso Heroe cortando a vida
Que altos bens não roubou aos Luzitanos.

80

Chorai..chorai..afflictos, noite, e dia
A falta d'um mancebo virtuozo:
Lamentai de Jozé a auzencia dura.
Ah! faze-o reviver..oh Ceo piedozo.

81

Ah Lizia!..vem comigo, e abraçada..
Verás co'a fria campa endurecida
Por seguir da Virtude os documentos,
A Consorte do Principe querida.

82

Verás cubrir com as madeixas soltas,
E humedecer com pranto a lagem dura,
A Espoza mais fiel, que Amores vírão
Desde que de Hymineo arde a luz pura.

Ma-

83

Maria Benedicta, tão ornada
De raras perfeições, de qualidades,
Que do amor de Jozé a achárão digna
Do Olimpo as justas, celestiaes Deidades.

84

Maria Benedicta, oh Luzitanos..
A vossa amiga, cándida Princeza..
Aquella, que em seus braços apertava
O Objecto digno de immortal tristeza.

85

Maria Benedicta inconsolavel,
Em quem lugar não tem puerís mudanças,
Sobre o negro sepulcro está chorando
Suas, e as nossas mortas esperanças.

86

Tristes soluços.. lúgubres gemidos..
Da enlutada Maria em torno voão:
E por entre o vapor, que a Morte exhala,
Os ais batendo as negras azas soão.

87

Com a Espoza adoravel chorar vamos..
Vamos unir aos seus nossos queixumes..
Vamos, que já do Sol a face clara
Vai da Noite apagando os claros lumes.

NOI-

*Jer. de Barros inv* *Graspar Froy sculp*

# NOITE XII.

1

SAUDOZOS do Sol, que fatigado
No regaço de Thétis eſcumozo
Reclinar-ſe já vai: os brandos ventos
Revoão pelo valle, e prado ervozo.

2

Do Sol vendo-ſe auzente o velho Tejo,
Se encoſta adormecido ſobre a Urna,
E da grenha enſopada a agua, que eſcorre
Entre os juncos ſe eſtende taciturna.

Com

3

Com a falta da luz, do Sol diſtantes
As vernizadas frutas, mais as flores
Cubrindo-ſe de lánguida triſteza,
Perdem as engraçadas, várias cores.

4

As rezes innocentes, que animadas
Com o calor do Sol contentes paſtão,
Da Noite intimidadas com a viſta
Das longas várzeas já triſtes ſe affaſtão.

5

Os ribeiros azues, os freſcos rios,
Que c' os raios do Sol trémulos brilhão,
Já cubertos de ſombras tenebrozas
As miudas areias manſos trilhão.

6

As aves, que entre os ramos prazenteiras
Na prezença do Sol humas cantavão;
Outras as brandas penas ſobrepoſtas
Com os bicos ſonoros concertavão:

7

Auzentes delle, e dos ſeus vivos raios
No mais eſpeſſo, e fundo do arvoredo:
Saudozas ſe eſcondem, ſem da Noite
Perturbarem o fúnebre ſegredo.

Po-

8

Porém agora, que do Sol na auzencia
Magoados os Entes produzidos;
Com o pezo das pálidas ſaudades
Eſpalhados eſtão adormecidos.

9

Nós, que perdemos muito mais do que elles,
Pois perdemos tambem as eſperanças,
Comecemos de novo, Lizia amada,
A lamentar da Morte as eſquivanças.

10

Choremos por Jozé.. ſim, lamentemos
A morte de quem tanto nos amava;
A morte d'um mancebo generozo,
Que em fazer-nos ditozos ſó penſava.

11

Ah! quero conſolar-te, afflicta Lizia;
Se tanto conſeguir acazo póde
Hum triſte coração, que magoado
As rubras azas já mortal ſacode.

12

De minha dor entregue ao vário impulſo,
Querida Luzitania, me eſquecia
Referir-te as noticias, que o teu Genio
Trouſe dos campos, onde mora o dia.

Ho-

13

Hoje eſtava gemendo, quando o vejo
Arrebatado vir abrindo os ares
Em buſca do ſepulcro luctuozo
Com roſto limpo de fataes pezares.

14

Logo que me aviſtou, com voz alegre
Gritou.. Ah meu Mirtylo amargurado!
Alvíçaras, .. o Principe, que choras
Reſpira nos Elízeos coroado.

15

Eu já ſentia o coração tão cheio
De mágoas, anſias, afflicções, e dores,
Que o prazer forcejou por entrar nelle
Impedido c' os férvidos clamores.

16

Mas com tudo, a certeza indubitavel
Do ſeu eterno eſtado venturozo,
Algum tanto prendeo o meu tormento,
Conſegui meu pezar menos irozo.

17

Depois de deſcanſar alguns inſtantes,
(Continuou o Genio brandamente)
Venho paſmado ao ver por bagatelas
Os grandes bens, que perde a humana gente.

Lo-

18

Logo que por teus rogos obrigado
Outra vez revolvi os ares ſoltos
Em procura do Principe, que os Luzos
Chorão da Morte no vapor envoltos.

19

Encontrei por acazo hum Genio amigo,
Que chorando tambem triſte voava:
Perguntei-lhe tremendo o ſeu deſgoſto,
Inda mais c'o a pergunta ſoluçava.

20

Inſtei com elle, encaminhando ſempre
Meu vôo a par do ſeu, e com ternura
Me diſſe: Eu vou aos campos deleitozos,
Onde o doce prazer conſtante dura.

21

Vou ver ſe encontro huma alma eſclarecida
Ao lado de Jozé Principe Luzo:
De ouvir ais, e gemidos, brados, gritos
Venho ſoltando o vôo quaſi confuzo.

22

Do Principe, que morto chora Lizia
A carinhoza Irmã já não reſpira:
Abraçado com ella o meigo Eſpozo
Sobre a face mortal em vão ſuſpira.

Em

23

Em vão os Van-ſwietens são chamados
Com Armánia não forão mais ditozos,
Que o forão com Jozé.. Principe digno
De eternos monumentos gloriozos.

24

Accreſcentei então, tambem ligeiro
Impaciente já venho buſcando
O ſitio, onde os ditozos são aceitos
O meu Principe amavel procurando.

25

Para conſolação da amargurada
Rainha Luzitana, vou em buſca
Dos campos do prazer contar ao filho
Quanto o noſſo horizonte a dor offuſca.

26

Em torno de Maria ſoberana
Tres luſtros ha, que a Morte irada vôa:
Matou-lhe o grande Pai.. Pai dos ſeus povos
O Primeiro Jozé, que ergueo Lisboa.

27

Roubou-lhe a illuſtre Mãi, e de étre os braços
O Principe João ſendo menino:
E duas filhas mais, á quem da infancia
A innocencia não deo melhor deſtino.

Suf-

28

Suffocou-lhe do Efpozo o vivo alento;
E depois mais que nunca embravecida,
A fim de ennobrecer mais feus furores,
Ao Principe Jozé tirou a vida.

29

Vida a mais precioza fobre todas,
Quantas cortar o feu furor podia;
Vida, que da alma Ceres c'o as efpigas
Já as frentes dos Luzos guarnecia.

30

Vida, que hoje aos Ulízeos, nobres Povos,
Mais lagrimas amargas tem cuftado,
Do que por Nikarágua virtuozo
A América infeliz tem derramado.

31

E inda não faciada de ruinas
Com o gume, em que tépido fumava
Do Principe gentil o puro fangue,
Matou a Armánia, quando o Irmão chorava.

32

Arrancando porém a illuftre palma
A's mãos da alta Rainha dos Romanos,
Excedendo-a invencivel na conftancia
De fupportar mortaes, tétricos danos.

Qual

33

Qual ſólido penedo incontraſtavel,
Contra quem furiozo em vão ſe lança
O embravecido mar; aſſim Maria
Do Ceo nas decizões ſabias deſcança.

34

Vendo tinha acabado o meu diſcurſo
De novo o Genio a ſuſpirar entrava;
E puchando do ſeu canſado peito
Novos gemidos, com que o ar toldava.

35

Exclamou.. Inda mal, que ſemelhantes
São tanto as noſſas commiſsões violentas,
Tu por Armánia, e eu pelo Irmão caro
Voamos entre nuvens macilentas.

36

Iſto dito obſervei que, muito ao alto
Remontava ſeu vôo meu triſte Guia;
A cauza examinei, e vi-me erguido
Sobre o valle, em que o Cérbero latia.

37

Tremendo a voz ergui.. vamos errados..
Eſſe valle, a que eſtamos ſobranceiros,
He o valle horrorozo, onde em vão gemem
Tántalo com ſeus filhos carniceiros.

Por

38

Por iſſo..me tornou, ergui ao cimo
O meu rápido vôo: aos bens celeſtes
Não ſe póde chegar, ſem ſe calcarem
Feros Atreos, pérfidos Thyeſtes.

39

Julgo diſpozição alta dos Deoſes
Dos juſtos começar logo a ventura,
Por ſaberem o mal, de que os livrára
A ſujeição ás Leis, que Aſtreia apura.

40

Não tardou muito tempo que não viſſe
O valle para traz ir-ſe ficando;
E em lugar dos eſcuros nevoeiros,
Doiradas nuvens clara luz ſoltando.

41

Livres já de perigo pouco a pouco
Sobre a terra feliz fomos deſcendo:
E alguns Favónios de pintadas plumas
Vierão para nós o ar fendendo.

42

Huma corda de montes, que formava
Em círculo dobrada huma ária immenſa,
Continha dentro em ſi o Elízeo campo,
Onde a affeição ao bem ſe recompenſa.

43

O monte circular n'hum ſitio roto
Dava rizonha entrada ao reino eterno;
Onde as flores gentís da Primavera
Já mais desfolha deſabrido Inverno.

44

Por mais que em torno os olhos eſpalhava,
Deſcubrir não podia ſenão flores,
Com que a felpuda relva matizada
Avivava em ſeu verde outras mil cores.

45

Os meſmos iguaes montes, que abraçados
Servindo eſtavão de muralha erguida,
Guarnecião Sicómoros, e Murtas,
A roxa Olaia, a Alféna encanecida.

46

Dois corpulentos Loiros enlaçando
No cimo os ſeus viçozos, verdes ramos,
Em ſinal de triunfo ennobrecião
A mageſtoza entrada, a que chegamos.

47

Por ambos irmos totalmente alheios
Do humilde, do terreno trage humano:
Entrámos cheios de prazer inteiro
Pelo reino feliz do deſengano.

Diſ-

48

Diſpenſa-me, Myrtilo, que te conte
O que obſervei no inſtante em que fui dentro;
Não tenho termos, expreſsões não acho,
Com que te eu pinte da Ventura o centro.

49

Livres da monotóna ſymmetria,
Vi por entre os corados Medronheiros,
Cheias de fruta, e flor diverſas ramas,
Salpicava a Gieſta os Azereiros.

50

A terra, que ao pizar-ſe era ſuave,
Forravão ervas mil todas cheirozas,
O Tomilho, Serpão, a Mangerona,
Entre as quaes rebentavão freſcas Rozas.

51

Os Junquilhos, as alvas Campainhas,
Açucenas, Rainúnculos, e os Lyrios,
As ervas matizavão: ſobre os troncos
Os Jaſmins ſe enlaçavão c' os Martyrios.

52

O cheirozo, o eſquivo Alegra-Campo,
E a branda Madre-Silva de mãos dadas
Com os mais altos ramos ſe miſturão
Das Pereiras c' os frutos carregadas.

53

Por entre as folhas, em que mais luzía
O verniz, quanto eſtavão mais viçozas,
Soltavão ſem canſar vozes ſuaves,
Diverſas, lindas aves ſonorozas.

54

Progne, ſem ſe lembrar de antigos males,
Reſpondia á mimoza Philomela;
Cujos cantos alli são tão alegres,
Que fazem qualquer flor naſcer mais bela.

55

Vi lagos mais formozos, que os de Hyría,
Cujas ſerenas aguas cryſtallinas
Erão mais claras do que as do Choaſpe,
Correndo ſobre margens de Boninas.

56

As ſocegadas aguas revolvia,
Enroſcando o ſeu colo mageſtozo
O branco Cyſne, ſem já ter lembrança
Da imprudencia de Phílio rigorozo.

57

Dos lagos ao redor havia aſſentos,
Não deſſes, que a arte faz c'o ferro duro;
Erão ſoltos pedaços de Oiro em bruto,
Que moſtrava em luzir quanto era puro.

A

58

A riqueza das penhas augmentavão
Os vermelhos Rubins, os Diamantes,
Que de miſtura c'o metal doirado
Laſcados ſcintillavão faiſcantes.

59

Vi outras coizas mais, cuja belleza
Explicar-ſe não póde ſem engano:
Eſte o ſitio por onde livremente
Paſſeia em fim ſem ſuſto o erguido humano.

60

Eſte o Reino da candida igualdade,
Onde ao homem fiel faz venturozo
A certeza em que vive, de que nunca
Póde já contra o bem ſer criminozo.

61

Só ás paixões attribuir-ſe deve
Dos homens neſte mundo o prejuizo;
Mas como lá paixões não tem entrada,
Dos juſtos a morada he Paraizo.

62

Achei entre humas altas Larangeiras
O grande Dom Diniz com ledo roſto,
C' o amavel Sydnei de braços dados,
Tratando objecto, que lhes dava goſto.

Vi

63

Vi n'outro lado o nobre Cazimiro
A' ſombra d'uns mui flóridos arbuſtos
Converſando c'o Ariſto, a quem ſevero
Inda chamão por cá os varões juſtos.

64

Vi Trajano embebido com o noſſo
Illuſtre Gil-hianes virtuozo,
Que attendeo de Pacheco mais aos feitos,
Que o Rei, a quem ſervíra valerozo.

65

Tambem noſſo immortal João o Segundo
Com o incorrupto Tello conſultando,
De eſpaço a eſpaço erguia as mãos ao alto,
Como algum cazo triſte lamentando.

66

Vi Buzurge Mehír, Fernando, Alfredo,
Luiz Doze, e com ſeu Nuno João Primeiro;
De todas claſſes vi os homens juſtos,
Que o coração guardárão ſempre inteiro.

67

Vi com ſatisfação, cheios de gloria,
Inteiramente em fim recompenſados,
Todos quantos ſervindo á Humanidade
Forão por fazer bem aſſinalados.

68

E como lá da gloria a maior parte
Consiste do bem feito na lembrança;
Aquelle, que mais útil foi no mundo,
Nos Elízeos tambem mais gloria alcança.

69

Volvia impaciente a hum, e outro lado
Os olhos para achar quem procurava,
Quando ao longe applicando os meus sentidos,
Do Principe julguei a voz soava.

70

Tanto corri, que em fim achei a dita
De o ver entre alegrias encostado
Ao tronco d'uma verde, alta Palmeira,
De outros Principes justos rodeado.

71

Explicar-te porém, ó meu Myrtilo,
Não posso a magestade gracioza,
Que espalhava entre quantos o cercavão
Do Principe a prezença generoza.

72

Hum decizivo ar tinha entre todos;
Todos c'o a attenção, com que o ouvião,
Mostravão que das luzes, e talentos
A superioridade conhecião.

In-

73

Inda nos poucos annos, que o formárão
De Jove arremedava a autoridade,
Quando dos outros Deoſes no conſelho
Expõe em grave tom ſua vontade.

74

Por acazo João Principe egregio,
Filho do Rei Catholico Fernando,
A cabeça voltou, e logo a viſta
Por algum tempo ſobre mim firmando:

75

Soltou em alta voz..aquelle Genio
Julgo, que de entre nós algum procura..
Logo o Principe meu, ſeu roſto volta,
E diſſe ao deſcubrir-me com ternura:

76

Chega-te para nós, Genio agradavel,
De minha terna Lízia menſageiro;
A ſeu Principe chega deſtemido,
Abraça o Neto de Jozé Primeiro.

77

Graças vos dou, ó Deozes, por quererdes
Que eu recebeſſe de meus Luzos novas:
Quanto Genio feliz com tua viſta
Minha grata affeição hoje renovas.

Em

78

Em recompenſa da paixão conſtante,
Que obtiverão de mim meus Luzitanos,
Chorárão mais João, que em tua morte
Pelos campos de Heſpéria os teus Hiſpanos.

79

Cada lágrima ſolta, que largárão,
Tinha ſido por mim bem merecida:
Não houve inda Nação, que venturoza
Por ſeu Principe foſſe mais querida.

80

O meu deſcanſo, e paz, a vida meſma
Sempre menos amei, que a gente minha:
Só de ver os meus póvos illuſtrados,
Dentro em meu coração dezejos tinha.

81

Sim, meus Luzos fieis, voſſo futuro,
E agradecido Rei já conhecia,
Da regencia de gentes tão illuſtres,
Quanto era precioza a alta valia.

82

E tanto o conheci, que não me accuza
Aqui meſmo a razão ter deſprezado,
Para vir a ſer útil aos meus póvos,
Por cuſtozo que foſſe algum cuidado.

Por

83

Por elles folheava noite, e dia
O Código da ſábia Natureza:
Nelle aprendi primeiro a conhecer-me,
Para nos homens ler com mais certeza.

84

D'Euclides, com os ſólidos preceitos,
Coſtumei-me ao amor da sã verdade,
Tanto, que dos Cretenſes dera o ſceptro,
Só por lhes não ſoffrer a falſidade.

85

De Plínio, e de Linéo com as fadigas
Da Materia aprendi a força activa,
A fim de promover entre os meus póvos
A cultura em acção conſtante, e viva.

86

De Newton, e Lebnitz as deſcubertas
Nas luzidías azas me elevárão
Dos aſtros obſervar os movimentos,
E as Leis, que ſempre firmes obſervárão.

87

D'Heródoto, Tucídides, Plutarco,
De Lívio, e Jaques Thou a Hiſtoria lendo,
Creei apego aos bens da alta Virtude,
E inſaciavel odio ao vicio horrendo.

Só

88

Só eſta imparcial, ſevera Meſtra
Convencer-me alcançou da ſeriedade
Do cargo, á que o Deſtino me guiava
Deſde a minha primeira, tenra idade.

89

Ella me perſuadio, de que os Eſtados
São inteiras familias numerozas,
De que os Reis são os Chefes obrigados
A fazellas durar ſempre ditozas.

90

Que aſſim como hum bom pai ſómente cuida
Em buſcar de ſeus filhos a fortuna;
Em libertallos de crueis pezares;
Em tecer laços firmes, com que os una:

91

Aſſim hum juſto Rei deve ſómente
Na educação cuidar dos ſeus vaſſallos,
Propondo-ſe com penas reprimillos,
E com úteis affagos animallos.

92

A Hiſtoria me enſinou, que dos Procuſtos
O livre proceder ás gentes moſtra
A dívida a que fica reſponſavel,
Quem os crimes punindo, o mal não proſtra.

Apren-

93

Aprendi, que os Auguſtos imperantes
Vivem a toda a hora tão ſujeitos
A tirarem dos póvos, que governão
Do ſeu público em bem novos proveitos;

94

Que qualquer dos vaſſallos, que o ſeu tempo
Conſome da inacção no mole ſeio,
E cad'um dos mendigos, que obrigado
Pede o pão, que lucrou ſuor alheio.

95

São outros tantos documentos vivos,
Que depõe contra o Pai do eſtado todo,
O qual deve partir ſeus bens de ſorte,
Que de lucrallos offereça o modo.

96

Hum Reino ſecundario, diminuto
Nunca aos Ceos levantar póde a cabeça;
Quando de dar acção geral aos póvos,
Cravando o ferro em ſi cego ſe eſqueça.

97

As antigas Repúblicas durárão,
Porque a todos, o Todo protegia:
E porque ao Todo todos reunidos
Servião ao depois com alegria.

Os

98

Os ociozos ſempre dos Eſtados
Fermentando vão mudos a deſgraça,
Pouco a pouco a ſubſtancia lhes conſomem,
Qual ferrugem voraz, ávida traça.

99

A vil ociozidade he hum dos monſtros,
Que deve pelos Reis ſer debellado:
As fabrís Artes bellas dem-lhe auxilio,
E para as conſervar o píngue arado.

100

De ſéculos em ſéculos correndo
O vão immenſo, que deſcreve a Hiſtoria,
Separando as acções, que anima o erro,
Daquellas, que o ſeu vôo erguem á gloria.

101

Conclui d' huma vez, que a Independencia,
E a Força são as que erguem os Eſtados:
Que d' huma, fertil mãi, foi ſempre a Induſtria,
Nutrem a outra Martes reforçados.

102

De Memphis, Babylonia, Sparta, Athenas
Vi a perturbação lançar as artes;
E fallando em geral, vi a Ignorancia
Ser dos homens tyranna em todas partes.

103

De Luiz Sétimo, e Nono as vans emprezas
Sempre desapprovei como danozas:
Dos Mários, e Alarícos conhecendo
As palmas por sanguíneas, vergonhozas.

104

A antiga, fabuloza idade d' Ciro,
Se era possivel, procurei attento;
E vendo que das mãos dos Reis pendia,
Já dar-lhe me propunha cumprimento.

105

Disposto estava, meus queridos Luzos,
A mesma vida a prodigar contente,
Por cumprir o dezejo, em que eu ardia
De ver-me Rei d' huma ditoza gente.

106

Vendo, que de Anaxágoras á sciencia
Pericles seu saber todo devêra:
E do sabio Platão, luzes tão claras
O applicado Aristóteles houvera:

107

Vendo em Plutarco os sazonados frutos,
Que produzírão as lições de Aumonio;
Meus Mestres respeitei, quanto Graciano
Amou, e respeitou seu Mestre Ausonio.

Tan-

108

Tanto era de fazer feliz meu povo
Sincero, e verdadeiro o meu dezejo,
Que ver nunca podia hum desgraçado,
Sem mostrar no meu rosto hum triste pejo.

109

Porém os Deoses, cuja sã vontade,
Sem obstáculo algum dispõe de tudo;
Já decretado tinha, que da Morte
Cedesse antes de tempo ao ferro agudo.

110

Mas, ó sciencia Divina, que devemos
Todos reconhecer obedientes:
Para encher meu lugar, os Deoses rectos
O meu Irmão creárão providentes.

111

Dérão-lhe hum coração tão bem disposto,
E ao que já me animava tão conforme,
Que certo das funestas consequencias,
Tambem aborrecia o crime enorme.

112

Ao meu lado constante a toda a hora
Tambem comigo o tempo aproveitava;
Com hum puro dezejo de ajudar-me,
As artes de ser util decorava.

113

Em premio de eſtudar a Natureza
Taõ bem chegou a ver, que ella ſómente
Desfruta o privilegio de entre os homens
Produzir generoza, nobre gente.

114

Sabia, que os humanos reſpeitaveis
São aquelles, que a ſabia Natureza
Enriquece com lúcidos talentos,
E não os que a paixão ás cégas preza.

115

Conheceo , que dos homens o mais nobre
He aquelle, que aos outros he mais útil;
Já ſabia antepor merecimentos,
Da Deſcendencia vã á arvore inutil.

116

Por iſſo de entre os homens deſprezava
Só os que via indignos de alta gloria,
Eſſes, que a Natureza produzíra,
Como qualquer metal produz a eſcoria.

117

Quantas vezes as ſuas qualidades
Erguer aos limpos Ceos me não fizerão
As mãos agradecendo-lhes rendido,
Porque benignos tanto o enriquecêrão.

El-

118

Elle era meu fiel, meu terno Acates,
Com quem eu repartia os ſentimentos:
Sempre minhas chamei ſuas idéias,
E ſempre ſeus chamou os meus intentos.

119

Nem os filhos de Atreo, nem Tito, e Lucio
Da fraternal, recíproca amizade
Tanto apertar puderão nunca o laço,
Que de duas fizeſſe huma vontade.

120

E em prova de que nós o conſeguimos,
Nutríamos dezejos tão acordes,
Que animar parecia huma ſó alma
Noſſos dois corações ſempre concordes.

121

Em premio do cuidado com que a noſſa
Auguſta Mãi, e Régia Soberana,
D'ambos a educação auxiliando,
Vigilante imitou Acia Romana.

122

De Cléobis, e Bíton c'o a ternura
No dezejo viviamos unidos
De ajudalla a ſuſter do ſceptro o pezo,
Vivendo ao ſeu querer ſempre rendidos.

123

Obedecer da Mãi á sã vontade:
Os póvos dezejar aproveitados,
Erão ſómente os noſſos intereſſes,
Erão os noſſos ſempre iguaes cuidados.

124

Prendeo hum pouco a voz.. mas tornou logo
Vai-te, Genio leal, vai ſem tardança
Contar como obſervaſte os bens eternos,
Que o homem bem-feitor no Elízeo alcança.

125

A' minha terna Mãi corre primeiro;
E beijando-lhe a mão reconhecido,
Tu por mim lhe agradece a alta ventura,
A que por ſeu amor me vejo erguido.

126

Dos ſeus conſelhos sãos, dos ſeus exemplos
Alegre desfrutar vim o proveito;
Sou nos campos Elízeos venturozo
Do ſeu zelo, e carinho eſte o effeito.

127

Buſca a minha querida, doce Eſpoza,
E jura-lhe, que em premio da amargura,
Que o terno coração lhe vai gaſtando,
Do ſeu fiel Amor na auzencia dura:

A

128

A conſtante affeição, viva, ſuave,
Que ella meſma nutrir ſoube em meu ſeio,
Ao ameno, feliz, eterno campo
Dentro em meu coração intacta veio.

129

Que ſe ella de Cleónide, e Pantheia
Por mim geme no mundo co'a firmeza,
Eu excedo a Nicócles...que não chóro,
Porque neſte lugar não ha triſteza.

130

A meu prudẽte Irmão, que aos Deoſes Santos
Quanto podia ſer, tem ſido grata
A ſua exemplar dor, mais o carinho,
Com que a minha fiel Eſpoza trata.

131

Que em prova de que as ſuas qualidades
Dignas do excelſo trono eu conhecia,
Condeſcendente mais, que Patezítho,
A croa lhe larguei com alegria.

132

Depois buſca o ſepulcro, onde o meu corpo
Entre lavrados mármores deſcança;
E dize á afflicta Lizia, que conſtante
Inutil pranto de ſeus olhos lança:

Que

133

Que do muito, que a amei, lhe peço em paga
Suas queixas ſuſpenda, mais não chore;
Que affague a meu Irmão, pois lho merece,
Que ſirva a minha Mãi, e os Ceos adore.

134

Os braços me eſtendeo por deſpedida,
Beijei-lhe a mão benigna, e ſaudozo
Tornei por onde tinha antes paſſado
De deixar hum tal ſitio pezarozo.

135

C'o a viſta examinava os bens celeſtes,
De que já ſem querer m'ia affaſtando;
Quando ſobre a felpuda, amena relva
Vi quatro Varões ſérios paſſeando.

136

Fiz nelles reflexão, e facilmente
O Pai reconheci dos Luzitanos
Jozé Primeiro, com o Quarto Henrique,
Carvalho, e mais Sully com ſeus Sobranos.

137

Dos noſſos mais alguns Principes dignos
Juntos não muito longe converſavão,
E contentes tambem, vendo-ſe juſtos,
As eternas delicias desfrutavão.

Não

138

Não quiz interrompellos, vagarozo
Da lúcida morada vim ſahindo:
De deixar tanto bem no peito ſempre
Hum triſte deſprazer em vão ſentindo.

139

Em fim.. aqui me tens, brando Myrtilo,
Completei felizmente o teu dezejo;
Chorar me deixa agora em liberdade
Sobre o corpo, já que a alma aqui não vejo.

140

Quem tiver coração ſincero, e puro,
Póde ſuppôr o meu qual ficaria
No fim de narração tão extremoza,
Que as meſmas penhas ſuſpirar faria.

141

Eſta prova de novo indubitavel,
Do carinhozo amor, que nos conſerva:
Da eſtranha vigilancia, do cuidado,
Com que do meſmo Elízeo nos obſerva.

142

No meu ſeio creſcer fez tanto as mágoas,
De que minha ſaudade he mãi fecunda,
Que de novo os gemidos me ſuffocão,
De novo o pranto minha face inunda.

143

O meu pezar levou-me a hum tal extremo,
Que explicar já não poſſo quanto ſinto:
Faltão-me as expreſsões.. o alento falta,
Só com ais minha dor.. ai.. triſte pinto.

144

Principe virtuozo, amavel, ſabio,
Do teu Myrtilo aceita os ais ſentidos:
E os enlutados verſos, que chorozos
Soltou meu coração entre gemidos.

145

De Amarílis gentil, quando os amores
Cantei, fiz jura aos Ceos, jurei á gente
Ao ſom de eburnea Lyra, em cordas d' oiro
Algum dia cantar de ti ſómente.

146

Porém o aveſſo Fado inexoravel,
O deſtino fatal, pérfido, eſquivo,
Arrancando-te a vida precioza,
Tirou-me o goſto de cantar-te vivo.

147

Apenas expiraſte em Lyra triſte
De Ebano, do que a Noite mais eſcuro:
Ao ſom de diſſonantes, ferreas cordas,
Que o meu pranto ao ſoar largavão puro.

Con-

148

Convidando a gemer os Ceos luzentes
Os troncos, penhas, mar, o ſurdo vento,
Com verſos, que o pezar pode inſpirar-me,
Chorando-te cumpri meu juramento.

149

Engraçadas, mimozas, Ninfas ternas,
Cujos verſos iguaes o Tejo eſcuta,
Rodeado de Zéfiros ſuaves
Dentro da ſua freſca, húmida gruta.

150

E vós, ſonoros Vates Luzitanos,
Que dos Gregos herdaſtes a doçura:
Por cujos verſos o Danúbio, o Tibre
Suas frentes guarnecem de verdura.

151

Com loiros coroai os Pátrios Lares,
Livres de ſuſtos, afinai as Liras;
E do traveſſo Amor ora deixando
Os duvidozos bens, as certas iras.

152

Do Principe Jozé cantai vós quanto
Não puderão colher meus verſos rudes:
Veja o mundo, que ſó foi dado ás Muzas
O dom de eternizar altas virtudes.

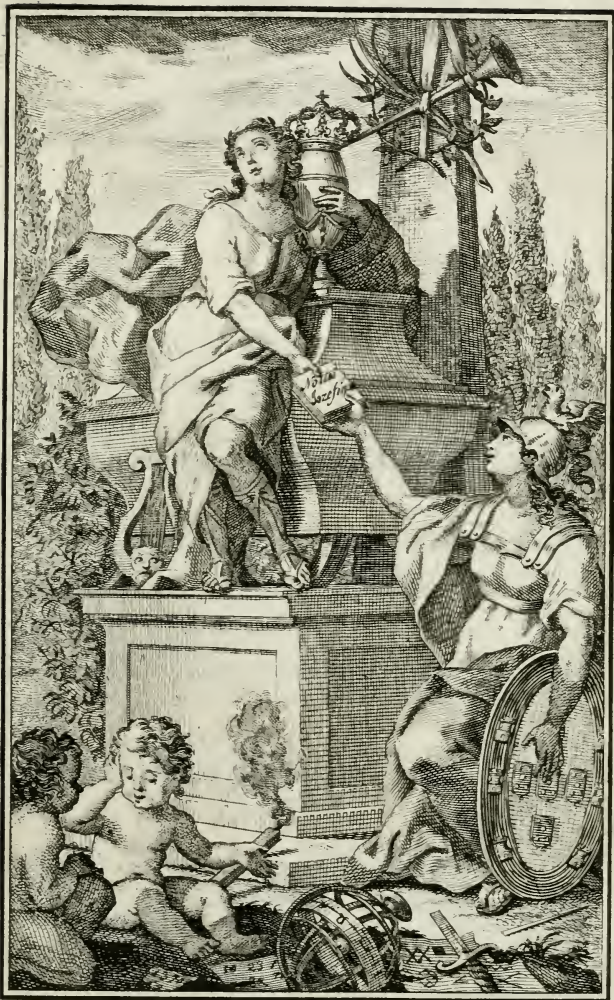
Pru-

153

Prudente, e ſabio, magoado Henrique,
Que á minha grata Lyra dás alento,
Venceo a minha dor, já mais não poſſo,
Calado imitarei teu ſentimento.

154

Entriſtecida Lizia!..ó invictos póvos!
Cahe-me a lyra das mãos, entre anſias fico..
Aceitai eſtes verſos luctuozos,
Que ſobre a fria lagem vos dedico.

FIM.

*Joaó Thomas inv. et del.* *Ramalho. f.*

*Poezias já impreſſas de Luiz Rafael Soyé, que ſe vendem nas lojas de Franciſco Tavares Nogueira, debaixo da arcada; na de Bertrand ao pé da Igreja dos Martyres; e na de Reycend ao Calhariz.*

SOnho Erotico Poema Paſtoril. 8.ª rima. 6 Cantos. 1. vol. 8.º com eſtampas finas, e vinhetas. preço 600. encadernado.

Cartas Paſtoris de Myrtillo eſcritas á ſua Lyra na auſencia da Paſtora Anarda, quadras octoſyllabas. 1.º tom. em 8.º preço 480.

Dythirambos, Poezias Báquicas. 1. vol. em 8.º 480.

Noites Jozephinas á infauſta morte do Sereniſſimo Senhor D. Jozé Principe do Brazil; 12. Noites, quartetos endecaſyllabos. 1. volume com eſtampas finas. 8.º preço 1200. em papel.

*Poezias do meſmo Author promptas para o prélo.*

O 2.º Tomo das Cartas Paſtoris.

Os Idylios, Canções, e Elegias. 1. vol. em 8.º

O primeiro Tomo do ſeu Theatro, que ſe compõe d'uma Comedia Original, *O Pai honrado*, em que o público vendo nella o vicio corrigido, e coroada a virtude, ſe convencerá mais evidentemente do ſincero deſejo que ſeu Author tem, e terá ſempre de buſcar o util por todos os modos que ſe lhe poſſibilitão.

Traducção em verſo endecaſyllabo ſolto da *Phedra*, chéfe de obra das tragedias do delicado Racine.

Dous Dramas.

Traducção literal em verſo dos Salmos de David. 1. vol. 8.º

---

Foi taixado eſte livro em papel a mil e duzentos reis. Meza 23. de Julho de 1790.

*Com tres Rubrícas.*